3 1761 07041748 0

CARLOS R. ALVARÃES
Encadernador
Trab. simples e de luxo
Rua do Olival, 202 — LISBOA
Tel. 691585

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/seroensdesmiguel00cast

Tel. 61135
Rua do

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Serões de S. Miguel de Seide

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA

I

CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

L. da COSTA SANTOS
EDITOR

1510A00

I

SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEROENS

DE

S. MIGUEL DE SEIDE

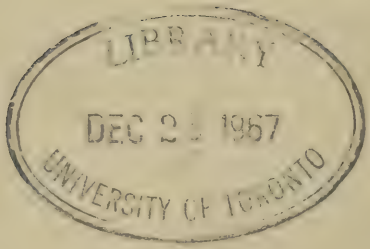
CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA,
CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

PORTO
Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos—Editor
RUA DE SANTO ILDEFONSO, 4 A 6

1885

PQ
9261
C35 47



Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão, Largo de S. Domingos, 57.

SUMMARIO

—

Preludio — Segundo Commendador (historia sentimental) — Questões de vida e morte — O infantilismo dos poetas.

PRELUDIO

Alguns pintores da idade-media, com a Biblia na memoria, pintavam uns retabulos em que se via o milagre de Jonas engulido e vomitado pela baleia. Tocante mysterio!

Mas a piedade do espectador sentia-se intrigada quando reparava e via, depois de um maduro exame, que o propheta Jonas era muito maior que a baleia d'esses paineis. *Coup sur coup*. Milagre sobre milagre! Parece que havia muita fé e pouca zoologia.

Já não ha, na actualidade, quem pinte esses cetaceos em vomitorios de Jonas mais corpulentos que elles; porém, á tona dos pantanos, espadanam uns baleotes mais ou menos bachareis-formados que programmatisam bolsar do seu bôjo um Jonas alitteratado maior do que elles. Acontece todavia que, sendo o conteudo maior do que o continente, o baleote engasga-se, e de Jonas apenas vem ao ar livre a cabeça.

Este exemplo aterrador faz que eu não prometta senão coisas pequenas, quando muito do meu tamanho.

Os Seroens de S. Miguel de Seide são isso.

O mais que prometto é esforçar-me, quanto em mim couber, porque estes livrinhos não levem em si laivos da melancolia d'estas noites hybernaes da triste aldeia.

Devo ao publico semelhante fineza. Nada mais respeitavel que o direito do leitor a não ser molestado na sua sentimentalidade por um sujeito excentrico que premedita vender-lhe as suas nenias redigidas entre penhascos sob a toada gemente dos pinhaes, emquanto a pessoa que lê afoga ou desafoga as proprias maguas nas torrentes crystallinas das orchestras urbanas.

Não se assustem.

Queixava-se A. Herculano, quando collegia os *Opusculos*, das estiradas noites infinitas do inverno em Val de Lobos. Ora, se aquelle lucidissimo cerebro, estrellado de auroras, a dealbarem uma alvorada infinita onde nunca é noite — repleto da historia universal de todos os povos, e dos dramas e comedias de todas as civilisaçoens — não desenrolava lá dentro o incommensuravel sce-

nario d'esses enormes espectaculos, de modo que as noites lhe fugissem instantaneas — que heide eu fazer, memoria obliterada, espirito intanguido, como velha ave desplumada e tiritante na garra de uma harda, entre uma rêde de nervos vibrateis que se estorcem por estas noites de novembro fóra até que a estrella d'alva receba das trevas a providencial missão de me fazer sentir que a vida é bonita! Como é de crer, atrophiados os centros nervosos ganglionares, nas curtas horas de repouso, abro os meus thesouros cranianos, e acho um archivo de prescripçoens pharmacologicas, de varia collaboração, paginas dispersas que perdem o nome de *Therapeutica* para se chamarem uma disfarçada *Physiologia da Morte.*

Possa eu, infeliz baleote arpoado, expellir as substancias indicadas nestas receitas,

e terei vomitado trez boticas regulares; e, se eu me safar d'esta phase de crize com vida para fazer *Seroens*, ahi está um milagre, em materia de vomitorios, pouco inferior ao de Jonas. Ah! todos temos nos respectivos ventres um propheta maior ou menor que nos faz do coração, do estomago e do figado a Ninive amaldiçoada das suas terriveis prophecias epaticas, cardiacas e gastralgicas.

Irmãos! todos somos mais ou menos baleias.

Novembro de 1885. S. Miguel de Seide.

SEGUNDO COMMENDADOR [1]

(HISTORIA SENTIMENTAL)

Aos 55 de edade, o commendador Palhares, liquidou duas duzias de contos adquiridos em trinta annos de trabalho no Brazil e regressou a Portugal.

Pelo tempo que consummiu e pelo pouco que agenciou, bem se deixa ver que mercadejou honradamente. As

---

(1) Diz-se *segundo* porque o auctor já explorou as virtudes de um *primeiro* COMMENDADOR nas NOVELLAS DO MINHO. A' maneira que forem apparecendo, serão numericamente explorados, e é provavel que appareçam muitos commendadores.

grandes-fortunas surprendem-se de assalto; as pequenas conquistam-se de vagar. Em materia de riqueza, os improvisos prosperos são por via de regra infamias felises.

Vinha infermo do figado, hypocondriaco, mais obrigado pelos medicos e por desgostos do que por saudades da patria. Não tinha familia propria nem parentes na sua aldeia—uma povoação triste e montanhosa em Tras-os-montes.

Quando sahira para o Brasil aos 23 annos, ia já captivo da Egreja por ordens sacras. Se lá amou, teve de estrangular as suas paixões para ser decente e honesto. N'aquelle paiz inflammatorio, notaram-lhe a frialdade do coração, a casca impenetravel a beliscoens de mulheres galantes — umas cariocas capazes de converterem um minhôto attarracado, com os pés acastellados de joanêtes, n'um *gommeux*, um estoiradinho, com as flexuosidades e ligeirices de um fauno. Até fóra do Brasil, tenho visto individuos gordos e gibosos, influenciados pela gentil paixão do bello sexo, exercitarem, arrojadamente, movimentos rapidos, volateis, funambulescos, como se o amor os adelgaçasse até á

natureza de sylphos, crispados de cio quando enxergam nymphas de bosque... com *Restaurante* e sallada de camaroens.

Ainda assim não assevero que elles exhibam a perfeita elegancia de Buckingham. O certo é que, quando se tracta de amor, as leis da morphologia humana soffrem muitas excepções. No sexo gentil dá-se a mesma falta de logica. Senhoras muito gordas, espheroides, amam como se tivessem dentro, em corpo e alma, 3 Beatrizes e 2 Lauras. Os paradoxos estheticos pullulam em tudo que diz respeito a regras plasticas organicas — bem me intendem; e tambem sabem quanto é poderosa a acção calorifica sobre os seres organisados. Aqui entra um pouco de transformismo lamarckista e darwinista. O amor quente, em temperatura alta, é evolutivo, grande modificador: pega da materia organisada e muda-lhe a direcção, fasendo explosir novos organismos que virtualmente existiam nas leis organogenicas. A physiologia experimental confirma isto. Consulte-se Claude de Bernard.

*

Palhares regeitára propostas de casamento com meninas bem amoédadas. Esquivava-se com pretextos esquisitos, arguindo-se de impertinente, máo genio, temperamento infeliz e funesto para marido. Nunca revelou ter recebido ordens clericaes que o impediam de amar honestamente, para o bom fim. Suspeitou-se, ainda assim, que uma ou outra mulher lhe chegára ao vivo do coração com as flechas dos olhos, como lá os ha, feitos de melaço, languidez e coriscos. Assim seria; mas, n'esses conflictos, João Palhares inesperadamente mudava de terra, labutando sempre no seu negocio e redobrando na faina, em quanto o preoccupavam alvoroços do seu pobre coração escravo do voto sacramental. «O trabalho ha de salvar-me» dizia elle, sem confidenciar-se a algum raro conhecido que se interessava na sua felicidade, escurecida por longas intercadencias de tristeza que coincidiam sempre com excessos de trabalho — uma especie de phrenezi sem descanço. Encontravam-no então no interior, por mercados sertanejos, a enfeirar os seus generos como um reles mascate, já quando a sua agenciada fortuna o devia dispensar d'esse baixo negocio. Por tanto, na

opinião das pessoas normaes, bem organisadas, Palhares era um maniaco, honrado sim, mas com uma grande pancada na mola.

O nome da sua provincia e menos ainda o da sua aldeia ninguem o sabia. Desconfiavam alguns seus emulos no tráfico que o Palhares, indo para o Brazil já taludo, devia ter praticado algum delicto na sua terra. Insinuavam que as intermittencias de tristeza deviam ser remorsos.

A final, por causa da arrematação de um navio naufragado em que elle supplantára outro licitante, ganhou um inimigo que jurou desmascaral o, indagando lhe a naturalidade e o crime que o expatriára.

Averiguado e sabido o anno da sua chegada ao Rio, foi facil descobrir o passaporte. Esse documento instruiu o processo a seguir. O passageiro disia chamar se João Palhares, filho de Manoel Palhares e Rosa Maria, proprietarios, naturaes de Tourencim, comarca de Villa Real : idade vinte e tres annos, profissão — estudante. Isto de *estudante* fez rir muito o velho corpo commercial, corpo acephalo a que pertencia o averiguador. Predominavam então n'uma cerrada penumbra intellectual uns pachidermes metalisados,

francas bêstas que invectivavam contra os *Gabinetes de leitura*, onde se tomava á noite sciencia e gasosas — uma relaxação dos bons costumes e dos ventres da colonia portugueza.

Não tinham ainda florecido na classe mercantil as vingadoras intelligencias emigradas que mais tarde inalteceram as pequenas fortunas com o precioso matiz dos lavores do espirito. Depois é que luziram n'aquella treva Fernando Castiço, Eduardo de Lemos, Manoel de Mello, Ernesto Cibrão, Lino da Assumpção, Sousa Fernandes e outros que chegaram, por um determinismo biologico, á hora precisa da lucta victoriosa. A civilisação da segunda colonia beocia foi mais precalcionada, morosa e fatigante que a da primeira ingenuamente selvagem. Custou menos a fazer de um guarany um epico do que a introduzir ideias de ortographia nos escaninhos encephalicos dos argentarios da rua da Quitanda, sem vislumbres de sintaxe nem etymologia.

*

O informador, incumbido em Traz-os-montes de averiguar o crime do Palhares, colhêra

as noticias em fonte limpa. O parocho de Tourencim contou o que sabia da tradição. — Que o Palhares estudára para padre; e quando já ia adiantado, com ordens menores, e creditos de bom estudante e catholico, fôra á terra a ferias de Natal em tão má hora que se apaixonára por uma moça tecedeira, a ponto de querer largar o estudo para casar com ella; mas o pai pegára n'um estadulho e o levára adiante de si até Braga — modo de dizer. Alguns condiscipulos do minorista informaram o parocho de que o estudante em Braga nunca mais abrira compendio; cahira n'uma tristeza de urso nostalgico, e toda a sua mania era deixar-se morrer; porém, chegado o tempo de tomar novas ordens, apresentara-se a recebel-as com sancta conformidade, resolvido a ordenar-se e a acabar martyr nas missoens da China. Mas, um bello dia, varreu-se-lhe de todo o projecto do martyrio chinez, e rebentou dentro d'elle a puxar pelos seus direitos inauferiveis o mancebo de vinte e dois annos, com a razão alumiada *a giorno* por uns livros impios que começavam em 1836 a circular em Braga divulgados pelos empregados publicos vindos da emigração. Operou-se no estudante um reviramento

completo como costuma ser o dos apostatas quando os renegados entendem tanto a velha fé que regeitam como a nova fé que adoptam.

Positivamente, participou João ao pai que não queria ser padre; mas, como precisava de ter modo de vida, iria procural-o no Brasil como caixeiro. Respondeu o lavrador que fôsse para onde quizesse; vintem para a passagem que não lh'o dava.

Não sabia o informador como o rapaz se arranjára: iria engajado. O certo é que embarcara e por lá andava, havia coisa de 30 annos, portando-se com a familia, emquanto a têve, de um modo superior a todo o elogio. Referia miudezas: — que o lavrador tivera outro filho e uma filha; que a caza em bens era a melhor da freguezia; mas que o velho Palhares, depois que viuvou, passante já dos 50, deu-lhe a loucura para amancebar-se com varias femeas, e andar com ellas pelas romarias sem vergonha nem recato, espatifando o patrimonio dos filhos em pandegas. Que o filho Joaquim o posera como demente e lhe tirára o governo da caza; mas que a sua cabeça não regulava melhor que a do pai, por que se embebedava todos os dias, grande

puxador de páo, e raro havia feira d'onde não sahisse prezo com a cabeça esmichada entre cabos de policia. Que o velho, quando se viu abandonado das femeas, se deitára de mergulho a um pôço. O insensato tivera aquelle intervalo lucido. Á volta d'elle não havia ninguem que o amparasse. Lembrava-se com remorsos da defuncta mulher, sua martyr, e do João, ausente no Brasil, a quem sequer não respondêra quando o filho humilde lhe participava que lá estava moirejando a vida com honra e com fome. O outro, o Joaquim, redusira-o com a interdicção a um passadio de jornaleiro. A filha, uma rapariga beata, logo que pôde emancipar-se e cobrar umas 50 moedas da legitima materna, metteu-se egoistamente n'um Recolhimento de Braga. Os visinhos troçavam o velho devasso, e os homens serios despresavam-no. As taes femeas, bem vestidas e doiradas de cordoens e arrecadas, mudaram de terra com medo que a justiça as despisse como ladras, e esconderam o seu opprobrio nos alcouces da Babylonia de Chaves e da outra Babylonia de Amarante.

O desamparado velho, pois, não achou pessoa nem coisa que lhe offerecesse refrigerio, se não

um fresco pôço em janeiro. Atirou-se briosamente. Foi um lance de juizo que o absolve de dez annos de asneiras.

*

Por morte do pae, não podia — continuava o informador — apossar-se Joaquim da casa sem dar partilha ao João. Foi deprecada de habilitação para o Rio. João renunciou a parte que lhe coubesse no casal a favor de sua irman; porém, no acto das partilhas, accudiram com embargos os credores do defuncto que absorveram tudo. Os bens praceados não cubriram as dividas.

Na noite immediata ao dia da arrematação, a vasta cazaria agricula de Tourencim resfolegava lavaredas por todas as janellas: ficaram em pé, apenas as paredes mestras. Toda a gente concordemente depunha que fôra Joaquim o incendiario; mas não se lhe provou o crime. D'ahi a mezes, o supposto incendiario recebia do irmão brazileiro uma farta mezada, 60 pintos pagos no 1.º de cada mez. Podia viver regaladamente. Não havia por aquellas serras lavrador que apurasse limpos e seccos 2 cruzados-novos por dia.

Quando foi da acclamação do senhor D. Miguel I em Montalegre, por 1846, o Joaquim Palhares apresentou-se ao Mac Donell, montado na sua garrana, de botas d'agua, com grandes barbas, intrepido roncador com muita farofia. O caudilho miguelista despachou-o alferes de cavallaria de Chaves, e com essa patente foi arcabusado em Braga pela divisão do barão de Cazal.

A irman ainda viveu bastantes annos no Recolhimento da Tamanca, recebendo tambem mezada remettida pelo João; e, quando falleceu no melhor cheiro de predestinada, acharam-se-lhe santos e santas que valiam 150 moedas a olhos fechados. O seu quarto era uma côrte celestial de madeira. Parecia um *Flos Sanctorum* illustrado a páo. Os artifices santeiros de Braga não cessavam de levar ao convento da Tamanca virgens, martyres e confessores, tudo de amieiro e buxo, do tamanho natural, com umas carnaduras sangrentas e olhos piedosos de vidro esbugalhados em extasis; mas tudo tão caro que, a não haver inconveniencia, ousarei dizer que a comedella foi a maior fraude que se tem feito com santos em Braga.

*

Estas informações chegaram ao Rio, quando o commendador João Palhares, atormentado pelas intrigas e *mofinas* dos invejosos da commenda de Christo — recompensa de donativos para não sei qual das mendicidades portuguezas — resolvêra repatriar-se cançado e doente. Embatucara a calumnia. Divulgou-se, porém, que elle tinha ordens sacras. Estava assim explicado o celibato e o *jesuitismo* sob capa de melancolia sôrna. Em vista das informações fidedignas não podiam os patricios esmordaçal-o e desdoural-o d'outra maneira: tractavam-no de *jesuita* pela parte rudimentar que tinha de padre.

Não se lhe descobriram fraudes aduaneiras, nem mercancia de moeda falsa, nem veniagas de escravatura. Os seus haveres, por isso que eram poucos, justificavam a honradez com que os amealhara em 30 annos de canceira. Como, pois, não podiam denegril-o como negreiro ou passador de moeda falsa, chamavam-lhe *jesuita*.

E assim se formou a opinião publica a respeito do Palhares. «A opinião publica — disse

Pascal rasoavelmente — é uma esphinge com cabeça de burro».

Perto de Tourencim, á beira da estrada-real, havia em 1869 uma taverna onde pernoitavam almocreves. Albergara-se ali um hospede a titulo de experimentar os ares da serra, pagando generosamente alguns confortos que o taverneiro lhe proporcionou. Era o commendador — já adivinharam.

O locandeiro não lhe conhecia a naturalidade nem o appellido, nem a jerarchia na ordem de Christo. Chamava-lhe o *snr. João*, e contava que o seu hospede era homem de poucas palavras, muito tristonho e doente do interior.

Havia 33 annos que João Palhares emigrára. Visitava agora muito de espaço os quinchosos da sua aldeia. Não conhecia alguem; ninguem o conhecia a elle. Os rapazes da sua criação eram velhos, sem vestigios do que tinham sido. Os velhos do seu tempo tinham acabado. Viam os aldeãos aquelle forasteiro bem trajado, sentado nos penedos, encostado aos socalcos, com o queixo apoiado no castão

da bengala. Cortejavam-o : — Louvado seja nosso Senhor Jesus Christo. Os rapazitos esfarrapados e tisnados pelo sol pediam-lhe 5 reis pelas alminhas, e elle perguntava-lhes os nomes dos paes e dos avós, dava-lhes dinheiro, e affastava-se dos grupos das mães que o contemplavam com o respeito devido á generosidade das suas esmolas ás creanças. Achavam-no ás vezes parado em frente do terraço onde estivera a casa de Manoel Palhares. O taverneiro contara-lhe que a vira arder em menos de duas horas. O crédor que a tinha arrematado murara um campo com a pedra, e no chão do edificio queimado gradara uma eira onde malhava e seccava os cereaes. Da antiga casa dos Palhares apenas subsistia uma cazota onde o fogo não chegára, e que andava agora arrendada a uma pobre. Que cahira forte praga nas terras do Palhares, disia. Os lavradores que as arrematarem ao desbarato pegaram a desandar, tudo lhes correu mal, e por mais em conta que os filhos queiram vender as terras não ha quem as compre. E' o castigo de Deus, affirmava. Os uzurarios tinham emprestado ao velho doido pelas femeas o dinheiro a juro de 10 ao mez, e

depois aconchavaram-se para arrematar os campos por metade do valor. A casa em que mora a Brites tecedeira...

—Quem?! —interrompeu o commendador com mal disfarçado alvoroço

—A Brites, uma velhota que mora ha mais de 20 annos na cazota que não ardeu. Pois ninguem a quiz comprar, e ainda está a render para as custas á justiça. Essa casa, contava meu avô, Deus lhe falle n'alma, que fôra feita por um padre Palhares a quem o povo chamava o *herege*, e que tinha pato com o diabo, porque não confessava nem disia missa. Pelos modos o padre tinha fechada na tal casa uma femea que trouxera de Braga e 10 dias depois que elle morreu é que se soube, porque a mulher foi-se á sua vida. Pois o povo disia que ella não era mulher natural: mas sim o demonio em figura d'ella, e que desapparecera quando desceu ás profundas do inferno com a alma do padre.

O taverneiro, melhor orientado, concluia que o povo era parvo, e pendia a crer que a amasia do herege fosse mulher legitima em todos os sentidos. O que muito o espantava era a cora-

gem da Brites tecedeira que lá estava sósinha na casota ha vinte annos sem ter medo ao padre nem ao diabo.

*

Uma tarde a Brites tecedeira sentara-se em um toro de castanho á porta do cazebre, aquentando-se á restea do sol e friccionando as magras mãos enregeladas de frio e escoriadas de frieiras. Um gato amarello, manchado de queimadellas do lar, com a cauda em gancho, exercitava as unhas deliciosamente na casca rugosa do cêpo. Uma gallinha muito domestica, n'uma attitude ameaçadora e perfida ao pé do gato, parecia espreitar o ensejo de o picar.

Era terrea, sem soalho, e muito humida a caza do tear; a lareira ainda apagada. A tarde era de principio de novembro; do lado da serra do Mesio sopravam lufadas cortantes, e ao poente a neblina, emplumando os espigoens da montanha, promettia grande nevada.

Tinham contado a Brites que na tasca do Grilo estava um homem de fóra que andava ás vezes pela aldeia dando esmolas de tostão e mais ás creanças; e, como lhe dissessem que

esse bom homem era doentinho, a Brites todas as noites rogava á Senhora dos Remedios que lhe desse saude e longa vida. Ella nunca o vira, porque raras vezes despegava do tear, senão para cosinhar o seu caldo-verde duas vezes no dia; além d'isso, tão cançada tinha a vista que bem podia elle passar em frente da sua porta sem ella lhe distinguir o vulto de qualquer outro.

N'essa tarde viu a tecedeira encaminhar-se para o seu lado a passo vagaroso uma figura desconhecida. Poz a mão aberta sobre os olhos para os defender da luz fortemente deslumbrante do sol, e levantou-se muito cortez quando o commendador se approximava.

— Sente-se que eu não venho incommodal-a — balbuciou muito commovido o Palhares.

Aquella velhinha era a esvelta tecedeira que elle havia amado 32 annos antes. Tinha os cabellos de uma alvura de estriga cortados rentes com as arcadas ciliares. Os missionarios inculcavam ás mulheres as virtudes de semelhante tosquia. Os olhos apagavam-se retrahidos nas orbitas escarnadas. A pelle do rosto, sulcada de rugas, arrepanhada nas proeminencias osseas vestia de pelliculas amarellas as cordoveas da

garganta, donde pendia um rosario de grandes contas de páo tingido com um Christo de cobre zebrado de laivos de verdête.

Ella tinha sido alta, direita, elegante, de grande seio e quadris desempenados. Não podia agora aprumar-se pelo habito da curvatura no tear; as espaduas cavernosas alteavam-se n'um intrugimento de frio, e o peito reintrante, concavo, premia-lhe as costas, derreando-a. Trajava serguilha roixa em fórma de habito de defuncta. Era aquella a formosa Brites que o minorista amára.

O commendador repetiu-lhe que se sentasse que elle tambem se sentaria no mesmo toro nodoso de castanho. Ella teimou em ir lá dentro buscar uma cadeira de sola muito russa golpeada de grêtas, com a pregaria denegrida de ferrugem. João Palhares, a reparar muito na cadeira, sentou-se, e disse que era de bom tempo aquella cadeira.

— Ha 25 annos que a tenho, meu senhor. Comprou-a minha mãe, Deus lhe perdôe, quando se venderam os trastes de uma casa antiga, a dos Palhares, que era ali onde está aquella eira. Minha mãe comprou seis; mas eu tive necessi-

dade de vender as outras a um homem da villa que por ahi andou a comprar d'estas coisas antigas.

— Vendeu-as por precisão... para comer?

— Não, meu senhor, foi para mandar dizer dose missas de seis vintens por alma de minha mãe; com mais oitenta e oito que já tinha mandado dizer, eram um cento certo. Quando ella deu a alma a Nosso Senhor tinhamos 20 moedas de ouro. Teve um officio de 40 padres a dose vintens e vela, e trinta missas no dia. As lavradeiras mais ricas não se gabam de melhor enterro.

— E depois... veio a miseria...

— Ágora veio a miseria! Eu peguei a trabalhar, e ganhava um tostão por dia que me chega e sobra. Nunca, bemdito seja Deus, pedi nada a ninguem nem peço; ora agora, como estou muito velha, quando não poder trabalhar, pouco viverei, e o habito em que me hãode amortalhar já ali o tenho na caixa.

— Então vocemecê ainda conheceu essa familia Palhares...

— Como as minhas mãos. A tia Rosa, casada com o tio Manoel, ainda era nossa paren-

ta; e o marido era meu padrinho. Deus se compadeça da alma d'elle... que ella era uma sancta.

— E tinham filhos ?

— Tres, meu senhor. O mais velho era o senhor padre João... isto é, elle não chegou a subir ao altar; estudava para padre, e foi para o Brazil... por motivos que Deus sabe.

— Algum crime...

— Credo! crime não, senhor. Elle era um anjo! Tão boa fosse a minha alma como era a d'elle.

— Morreu ?

— Isso não lhe sei dizer a vossa senhoria. Aqui ha coisa de 20 annos ainda era vivo; porque a irman recebia do João uma mezada. Depois que a irman foi dar contas a Deus, nunca mais ouvi fallar d'elle. Quer morresse, quer não, rezo-lhe por alma todos os dias.

— Vê-se que foi amiga d'elle.

— *Amiga* não, snr.! — accudiu a velha com energia.

Brites dera á palavra *amiga* uma interpretação synonima de *amazia;* porque na rusticidade aldean das provincias do norte não se comprehende a *amiga* em outro sentido. O com-

mendador recordou-se então do dialecto da sua terra e emendou:

— *Amiga:* quero dizer *affeiçoada*... Se sentia por esse rapaz sentimentos honestos e virtuosos, perguntava eu.

— Isso sim, snr. e por mais ninguem n'este mundo, Deus o sabe; e, se pequei por lhe querer tanto, tambem padeci muito, e nosso Senhor Jesus Christo me perdoará pela sua infinita misericordia.

Entrou a soluçar e a enxugar com o avental de estopa as lagrimas.

— Mas... — atalhou o commendador — porque padeceu? quem a fez padecer? foi a ingratidão d'esse homem?

— Ingratidão, não snr., que elle não me devia nada, bemdito seja Deus. Nem elle nem eu temos de dar contas das nossas ruins acçoens. Elle foi lá para a sua vida trabalhar, e nosso Senhor sabe o que custou a amanhar o pão quem não estava affeito a puxar pelos braços. Esqueceu-se de mim... paciencia. Tudo esquece n'este mundo onde a gente vae de passagem para o outro. Tambem eu, quando minha mãe morreu, cuidei de estalar, e que nunca mais teria

uma hora de relêgo na minha paixão. Pois ella já lá está á minha espera ha mais de vinte e dois annos, e eu estou aqui viva e san. E' tudo assim: quem morreu, morreu; e, diz lá o ditado, longe da vista, longe do coração.

— Mas — instava o commendador — que foi o que vocemecê padeceu pela ausencia do tal rapaz?

— Porque fiquei com os meus creditos perdidos, meu senhor; fiquei tida e havida como má mulher, percebeu agora vossa senhoria? O pai d'elle — que isto não peze á sua alma — espalhou que eu era *amiga* do seu João, e que fui a causa de elle não se ordenar e ir por esses mares fóra. Chamava-me os peores nomes que se podem chamar a uma mulher; e toda a gente o accreditava, menos minha mãe, e o meu confessor, e Deus que via a minha innocencia. Por ahi, os môços que me tinham pedido a minha mãe, depois apupavam-me; e as donzellas voltavam-me as costas e não ajoelhavam á minha beira na egreja. Eu fugia de toda a gente, e por ahi diziam que era vergonha. O meu confessor, quando me encontrava, passava-me a mão pelo rosto e dizia: «Pobre rapariga, pobre rapariga, espera em

Deus a justiça já que n'este mundo não t'a fazem, e eu não posso como teu confessor defender-te em publico. Soffre com paciencia o teu purgatorio n'este val de lagrimas». Parece-me que estou a ouvir o snr. padre Antonio de Villarinho. As unicas pessoas que me julgavam boa morreram cedo — era minha mãe e o meu confessor. Depois, cheguei a querer fugir da terra e ir servir longe, onde me não escorraçassem; mas a minha mãe estava entrevada, muito velha, como eu sou agora, e dizia-me que eu, se fugisse, dava rasão ás linguas do mundo. Passei alguns annos sem sahir de casa, sempre a tecer que até o coração se me coseu com as costas; só aos dias sanctos ia ouvir missa de madrugada á egreja de Tuloens, e á sahida deitava o avental pela cara para me não conhecer o povo.

O commendador contorcia-se. As fauces sêccas, os olhos humidos, uma constricção de pharinge, como um spasmo que lhe subia, esôphago acima, das regioens inferiores. Era um accesso de hypocondria, uma invasão de tristeza negra, biliosa em que os rebates do seu primeiro amor faziam pequena implicancia. Estas intermittencias afflictivas, que a medicina attribuia á dia-

these nevropathica, atormentavam-no a miudo, e quase sempre começavam por um acto psycologico — por exemplo, uma saudade, uma vaga reminiscencia da sua juventude; ás vezes, a ideia subita da morte pavorosa, um tumulo fechado, o silencio eterno assistindo á pulverisação de um cadaver purulento e de uma hypothese de alma encharcada na podridão lamacenta do seu involucro.

*

— Porque não escreveu a esse homem contando-lhe os seus infortunios? — perguntou o commendador escondendo as lagrimas.

— Eu não sei escrever, meu senhor; e, ainda que soubesse, que montava escrever-lhe, se elle não podia remediar nada?

— Quem sabe...

— Cazar comigo não podia, porque já estava prezo á Egreja. Que lhe havia de eu pedir? Esmolas não precisava d'ellas porque eu cá tinha o meu modo de vida...

— Podia ir para a companhia d'elle...

— Credo! isso então era fazer verdadeiras as mentiras, que o pae d'elle espalhava. Nem o

snr. padre João era capaz de me dizer que fosse para a sua companhia. Não era não. Aquillo era um sancto. A's vezes estavamos um á beira do outro até lá por essa noite fora no eido da minha casa, e nunca elle me poz mão tanto como isto, nem me disse palavra que minha mãe não devêsse ouvir. Vossa senhoria não pode fazer uma ideia!... Pelo que oiço dizer, rapazes assim já os não ha... Emfim, eu não me queixo d'elle. Nada me devia; e, se me não escreveu a contar-me a sua vida, é porque elle bem sabia que eu não podia lêr as cartas nem responder-lhe. Só Deus sabe a minha alegria quando me contaram que elle estava rico e dava muito dinheiro aos irmãos. Se eu soubesse escrever ou tivesse alguem que m'o fizesse, dava-lhe então os parabens; mas dei muitas graças a Nossa Senhora pela boa sorte d'aquella creatura que tanto chorou ao despedir-se de mim...

— Mas esqueceu-a.. murmurou o commendador.

— Pois sim, sim... – volveu ella com resignação — eu não digo menos d'isso. Eu era uma pobre tecedeira... Faltavam-lhe a elle lá brazileiras bonitas... — acrescentou entre sorriso e lagri-

mas — Por lá se distrahiu... Quem nunca esquece é quem fica, meu senhor... Tudo m'o trazia á lembrança por aqui; via-o em toda a parte onde estivera com elle, desde muito pequena, quando iamos ambos para o monte com as ovelhas, porque em minha casa havia um rebanho antes de meu pae, que Deus haja, jogar nas feiras d'anno uns campos com que viviamos muito remediados. Depois foi que minha mãe se apegou ao modo de vida de tecer, e mais a minha irman mais velha que casou...

— Já morreu a sua irmã?

— Ha muitos annos, e já morreu tambem, faz quatro annos para as segadas, um meu sobrinho que era afilhado do snr. padre João... Estou-lhe sempre chamando *padre* João... Ficaram tres filhos do meu sobrinho que cabiam todos n'um cêsto. Trouxe-os para onde a mim e creei-os como pude e Deus sabe como. Assim que foram crescidinhos pul-os a servir porque não tinha que lhe dar. Por ahi andam a guardar o gado por casa d'esses lavradores, e na noite de Natal vêm consoar comigo todos os annos — uma consoada de lagrimas, a fallar a verdade, ao menos para mim, que me lembro da noite de Natal da

minha casa quando eu era menina como elles. Juntavam-se todos os parentes; eramos deseseis pessoas á meza, uma alegria, sancto nome de Jesus! Ainda bem que os pobres rapasinhos não conheceram a abundancia... Sempre desgraçadinhos! Quando o pai morreu, de maleitas, na Terra Quente, onde foi ás segadas ganhar a vida, já as creanças passavam muitas fomes; e, como já não tinham mãe, andavam á matroca por casa dos lavradores que lhe atiravam uma côdea sêcca como a uns cães. Emfim, vossa senhoria queira perdoar o meu atrevimento de lhe estar a contar estas desgraças que não lhe importam. E' vezo de velhas, que vivem sosinhas como eu, darem muito á lingua quando topam quem queira atural-as. Faz-se escuro, e está muito frio, meu senhor. Com bem passe a noite, que eu ainda vou fazer a minha ceia que não lhe offereço porque é caldo vêrde mal adubado e boroa — concluiu, sorrindo.

O commendador apertou-lhe a mão que ella lhe concedeu com hesitação, por não se achar acostumada áquella etiquêta ainda então desconhecida em Tourencim. Parece que Brites receava que o forasteiro lhe quizesse dar uma

esmola, e doía-lhe ter a soberba de a regeitar.

Elle afastou-se com o seio arquejante e turgido de soluços represados. Era o espasmo nevrotico da hypocondria, uma tristeza estranguladora.

*

Espalhou-se pela aldeia que o hospede do Grilo, tendo melhorado dos seus achaques com os ares benignos de Tourencim, pensava em edificar por ali uma casa e comprar terras. Concorreram logo os possuidores dos bens dos Palhares a solicitar a protecção do Grilo para que o seu hospede lh'os comprasse Tambem se vendiam as leiras e cortinhas, que o pae da tecedeira Brites tinha jogado nas batotas das feiras. Os possuidores d'estas terras excommungadas traziam a consciencia atormentada desde que os missionarios varatojanos prégaram que os bens d'este mundo, adquiridos fraudulentamente por baixo preço, se pagavam muito caros no inferno; e que o demonio, quando cá se faziam os negocios trapaceiros, escrevia lá no seu rol com lettras de fogo as quantias que os compradores embusteiros lhe ficavam devendo para liquidar

contas nas fogueiras eternas. As mulheres dos proprietarios das terras infamadas denunciavam-se a chorar na egreja, com o terror das penas infernaes, e iam para casa, socias do diabo, atanazar os maridos. — Que vendessem por todo o dinheiro os campos excommungados, ou que os deixassem a monte. — Que raios partissem os varatojanos! praguejavam os maridos; e, dissimulando o seu terror, offereciam, por debaixo de mão, as propriedades por metade do seu valor, mentindo sempre quanto ao valor, a ver se embaçavam os varatojanos, o diabo e a justiça divina, tudo ao mesmo tempo. Fortes velhacos!

Quando, pois, se divulgou a fausta nova de haver comprador ás terras, acotovellavam-se os vendedores á porta da taverna do Grilo, e todos allegavam que as vendiam por menos de metade do custo, e assim o juravam pelas almas de seus paes e mães. O commendador exigiu-lhes as escripturas das compras ou o preço das arremataçoens. Examinados os documentos, notou que os lavradores, graças á influencia dos missionarios, apenas mentiam 50 por cento, e pensavam d'este modo liquidar as suas contas

com Satanaz, desfazendo-se das terras malditas com 50 por cento de lucro. Ainda apparecem nas aldeias portuguezas, onde os missionarios fazem barrelas annuaes, estes brutos innocentes. Tracta-se agora de os civilisar pela instrucção obrigatoria. Imaginem o gráo de velhacaria que elles hãode attingir quando forem instruidos até ao ponto de troçarem os varatojanos!

*

O commendador fez-lhes saber que compraria as terras offerecidas; mas pelo preço por que as tinham adquirido. Aceitaram a proposta depois de regatearem com o Grilo, jurando sempre pelas almas de seus paes e mães que as terras tinham custado mais metade do que diziam os autos, e que os escrivães provavelmente para roubarem os arrematantes escreveram sómente metade do preço, abotoando-se com o resto. Notem a candura engenhosa da calumnia! Até onde chegará a imaginação d'estes fantasistas com o cerebro adubado pelo ensino obrigatorio? Cada aldeia será um alfôbre de romancistas evolutivo de uma estrumeira de malandrins.

Combinados os contractos, aprazou-se o dia

das escripturas em casa de um dos vendedores. O tabellião perguntou o nome do comprador. Indicaram-lhe o forasteiro que apenas conheciam pelo *sur. João*.

— O nome todo de vossa senhoria? — perguntou o funccionario.

— Eu não sou o comprador — disse João Palhares — A compradora é esta mulher que vem entrando.

Voltaram-se todos os vendedores para a porta, e empedraram de espanto qnando viram a velha Brites tecedeira. O commendador ergueu-se do seu tamborête de sola para ella se sentar. Brites olhava para os circumstantes estarrecida. Estava ali sem saber para quê. O Grilo, enviado pelo hospede, foi quem a trouxe para um fim qualquer. Elle mesmo não sabia o fim para que a trasia. A mulher estava pasmada, tinha mêdo, fazia-lhe terror o tabellião com oculos de cobre, e um barrete preto de troçal até baixo das orelhas, e um *cache-nez* em que immergia o queixo inferior.

— Como se chama? — perguntou-lhe o notario, fitando-a por cima dos oculos, com a penna de pato apontada á pagina da nota.

— Eu? — perguntou ella, olhando timidamente para o commendador, como a consultal-o na sua atarantação.

— Diga-lhe o seu nome, snr.ª Brites Ferreira.

— Brites Ferreira, uma creada de vossa senhoria — repetiu ella, erguendo-se com uma mezura.

— Cazada, solteira, ou viuva? queira sentar-se.

— Solteira, meu senhor.

Para obviar ao interrogatorio, o commendador resumiu que ella era natural de Tourencim e residente na mesma povoação.

Lavrada a primeira escriptura que abrangia as propriedades do pai da tecedeira, o tabellião impoz silencio ao fallatorio dos lavradores com um *psiu* carrancudo, e leu: *Saibam quantos virem esta escriptura que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e sessenta e nove, aos vinte e tres dias do mez de dezembro n'este logar de Tourencim, compareceram de uma parte Brites Ferreira, solteira, de maior idade e sui juris, natural e moradora do mesmo logar, reconhecida das testemunhas adiante nomeadas que reconheço de que dou fé.*

Depois, nomeava o nome do vendedor, o das propriedades com suas confrontações, encargos, fóros, etc. E proseguiu *que tudo vende, de hoje para todo o sempre á compradora Brites Ferreira com todos os seus accessorios e pertenças, servidoens actuaes e logradouros pela quantia de dois contos e cem mil reis...*

— O dinheiro para se contar? — perguntou o tabellião á compradora.

Ella, assombrada, olhava para o commendador, que abria alguns rôlos de libras desenrolando-os sobre a meza.

— Conte; — disse elle ao vendedor espavorido — veja se estão certos dois contos e cem mil reis.

Feita a contagem, o tabellião proseguiu, atando o fio.

...a quantia de dois contos e cem mil reis que contou e achou certa de que dou fé.

Exhibiu muitas outras elocuçoens tabellioas de uma inutilidade archeologica, e susteve-se, observando com a penna empunhada:

— Falta o nome das testemunhas.

E voltado para o commendador:

— O nome de vossa senhoria?

— João Palhares — respondeu o interrogado.

Brites erguera-se convulsa, e perguntou n'um murmurio quase inaudivel:

— Que foi que elle disse?!

— D'onde é natural? — tornou o notario.

— De Tourencim.

— Idade?

— 56 annos.

— Estado? e profissão?

— De profissão negociante matriculado na praça do Rio de Janeiro; quanto a estado, aquelle que não se chama nenhum, porque estudei para presbytero e vinculei-me á egreja pelas primeiras ordens sacras. Não tenho estado que se possa definir n'um instrumento publico.

Elle sorria, voltado para o tabellião, quando Brites, n'um tremor, com as mãos postas, e o rosto lavado em lagrimas, cahia sobre os joelhos, a murmurar: «O' virgem santissima, eu estarei sonhando!»

O commendador levantou-a para si, apertou-a ao coração n'um abraço estreito, e disse-lhe: — O primeiro abraço que te dei assim apertado foi ha 33 annos quando me despedi de ti, não foi, honrada mulher, minha sancta ami-

ga? Aqui tens o teu velho João Palhares, tão tarde, ao fim da vida; mas aqui o tens, sem uma só feição por onde o reconheças a não ser por estas lagrimas que são as dos mesmos olhos que tu viste chorar quando nos despedimos.

Brites soluçava, apertando-lhe as mãos, e forcejando por ajoelhar-se, não deante d'elle, mas de um Jesus crucificado que ali estava em um oratorio.

A commoção era geral. O proprio tabellião limpava ao seu lenço de Alcobaça os oculos embaciados de lagrimas. Tinha a fibra dramatica o homem, e disia que a passagem parecia de novella. Os lavradores tambem esfregavam as palpebras roixas aos canhões das vestias de saragoça. Este episodio passou com a sua naturalidade chata d'aldeia. A scena transferida de Tourencim para um 1.º andar da Baixa, reclamaria grande consumo de ether sulphurico e a convergencia dos postos medicos. Não passou a coisa de uma crise de assombros, que o commendador interrompeu, pedindo ao tabellião estupefacto sob a vibração dramatica, que lavrasse as restantes escripturas relativas aos bens que haviam sido de seus pais.

*

D'ahi a vinte e quatro horas sobrevieram as festas do Natal. Brites recebêra a chave da casa onde nascêra, e logo de manhan mudára do casebre alugado com a sua caixa de pinho, o seu catre de tabuas, o seu tear e a sua cadeira de sola com pregagem amarella. O commendador foi consoar com Brites. Estavam tambem os tres netos da irman da tecedeira com os seus sapatos brancos, chapeos braguezes, e roupa nova de saragoça com que o Palhares se prevenira para os agasalhar por fóra e aquecêl-os por dentro com o calor da alegria. Os rapasinhos remiravam-se com a estranhesa idiota das felicidades imprevistas. Mas a ceia corrêra melancolicamente. Os dois velhos contemplavam-se, a espaços, n'uma taciturnidade dolorosa. Estavam ambos com os olhos da alma postos no passado, nas saudades da sua juventude. O que restava d'esse tempo eram duas vidas atrophiadas, já sem coração por onde um raio de contentamento lhes levasse aos nervos as palpitações do amor. Procuravam-se ambos, um ao outro, na sua existencia dos vinte annos, e não se reconheciam em uma

feição sequer. Uma completa desfiguração. Nem ao menos se disiam uma palavra que recordasse alguma das sensações delidas da memoria por trinta e tres annos de ausencia. E então a Brites, que não sabia exprimir com palavras a sua saudade, chorava; e elle, que se illudira esperando contentamentos, perguntava a si mesmo como podéra loucamente esperal-os em tal conjunctura, face a face de uma que fôra formosa mulher e lhe apparecia agora amortalhada nas rugas da decrepitude precoce. Seria querer arrancar ao Impossivel uma aurora chilreada de amores, para a noite infinita da sua alma. Esse milagre fel-o uma só vez na Allemanha o diabo na pessoa do Fausto. Deus não era capaz de tamanho absurdo. Coração morto, ressurreição impossivel. Esta formula axiomatica tanto cabe na *Physiologia da morte* de Bichat como nas estrophes de um poeta elegiaco.

Na sua amargura, ainda assim alentava-o uma ideia dulcificante; é que n'essa boa acção de investir a pobre velha na posse dos bens de seus pais, bastantes á sua decente subsistencia, se o seu coração não tinha de que alegrar-se, a sua consciencia galardoava-o. Era uma honra dar

áquella pobre o patrimonio dos tres sobrinhos que ella apartára de si por não ter pão bastante para repartir com elles.

Não viera, pois, inutilmente á sua terra, pensava elle entre si. Ninguem lhe tinha annunciado que a Brites soffrêra innocente as injurias que raras vezes soffrem as criminosas, as perdidas. Se elle o soubesse, já teria vindo offerecer á pobre mulher um amparo. Devia ser a divina Providencia que lhe inspirou o regresso á sua aldeia, sem lembrar-se de que poderia ainda viver a mulher que lhe transtornára o seu destino. Não tinha outros estimulos que o alegrassem e lhe abrissem, na velhice, um parenthesis de bom repouso. Esperanças, em quê? Mas isso era pouco para quem nunca sentira na consciencia a remuneração de uma longa vida sem mocidade, sem delictos, sem desvios da honra. O pobre homem, que fôra austero com as suas paixões em moço, chegado ao inverno algido, que a fantasia póde remoçar como um escarneo dilacerante, queria sentir os aromas dos seus primeiros annos em flor, ao lado d'aquella gentil rapariga que ali estava agora ensinando aos netos de sua irman uns versos que os varatojanos tinham

ensinado para se cantarem ao nascimento do Deus menino! Ah! a fé christan do commendador não era bastante para estes raptos de devoção lyrica, nem prestava uma copiosa attenção á historia que a velha contava dos tres reis magos, Balthazar, Gaspar e Melchior.

*

Já cantavam os gallos.

O Palhares, passando da casa de Brites para o seu aposento na taverna do Grilo, ia dizendo comsigo: «A minha amargura é enorme como o tedio da vida. Se o trabalho me não salvar, virá a tristeza abafar-me até me matar. Eu vim aqui buscar uma dor que não conhecia, e me está esmagando — a saudade, a atroz certeza de que nada me pode dar o passado nem melhorar o futuro.»

Apoderava-se do nevropatha o demonio da hypocondria — uma d'essas agonias que a um tempo despedaçam o corpo e a alma.

*

Na eira onde o incendio esboroou a casa dos Palhares, em poucos mezes ergueu-se outro edificio renovado, mas construido com a alvenaria da antiga casa. O commendador mandára desfazer os muramentos levantados com a pedra ainda ennegrecida das lavaredas, e repôl-a, guardando o plano que tivera. Elle mesmo se lembrava das menores divisoens da caza; e outros homens mais antigos assistiam á reposição do material sobre o traçado primitivo.

Parecia andar distrahido e até contente nesta freima o commendador Palhares. Era o trabalho, a actividade com um destino que lhe despontava os espinhos da tristeza. Passava horas, sentado na cadeira de sola, á porta de Brites; e ella sentava-se a fiar no banco de pedra tôsca onde, em noites de luar, em quanto a mãe não se deitava, se assentára ao lado do João Palhares. Os pequenos andavam pela serra com os seus bois e o seu rebanho de ovelhas. A lavoira de Brites era mediana; mas bastava-lhe o grangeio para o seu farto passadio. Tinha creados e jornaleiros. Sentia-se feliz; rezava muito, e attribuia o reviramento da sua vida ao patrocinio do seu Anjo da Guarda, sobpondo

o commendador em posição respeitavel, mas subalterna.

O commendador, concluida a casa e trastejada modestamente, foi habital-a; mas as sensaçoens recebidas na soledade daquelle cazarão ermo, escuro e frio não responderam á sua perspectiva. Era um visionario aquelle infermo sonhador! Tinha lances de vista psycologicos que só aos poetas são permittidos. Contava com uma suave melancolia encostando-se ao parapeito da janella do seu quarto de rapaz, imaginando-se a tirar os significados do seu *Magnum Lexicon*, ou contemplando o esvoaçar dos corvos e das aguias por sobre as ameias do castello romano do Pontido. Lá foi encostar-se ao parapeito, trinta e tantos annos passados, e a tristeza que sentiu não tinha suavidade alguma ; era um duro transe de alma em que não havia, se quer, o desafogo das lagrimas — uma especie de tedio da vida peor que o frenezi da desesperação.

A's vezes pensava em voltar para o Brazil— ir trabalhar, cançar o corpo e o espirito. Um conhecido de Villa Real dizia-lhe que fosse para aquella terra, e empregasse a sua energia n'um negocio de seguros resultados, 300 por cem e

mais. Que desse dinheiro a juros. Asseverava-lhe que uma duzia de contos bem administrados, era obra para dar oitenta contos em dous annos. Citava exemplos, duas duzias de exemplos de capitalistas que tinham começado a emprestar doze vintens sobre umas botas, e estavam de posse das casas brazonadas dos antigos fidalgos da terra. Que fosse, e veria como o figado se lhe desopilava, por que, alem da usura, Villa Real tinha agua muito pura e excellentes hortaliças.

*

Um dia, o commendador mandou comprar tres cartilhas de apprender a ler e trez *Manuaes encyclopedicos*. Chamou os sobrinhos de Brites e principiou a ensinar-lhes o *abc*. Entreteve-se algumas horas, e começou a sentir-se bem, com o pensamento preoccupado no alcance remoto d'aquella obra. Os rapasinhos estudavam muito e andavam muito alegres. Outros pequenos, filhos de lavradores e jornaleiros, tinham-lhes inveja, queriam tambem estudar; mas não se atreviam a pedir ao snr. commendador que os admittisse, que os ensinasse. Porém, um dos

rapazes mais pobres teve a coragem de lhe pedir pelo amor de Deus que o deixasse ir á escola.

—Vem, disse o commendador, e venham todos os que quizerem vir, que eu dou-lhes as Cartilhas e as Tabuadas.

Encheu-se a casa de rapazes de toda a freguesia, os abastados e os indigentes. Era um chilrear de estorninhos todas as manhans á porta do commendador. Entravam com os tamancos na mão, atirando com os chapeus de palha ao lajêdo do pateo; pediam-lhe a benção e alinhavam-se nas suas bancadas soletrando infernalmente as suas liçoens n'uma grande berrata. E o professor sentia se bem. Nem nevrozes, nem hypocondria, nem flatos, nem calores no abdomen, nem espasmos nos gorgomilos. Costumava a doença quebrantal-o na primavera; mas passaram duas primaveras sem uma nevralgia, sem uma insomnia. D'antes alimentara-se a leite e ovos; agora comia orelha de porco e digeria os feijoens respectivos sem a mais ligeira ameaça de flatulencia. Bom, vigoroso, alegre, promettendo longa vida.

E tem hoje setenta e quatro annos feitos, e

ainda ensina a lêr, incansavelmente, os filhos de outros que já adultos foram seus discipulos.

Os trez sobrinhos netos de Brites trabalham na lavoira de sua tia e dirigem a do commendador de quem provavelmente serão herdeiros. Em todas as casas de Tourencim ha mais ou menos instrucção do *Manual Encyclopedico*; e ainda assim as crenças religiosas não tem soffrido abalo importante. De trez em trez annos, apparecem os missionarios que o commendador hospeda bizarramente, dando-se como exemplo de catholico-romano aos seus visinhos. Elle mesmo incute nos seus discipulos ideas religiosas, porque não sabe com que hade encher na alma homana o terrivel vasio que fica, perdida a fé. Vê-se que não está bem orientado, não sabe os modernos processos que exterminaram Deus; mas é feliz. Tambem não tem o bom habito de rezar; mas a Brites reza pelos dois.

*

Não tenho dados sufficientes para poder formular a mentalidade erudita de Tourencim; mas asseveram-me que já este anno por lá circularam alguns numeros do *Seculo* e da *Idea*

Nova. Se isto é verdade, receio muito que os discipulos do commendador, armados de fouces rossadouras, imponham, qualquer dia, ao abastado mestre a liquidação social.

QUESTÃO DE VIDA E MORTE

I

Um titulo hyperbolico, mas sem presumpção enfatica. Se ha lance em que a vida e a morte, sem methaforismo, se travem e questionem é a da Hygiene, da Sepultura, dos Cemiterios e do Cadaver esmordaçado pelas larvas ou torrado pelo fogo. Ahi palpitam duas maximas theses: a saude orientada pela hygiene, e a morte considerada na sua missão conhecida — a putrefacção. E a connexidade das duas theses é

tamanha e tão intima que do apodrecimento se auferem preceitos para sanear as contingencias morbidas. A chimica extrahe do morto illaçoens balsamicas para a vida; porque a podridão do cadaver influe quase benignamente na podridão dos vivos. Quanto á corrupção, vivos e mortos podem pedir messas.

Acham que estou em maré de paradoxos?

Pois ha espiritos que os acceitam na região da fantasia, com a condicional de chamarem-se *mysterios*, *dogmas*, *religiões*. Mas, se se tracta do corpo humano em esphacêlo, esse pôdre estôjo da alma que se inferna ou emparaiza — que vae para Deus quando não vae para o diabo — apenas se permitte que elle, uma vez por outra, possa ressuscitar como o pae de Santo Antonio de Lisboa.

*

Estes assumptos — *hygiene*, *sepultura*, *inhumação* e *cremação*, tratou-os em *Conferencias* com o proposito que logo se verá, e reproduziu-os, no corrente anno, em livro, o professor de medicina, Ricardo d'Almeida Jorge. O livro intitula-se *Hygiene social applicada á nação portugueza*.

Ninguem farisque nestes artigos a critica scientifica das theorias competentemente discursadas pelo professor. Quem de mim formasse, a serio, esse juizo, não deveria esperar que eu lhe admirasse a esperteza: e, se o seu intuito, suppondo-me gratuitamente arbitro nesta causa, fosse capitular-me delicadamente de *tólo*, não o poderia fazer de maneira mais expressa e com uma ironia mais perturbadora da minha fleuma encallecida. Mas, afinal, havia de ser custoso deslindar qual dos dois fôsse o mais cretino: eu a dar o quilate scientifico do livro, ou o saloio velhaco a fazer-me troça do desvanecimento pedante.

Por tanto, perante as pessoas de juizo desde já e em minha defeza declaro que não discuto nem se quer contrasto se são todos oiro de lei os fusis da corrente em que Ricardo Jorge encadeia a sua implacavel controversia. O mais que farei é trasladar, ou pouco mais, porção d'esses elos que me prenderam a mim pelo prazer e pela admiração — duas galvanisaçoens raras nos meus nervos marasmados. Esses relanços do livro transcripto ou são exemplares de vernaculidade, ou de causticidade tartarisada-

mente litteraria, o que é muito melhor. Se são tambem modêlos de justiça ou de iniquidade o leitor sabio e pio decidirá. O *pio* aqui, e a taes horas, talvez seja de mais — uma superfluidade seiscentista. Os leitores pios ordinariamente não bordejam por estes pantanos de *chronicas* profanas em que se fabricam ideias com chimica, e em que a psyche, quanto a importancia biologica, não a tem mais relevante que Pilatos no *Credo*.

A minha subjectividade n'este escripto é toda e simplesmente edictorial — o lavor subalterno, mas aprasivel, de quem organisa *selectas*.

No que eu talvez me illuda é em presumir que a minha admiração deve ser epidemica.

Contar eu com applausos gratos de leitores a milhares por eu lhes indicar do modo mais persuasivo — com extractos — um livro bom; e, elles, afinal, com uma contemplação taciturna e a bocca cheia de ideias innatas mas aphonicas, dando a perceber que não se acham fortemente esclarecidos ou fetidos para que se julguem carecidos de hygiene — se ainda esta decepção vem para mim no couce processional das outras — que todas vieram *no* ou *pelo* couce

— então não me pouparei ás supremas violencias do estylo contra o governo, até que elle imponha a todos os auditorios e leitores de Ricardo Jorge a instrucção obrigatoria, imposta á vontade rebelde como o arrancar de um olho para salvar o outro.

*

No prologo da *Hygiene social* diz o illustre professor que fôra benevola e até enthusiasticamente acolhido nas suas tentativas de conferencia publica. E acrescenta: «Que estas palavras, impensadas talvez, filhas de um arrebatamento tão natural e legitimo, não vão fazer desabrochar a idéa má de que o conferente applaudido no posto de combate se julgou guindado a falsos altares, e deixou expandir tolamente um orgulho condemnavel e uma vaidade stulta. Para longe essa lembrança deprimente: *o que ha a colher d'essa communhão é alguma coisa de mais alto e de mais nobre do que a estreita nota pessoal*» (Pag. VI).

Para quem assim escreve é necessario ser-se parcimoniosa e melindrosamente cauto no enxadrezar locuçoens fervídas sete veses como o chá

de Nicoláo Tolentino. A critica auctorisada —a da faculdade medica poderia ter immudecido, sem offender os bons costumes portuguezes nem empecer ao progresso das luzes; mas não; os medicos fallaram n'uns periodicos que o publico não consulta. A imprensa correntia e encyclopedica tambem elogiou o livro com uma segura consciencia de que não mentia nem provocava contestações. Agora vou eu, na cauda dos empyricos; mas não pretendo — repito — ensinar a ninguem como as grandes idéas brilhantemente formuladas se admiram. O que eu pretendo é desviar a minha personalidade dos olhos do leitor para o deixar vêr pela sua penetração. E d'est'arte terei comprehendido e farei comprehender o que realça por honesta hombridade n'estas expressoens de Ricardo Jorge: *o que ha a colher d'essa communhão é alguma coisa de mais alto e de mais nobre do que a nota pessoal.*

O INFANTILISMO DOS POETAS

EPORTO-ME a Castilho e aos poetas da sua mocidade. Esses é que eram creanças na adolescencia e creanças envelheceram. Por um estranho esforço de ficticio idealismo, exorbitavam da zona commum por esse azul dos sagrados problemas, desviavam-se das veredas trilhadas; e, tirante a vida de relação, e os episodios feminis em que havia poeta que valia por trez homens de espalmada proza, de resto, o bardo

com as suas puerilidades serodias, e defendido pelas nove filhas de Jupiter e Mnemosyne considerava-se superior á plana onde se succedem dynastias implacaveis de ridiculo, desde Aristophanes até Voltaire.

Quanto ao poeta moderno, esse não. A trova pode expirar-lhe jovial, arpejada no mandolim trovadoresco ou na guitarra fadista; mas o semblante ressumbra-lhe sempre a tristura das ideas incomprehendidas. Deixal-o dizer que é sensualista como Musset, sarcastico como Baudelaire e atheu como Richepin. Nos escaninhos tenebrosos d'essa alma, remorde uma preoccupação que o não incita a desfibrar coraçoens de mulheres como Rolla, nem estrangular preconceitos, nem pulverisar as religioens como aquelles dois demolidores, corifeus do satanismo. O poeta portuguez da ultima colheita, por via de regra, é bacharel-formado; não pende a fronte febril de reformas sobre o ergastulo do Portugal hemiplegico, nem se inquieta com o mysterio d'alem-tumulo — essa eterna provocação aos pessimistas que não creem em Deus; queixam-se, porém, amargamente porque Deus não se lhes manifesta.

O nosso poeta não quer saber d'isso. No que

elle pensa, sem redusir o pensamento a alexandrinos, é em ser despachado delegado do procurador regio; e, emquanto o oiro do seu sonho não se amoeda em emolumentos, o aspecto do poeta denuncia tempestades interiores e projectadas vinganças de Aristogiton e Spartacus.

*

Eram de outra natureza arcadiana os vates ha cincoenta annos.

Releiam a *Primavera* de Castilho, um livro mais difficil hoje de perceber que o *Mid summer night's dream* de Shakespeare, e o *Segundo Fausto* de Goethe. Mas não leiam os poemas, se preferem os estimulantes aos anodynos. Limitem-se regaladamente a saborear a prosa ante-posta á *Festa de Maio*, na edição de 1837. Ahi vão ver o que é alegria juvenil, que bucolica, que lyrica, que pantheismo! Uns jubilos doidos que tornam aquelles academicos, já homens feitos, um magote de rapasolas a passearem nos barrocaes das suas aldeias um *Maio* vestido de giestas floridas. A scena deve ser contada pelo encantador Castilho.

Depois de aportarem os poetas á *Lapa dos Esteios*, escreve o pontifice da proza:

No alto assentamos o altar do Deozinho Maio; todo elle era verdura; duas columnas, artificiosamente fabricadas de flores, e rematadas com umas maçanetas de egual marmore, se alevantavam dos dois cantos da frente, e communicando-se no cimo por um semicirculo, que na materia e no primor não desdizia do resto, ajudavam a formar uma especie de portico bem formoso e engraçado; os lados, fundo e abobada do recinto eram de ramos verdes de todas as qualidades, bem entrelaçados e bordados de frescas e vermelhas rosas; no meio estava um assento pequeno, á feição de poial rustico, tecido de lustrosas heras, onde se via recostado o Maio em acto mui gentil e com um geito todo seu. Era um menino de cinco annos, louro como o sol, e alvo como a neve, cabellos crespos e annelados, caidos por um e outro hombro: de roupagem não tinha outra de seu, que um aventalinho que debaixo dos peitos lhe descia aos joelhos; o qual, assim como os listoens que de cima dos hombros lh'o vinham tomar encruzando-se por deante e pelas costas estava recamado de cedro e buxo, com sua orla mui accesa de flores de romeira, cravos e rosas: calçava cothurnos de seda escarlate; na ca-

beça ostentava coroa de verdura, e do braço esquerdo como que acenava ás vontades com um cabazinho farto dos fructos do seu tempo: e tudo por modo tal que a bêca se não sabia determinar se o diria nu ou vestido, nem a fantasia dos poetas se o cria simples Menino ou verdadeira Divindade.

Isto parece uma linda pêta imitada de qualquer pastoril de Gessner ou Florian, não é verdade? Qual seria o poeta nosso contemporaneo, nascido nos ultimos trinta annos, que sahisse de Coimbra, Mondêgo assima, com um menino vestido d'aquelle feitio, para o sentar, *em acto mui gentil,* em um nicho de verdura, e pespegar-lhe estiradissimos poemetos ou poemaços como o de Castilho que somma 1863 versos hendecassyllabos! E — o que mais é — seguiram-se a Castilho os outros vates: *fomo-nos uns a outros seguindo com os poemas que levavamos, os quaes em forma de rito religioso, se recitavam em pé deante do altar, fazendo a nossa orchestra uma harmoniosa raia de poema a poema, que para tudo as tardes de Maio deixam tempo.*

Pobre menino! Tantos Herodes para uma só creança!

E estas ridicularias faziam-se, solemnisa-

vam-se em letra redonda ; e ninguem troçava as pieguices menineiras de uns barbados que *em forma de rito religioso e de pé deante do altar* do Menino Maio declamavam emphaticamente versos a milhares, com estribilhos de charanga! E, se elles, os academicos, se lembrassem de vestir-se ou despir-se de satyros e faunos, com as suas espaduas nuas engrinaldadas, e as pernas pilosas com um pé no ar na attitude de se embrenharem arreitados nos bosques em cata das dryadas ariscas? Ah! elles seriam incapazes de semelhante impudicicia pagan. Ser-lhes-ia mais agradavel e consentaneo com a sua candura jogarem o peão e a cabra cega.

Muito tolo devia ser um paiz em que estas rapasiçes se admiravam como esthesia de um ideal poetico!

*

Vinte e dous annos depois (1844), ainda seis poetas, redactores do *Trovador*, festejaram o S. João Baptista na *Quinta das Varandas*, e d'alli poseram a prôa á *Quinta das Canas* para commemorar reverentemente Castilho. *Ao descmbarcarmos*, escreve o inolvidavel João de Le-

mos, *luziu nas almas de todos um sentimento e, de cabeças descobertas, voou dos labios de todos um nome: — o sentimento era a admiração, o nome era Castilho.*

Na festa da nova geração de poetas, alem dos poemas recitados entre a ultima e penultima coberta do jantar, nada houve que espertasse reminiscencias da festa do *Maio* de 1822. Elles podiam catholicamente enthronisar entre verduras um S. Joãosinho com o cordeiro, e haurir d'esse delicioso mytho copiosissima poesia. Maviosamente diz João de Lemos nos seus SERÕENS D'ALDEIA:

Fôra escolhido o dia de S. João, como o sancto que é mais garrido, mais loução e mais poetico do calendario; fôra escolhido porque a vespera nos devia apparelhar os animos com muita poesia soletrada nas alcachofras, no crepitar das fogueiras, nas danças, nos descantes, nas bombas, nos foguetes, e em todo o folgar d'aquella crença do coração que até mouros na Mourama não desdenham.

N'este trêcho ainda resumbra alguma coisa da ambrosía que as muzas dos antigos poetas libavam: são as *alcachofras como fontes de muita poesia para apparelhar animos.* O poeta de hoje

apenas se serve de alcachofras cosidas com molho de manteiga.

Outro relanço que parece retalho da mythologia de 1822: *Durante esta viagem o snr. José Freire de Serpa leu algumas poesias de muita belleza, e tanta que os ramos dos salgueiros attrahidos pelo condão dos versos vinham-se debruçar curiosos nas janellas da nossa camara movediça.*

Ninguem que lêsse os poemas do finado visconde de Gouvea duvída que as suas poesias fossem extremamente bellas; mas aquillo dos ramos dos salgueiros a debruçarem-se nas janellas do barco para ouvirem versos primorosos, póde ser uma imagem que se esfuma na noite dos seculos, mas nem por isso tem graça ou propriedade que a faça renascer. Eu, como poeta declamatorio, em correntes fluviaes, se visse os galhos das arvores a chegarem-se para mim, cuidaria que me queriam bater, e mandaria *remar p'ro pégo* immediatamente.

Querem agora assignalar as differenças progressivas que correm entre o poeta de 1822, e o de 1844, e o actual, o novissimo? Vou dar-lh as n'uma passagem significativa. O meu amigo Alberto Braga, parnasiano elegante e bom prosador

colorista, estando a estudar ou a não estudar em Coimbra, resolveu com outros academicos velejar em um barco, Mondego abaixo. Era tambem em maio. Querem vêr o *Maio*, o loiro menino, que elles tratavam de arranjar para o seu passeio transcendentalmente lyrico? Alberto Braga lh'o contou um d'estes dias, nas NOVIDADES:

«—Que se hade fazer hoje, Alberto? — perguntou um d'elles.

«—Vamos para o rio — respondi logo.

«—Apoiado! — gritaram elles — salta tudo para o rio!

«—Alto! — disse eu — quantos somos nós?

«Contaram-se (prosegue o narrador). Eramos «quatro; e, como fossemos quatro, era preciso — «já se vê! — ir desencantar quatro raparigas bo«nitas, que quizessem ir comnosco». Até aqui o poeta.

Como não arranjassem quatro raparigas, levaram só uma. E depois segue-se uma historia melancolica em que resalta uma moralidade que os antigos poetas não sabiam tirar dos seus estereis e laudanisados poemas.

Ahi está a differença. Castilho e os seus con-

tubernaes em casa de Apollo, se passeavam no Mondego, levavam, como heroe da festa, um menino de cinco annos vestido de verduras e flores. João de Lemos, e os seus romanticos collegas do TROVADOR, tinham na mente as idealidades christans do precursor e primo do Messias. Alberto Braga e os seus tres amigos, não podendo engajar quatro raparigas bonitas como commensaes da sua poesia a bôrdo, levaram parcamente uma como amostra dos ideaes que lhes explosiam das quatro almas. No anno proximo futuro, quando alguns academicos, lyricos e namorados, se reunirem em maio — mez fatidico — para derivarem na faixa de prata do Mondego murmuroso, onde gemeu a linda Ignez, se elles forem quatro, hão de levar comsigo oito raparigas e mais uma de reserva para prefazer as nove musas, bonitas, georgianas, escolhidas a dêdo pelo travesso Cupido na *Praça da Herva*. Quanto a poesia, hão de levar tambem alguns poemas ossianicos, corporalisados solidamente na cabeça... d'Achard, frementes de inspiração a espumar das garrafas de Clicot *frappé*.

Dos trez grupos de poetas, o mais espontaneo e sincero, a meu vêr, foi o de Alberto Braga.

Castilho e João de Lemos representam dois brilhantes artistas que se desviaram da corrente do seculo por um convencionalismo que lhes tolheu boa porção da gloria a que tinham direito.

Castilho victimou-se deleitosamente ás lettras cezareas. Vira Roma desde creança pelos olhos da alma. Se, algum tempo, excursionou pelas regioens romanescas do *bardo* e do *castello feudal*, regressou contricto á sua Roma, deplorando as horas desbaratadas em lisongear paladares prevertidos. O certo é que viveu e morreu em Tibur, sob a olaia, enthesourando joias luzitanas em vasos de ouro ciselados por modelos latinos. Deixou arcas de riquezas philologicas; mas ha pouco quem não renuncie a herança a beneficio de inventario.

João de Lemos vestiu lucto eterno por uma familia resvalada de um throno problematico, e regeitou o convite da grande familia portugueza que o applaudiu nas suas estrondosas ovaçoens, as maiores que se fizeram a poeta nacional. E' triste que debaixo dos escombros do throno desabado do snr. D. Miguel ficasse a corôa principêsca, e inquestionavelmente legitima, de João de Lemos!

PRECO
Por assignatura 200
Avulso 250

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Serões de S. Miguel de Seide

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA, CRITICA SAVIA DOS MAIS LIVRES E PUROS MAIS BELLOS TOMES

II

L. da COSTA SANTOS

EDITOR

II

SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEROENS

DE

S. MIGUEL DE SEIDE

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA,
CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

PORTO
Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos—Editor
RUA DE SANTO ILDEFONSO, 4 A 6

1886

Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão, Largo de S. Domingos, 57

SUMMARIO

—

Capitulo DCCCXXXVII, das minhas «Memorias d'além-tumulo» (2 de novembro de 1885) — Passagem do romance inedito, «Volcões de lama» — O virtuoso Catão e o honrado Hortensio — Questões de vida e morte, II.

CAPITULO DCCCXXXVII

DAS MINHAS «MEMORIAS D'ALEM-TUMULO»

(2 de Novembro de 1895)

> Confuso e mentiroso nevoeiro que faz noite no profundo de todas as almas, e a que chamam *Saudade*, refugio para onde o coração se nos sente a suspirar...
>
> CASTILHO. *Excursões.*

A ESTA hora, na igreja de S. Ildefonso, no Porto, uns presbyteros de larynge sadia garganteam responsorios á beira do cadaver de um que ainda hontem era Juiz da Relação, e se chamava João Roberto de Araujo Taveira. O concurso dos assistentes, quer official quer espontaneo, deve ser lisongeiro para o benemerito defuncto. João Roberto — diz o «Diario» que me trouxe a dolorosa noti-

cia — *era muito estimado pelas suas excellentes qualidades e respeitado pela inquebrantabilidade do seu caracter e rectidão de consciencia.*

Entre tantos assistentes a essa derradeira scena muda e cega que o corpo representa na crosta do planeta — n'esse berrado lyrismo de canto-chão que apenas tem para o morto a vantagem de elle o não ouvir — posso jurar que ninguem se lembrou do que foi no Porto, ha 35 annos, aquelle velho que ali está na eça, rigido e inflexo, amortalhado na toga de desembargador.

Em 1849 era João Roberto de Araujo Taveira um dos mais galhofeiros e satiricos rapases da phalange do *café Guichard* — que eu chamaria uma colmeia onde se emmelavam doces favos de espirito, se aquelle botequim não fosse antes um vespereiro que desferia, ás revoadas, ferretoando os bócios dos gordos philistinos da «Assemblea» e as macias espaduas lácteas das suas consortes no coração e nos ádypos.

Foi João Roberto sempre magro e de feiçoens

angulosas, typo castelhano da raça mussalmana, olhos phosphorescentes e umas risadas estridulas quando tinha de castigar, rindo como Horacio, um inepto desvanecido ou victoriar uma boa e lusitana chalaça. A isso que hoje por ahi se inculca subtil remoque, arranque de espirito, chamavamos nós *chalaças*; e ás agudezas que actualmente celebrisam os Sternes e Firons das *Havanezas* chamavamos, n'esse tempo, *babazeiras*, provavelmente — umas facecias aziumadas de velhice e expostas nos *trottoirs* betuminosos das tabacarias. Na mocidade de João Roberto e na minha, os estanques eram sentinas deleterias, umas colonias de microbios virgulados ainda então ineditos, pestilenciaes escandalos onde os viciosos, por médo da opinião publica, não paravam. Os Contractadores do Tabaco eram umas especies peoradas de *Mellos do Casacão* (Deus perdõe a todos!) que viviam medradamente das agencias d'aquelles bordeis de nicotina. A tabacaria ainda não tinha usurpado á

botica a concorrencia de individuos, pletoricos de anedoctas lubricas, e archivistas dos máos costumes das familias de suas relaçoens. A botica era o queimadeiro subalterno dos creditos, uma especie de patibulo succursal do *Palheiro*, grande centro constituido em uma sala especial da *Assemblea da Trindade*. Fazia-se ali a *Pall Mall Gazette* verbal do Porto, e esboçava-se a preexistencia do *Daily News*, de Chicago.

A maledicencia do Café-Guichard era a vingadora das victimas do *Palheiro* em particular e da botica em geral. Nós profligavamos a corrupção dos velhos, a putrilagem purulenta que infeccionava, com a lingua, toda a florecencia das almas novas.

Compunha-se o *Palheiro* de veteranos estropiados, um contubernaculo de argentarios invalidos com femeas espaventosas muito communistas, egressos, causidicos, ornamentos da magistratura, e até desembargadores e bastantes conegos, todos cabralistas e alguns, salvo seja,

catholicos. Contavam, á vez, historias cantaridadas das Venus *au rabais* da sua mocidade, rapasiadas terriveis, particularisando miudezas anatomicas, musculaturas, curvas de carne, boleios de quadris e maciezas de epiderme, como se do craneo de cada qual estivesse a explosir o futuro Zola. Tal era o *Palheiro*, hoje provavelmente substituido atavicamente por uns calvos, com dentaduras problematicas, que, ha 35 annos, encalamistravam os bigodes e narcisavam as cabelleiras frisadas nos espelhos do Café-Guichard. O certo é que o *Palheiro* subsiste. As trombetas do progresso ainda não vingaram baquear aquelle pedaço da velha Jerikó. E' uma escrophula hereditaria do burgo de D. Moninho.

*

No qual tempo, João Roberto escrevia chronicas semanaes no *Ecco Popular* com um pseudonymo. Estylo um pouco derramado, aziatico, mas adubado de picantes especiarias levantinas. Mor-

dacidade felina, bastante delicada, mas com unhas sempre desembainhadas para impor respeito nas brincadeiras. Havia guerra de adjectivos percucientes por causa das actrises lyricas. Elle alistara-se no estandarte da Dabedeille, esvelta mulher. Um classico, sem medo do calembour, diria que toda a juventude portuense seguia as partes da cantora aphrodysiaca. Morgados da provincia arrebanhavam-se, como cerdos, á volta d'aquella Circe. Eu e poucos mais juraramos levar pancada até morrer, sendo preciso, fieis á bandeira da Belloni, uma creatura enfezada, feia, veletudinaria, casada e de mais a mais honesta. *Anastacio das Lombrigas*, — um pseudonymo espirituoso que prognosticava a tenia — era o meu nome de guerra no *Jornal do Porto*. João Roberto arcou valentemente comigo e de modo tal que sahiu d'este mundo com as contas bem saldadas em moeda de epigramma, de insolencia e de troça. Ninguem sabia, nem o proprietario do jornal — o João Coelho que morreu

ministro em Berlim — quem era o *Anastacio das Lombrigas*. Quando eu tive, no momento physiologico de pancadaria eminente, a lenidade de o declarar, em defeza de alguma supposta victima sem culpa nem grammatica, João Roberto applaudiu a minha franca lealdade, modificando para melhor a sua opinião impressa a respeito das minhas parvoiçadas lyricas, muito accentuadas na estolida pretensão de fazer-me mestre de esthetica portugueza, o Veron da Rua das Flores.

D'ahi em diante, nos poucos mezes que convivemos no Porto, terçamos ainda as pennas de pato no campo do folhetim honrado, sem nos tractarmos de *pulhas*, de *patifes*, e nem sequer de *bêstas* — Um caso mythologico nas polemicas indigenas.

E, entretanto, deu-se uma causa irritante para voltarmos á cascalheira lamacenta em que os fundibularios carregam as fundas. Ainda hontem a li no *Nacional* d'aquelle anno; e, quando

cheguei ao fim, as lagrimas não me deixaram deletrear as ultimas linhas. Saudade de tantos amigos mortos, e saudade de mim mesmo, da minha alegria, das minhas doidices, dos meus 23 annos.

*

Foi assim.

Os paladinos da Dabedeille, em numero passante de vinte e quatro, deram-lhe um jantar na Ponte-de-Pedra. Concorreram damas da primeira extracção com os seus perfidos esposos.

> Ditosa condição, ditosa gente
> Que não são de ciumes offendidos.

Casualmente passava eu por aquelles sitios. Ia comigo Aloysio Ferreira de Seabra, um *bellonista*, fallecido ha muitos annos, conjurado tambem em deixar-se bater e matar por ella, que era feia, doente, casada e de mais a mais honesta.

A fileira espectaculosa dos trens á porta da

taverna beliscou-me a curiosidade. Quando soubemos que se festejava a cantôra, apeamos com a inocente cobiça de ouvir os brindes. O taverneiro serviu nos um quarto e umas enguias de caldeirada, ao pé da sala do banquete.

Um dos commensaes que ainda vive e não podia ser senão o festival João Guimarães — que Deus conserve dilatados annos na recebedoria de Belem — vira-nos curvados, ugolinamente, sobre as enguias rescendentes de coloráo, e chamou, de longe, a nossa attenção com uma palmatoria que um prospero acaso deparára ao seu espirito magistral; e, dando palmatoadas na sua mão esquerda, exprimia o symbolista imaginoso que o jantar dado pelos dabedeillistas á sua dama eram ideaes palmatoadas nos menestreis, a sêcco, da Belloni.

Não soubemos e theticamente apreciar a symbolica de João Guimarães, sob aquella formula pedagoga — uma ratice genial, com todas as irresponsabilidades de um organismo esquisito,

como era o do nosso jovial amigo. Capitulou-se pois de repto o acto; e, sem previo debate, entramos, os dois, de copo em punho, na quadra do banquete, e brindamos á nossa dama, a dessorada Belloni, fe a, enfermiça, casada e demais a mais honesta.

Entre aquelles vinte e tantos convivas havia rapazes muito valentes. Estavam os quatro famosos Guedes, da casa da Costa, o terror dos caceteiros cabralistas; os Leites de Paço de Sousa; bastantes morgados de Riba-Douro e Riba-Corgo e Riba-Tamega — uma gente bravia, com ares de recem-vindos da Palestina, fartos de fluminar o montante, espostejando mós de turcos. Conhecia-se apenas que eram nossos contemporaneos pelas mirabolantes côres com que vestiam — pittorescos como araras.

Pois d'esses façanhosos nenhum se insurgiu contra nós. Ergueram-se apenas, floreando as facas do talher, com cabo de osso sujo, os tres ou quatro unicos poltroens da companhia. Aloy-

sio de Seabra retirara ferido em uma das mãos pela ponta de um estoque de bengala; e eu que entrára resoluto a morrer, inutilisado o copo na cabeça do mais cobarde, cruzei os braços esperando a Morte n'uma atitude romana; e, se não cubri o rosto como Cezar, em vista de varios brutos sem mainscula, foi por que a aba do frak não me chegava á cabeça.

Parece que entre os tres ou quatro carnifices havia hesitações: se me rebentariam de encontro á parede, ou se seria mais exemplar enforcarem-me em um galho do pinhal.

Uma senhora hysterica, com uns soluços, dava-se geitos de querer desmaiar.

Outra matrona unctuosa, frescalhona, de caracóes postiços, com ares de muito emancipada de etiquetas, dardejava-me olhos exophtalmicos furiosamente e vociferava:

— Pouca vergonha! pouca vergonha!

Ella parecia dominada do cruel apetite de me dar meia duzia de facadas nas entranhas.

—Que eu tinha-lhe perturbado a digestão — dizia, muito azêda, com flatulencias, pondo as mãos espalmadas no alto ventre tympanisado.

João Roberto d'Araujo Taveira e Antonio Guedes Infante perfilaram-se comigo. O Guedes ria-se — aquelle gentilissimo rapaz que damas e homens, todos amavamos pela graça incompa ravel do seu rosto e pelos encantos do seu riso sarcastico. Elle tinha inventado o *italico* na palestra oral; era pôr o dedo sob o labio inferior quando a palavra era expedida. «E' preciso — disse-me elle então — dar uma satisfação a madame Debedeille, que é uma virtuosa senhora» e griphava com o dedo debaixo do beiço a *virtuosa senhora*.

Entretanto, João Roberto, voltado contra o grupo dos canibaes, perorava com gestos forenses e 5 rasoens:

1.ª Que era indecoroso attacarem um homem só e inerme.

2.ª Que o nosso brinde romanêsco a mad.

Belloni se não era uma expansão de corações sensiveis, tambem não podia considerar-se explusão definitiva do vinho da Ponte-de-Pedra que não prestava para nada.

3.ª Que mad. Dabedeille, com o seu rico, saluberrimo sangue e marmoreas carnes, a rebentar de sadia, não poderia levar a mal que dois cytaredos da sua rival anemica proposessem um brinde á saude de mad. Belloni, uma dama que expedia dos gorgomilos infelises notas cacheticas a pedirem misericordia e oleo de figados de bacalhau.

4.ª Que o sangue derramado por causa das duas primas-donas n'aquelle recinto, ou taberna, era uma orgia de sentimentalismo que envergonhará Portugal, um paiz serio, perante as naçoens da Europa culta e talvez na propria Tartaria.

5.ª e ultima rasão, que me deixassem ir em paz e incolume, a digerir a minha paixão, ou o meu vinho, se elle fôra o elixir que fizera retroceder o meu espirito até á edade media, en-

chendo-me a cabeça de Rolandos, de Amadizes, de Clarimundos e *Cavalleiros da Triste figura*, isto n'uma epoca de proza em que as Dulcineas se festejavam a 3 pintos por cabeça n'uma estalagem de almocreves.

E, curvando-se ao meu ouvido: — Vá-se embora emquanto elles mastigam o meu discurso. Lembre-se você que a rhetorica de Cicero nem sempre salvou os seus clientes; nem elle proprio com toda a sua eloquencia se eximiu de o levar o diabo.

Achei rasão a João Roberto e fui-me embora.

E, no dia seguinte, inventei uma vingança estrondosa — uma cornêta de lata feita na Rua Escura que expedia berros atroadores; e, no theatro de S. João, inaugurei pateadas á Dabedeille com trompa. Nem inventei mais nada em toda a minha vida, na região do lyrismo. O martello já estava inventado pelo Diogo Maria, conde de Casal — o principe dos elegantes — que hoje esconde os destroços da sua vida atormen-

tada nas brenhas de uma quinta no Alto Minho, sem saudade do que foi, porque entre as pompas da sua juventude e a sua velhice obscura está a imagem de uma filha morta a nublar-lhe o passado com tamanha paixão que todos os horisontes lhe fecha e aperta á volta de uma sepultura.

Quem são os que ainda vivem d'aquelle banquete? seis ou sete dos vinte e tantos, quando muito. Ha seis mezes acabou de morrer um, nas angustias da ataxia: elle era o mais irriquieto e alegre de todos nós — o Antonio Duarte Guimaraens. Que desconto acerbo o dos seus ultimos annos, confrontados com os jubilos imperturbaveis da sua mocidade, e pela vida fora, sempre honrada, até que os cabellos lhe encaneceram, e a doença entrou a esphacellal-o por todas as fibras! Um dos restantes, era esse, o juiz da Relação João Roberto que a esta hora, hirto na sua mortalha de tafetá em S. Ildefonso, inicia a putrefacção transformista do seu qui-

nhão de materia que alli serve de pretexto á algazarra latina fanhoseada por algumas dezenas de presbyteros com mercenaria uncção e grande aproveitamento.

*

Restámos poucos d'aquelles genuinos de 1849, sinceramente rapazes, pouco dinheirosos, nada convencionalistas; mas desinfectantes e imputreciveis no seio das familias, por que eram romanticos, castamente romanticos.

Guedes Infante é consul na Gallisa. Quando nos encontramos, com interpostas ausencias de annos, conversamos de uns sujeitos que tiveram o nosso nome. Se os nossos risos podessem ser liquidados, davam uma lagrima.

Constantino de Souza Guedes, um dos restantes, seguiu immaculadamente a magistratura. Antes de envelhecer, quando o vulgar dos magistrados se arredondam e arrotam boas digestoens, elle adelgaçava-se e estorcia-se nas di-

lacerações da nevralgia. Dos outros, não sei; ou, se os encontro, não os conheço, nem me reconhecem. Este que hontem morreu encontrei-o, ha poucos mezes, pelo braço da esposa que lhe era um anjo bom em paga de uma adoração de muitos annos e sem intermittencia. Eu disse-lhe que ia morrer; e elle com um sorriso animador: — «você está a ir morrer ha trinta annos.»

*

E as primas-donas, o que é feito d'ellas? Onde tiritam essas duas velhinhas que trouxeram ahi de escantilhão, de asneira em asneira, a juventude d'esta cidade, medieval nos seus amores, e os coraçoens dom-juanescos dos morgados de Riba-Douro, Riba-Corgo e Riba-Tamega?

A Belloni nunca mais cantou. Morreu logo. A Dabedeille poucos annos sobreviveu á sua pobre rival no proscenio. Lá foram ambas desafinar no côro dos anjos.

Passagem do Romance Inedito

VOLCOENS DE LAMA

. . . . . .

A Dorothea estava a crear em casa do rico industrial, fabricante de sêda, Ladisláo Melitão socio do Flórido Sanches. Firma da fabrica — *Melitão & Flórido*. Eram duas familias abastadas que se tratavam com bastante luxo relativo. Em abril iam primaverar na quinta do Flórido em Campanhan. Merendas de peixe frito e alface nos ca-

ramancheis tecidos de baunilhas e jasmineiros. No estio, banhos no Douro, no Areinho, defronte da Pedra-Salgada. No outono, tinham casa balnearia em Mattosinhos. No inverno frequentavam o theatro nacional aos domingos de tarde. As duas familias, em que floreciam madamas muito estimadas na alta burguezia, choravam quando se representava *Trinta annos ou a vida de um jogador* e *Carlos 3.º ou a Inquisição de Espanha*, e outros espectaculos em que a Grata e o Gusmão arrancavam soluços dos camarotes. As senhoras tambem se esbandalhavam a rir no *Rachador escossez*, representado pelo *Grilo-Côcho* um gracioso, rival do *Fontainhas*, que era a herva sardonica dos portuenses, e ainda hoje se faz lembrar saudosamente nas *soirées* das damas archeologicas, redusidas á sueca, ao quino e ás reminiscencias de meio seculo. Alem d'estas regalias, as duas familias consociadas, *Melitão & Flórido*, possuiam carroção tirado por vaccas, e a libré privativa d'esta equipagem — um garôto

descalço, de carapuça azul, com uma aguilhada de lódo e faxa vermelha. Pompeavam a vida faustuosamente *Melitão* e *Flórido*.

Ladisláo, sujeito de quarenta annos, espaduas quadradas, thorax leonino, sedoso e polpudo, gorja de toiro barrosão, temperamento de kalifa nos ardores da Libya, cazára com D. Anathilde Flórida, filha do Flórido Sanches, donzella de desesete primaveras; e d'esse enlace não auspicioso lhe adviera a sociedade com o sogro e a riqueza. A menina Anathilde era de uma magreza historica — a das primeiras vaccas do sonho do pharaóh. Desde os treze annos que a abeberavam de oleo de figados de bacalháo e ferro chicolatado, sem conseguirem embaciar-lhe a transparencia com as gorduras oleosas da therapeutica. Quando casou, lembrava uma mumia roubada ás pyramides do Egypto. As proeminencias malares davam lhe geitos de um cynocephalo-femea; a maxilla inferior parecia retrahida pelas cordoveias nodosas do colo, e as orelhas deaphanas, pen-

sís, destacavam-se do rochêdo como duas grandes cascas abertas de favas sêccas. As sciencias medicas vaticinaram que ella, se cazasse, engordaria; e, se concebesse, melhor. Casou e concebeu prosperrimamente; mas o prognostico da nutrição falhou. Cada vez mais descellulada de chorume, os musculos lixados e pergaminhaceos, o peito escadeado, a cintura mais larga que os quadrís. Tinha attingido o vaporoso dos poetas d'aquelle tempo. Era o Ideal corporalisado na Parca.

O menino que ella deu á luz, por um d'esses vulgares desconcêrtos da natureza, sahiu robusto. Era o pae genuino, refractario a duvidas e suspeitas; e, para bem o digamos, ninguem suspeitaria, ainda que o menino sahisse monstruoso. D. Anathilde Flórida gosava de ressalva no ámago da mais corrompida sociedade. Era anesthesica o mais que se pode, depois da camphora.

A Dorothea, pois, creava este menino que

raras vezes ia aos braços anemicos da mãe, incapases de o sustentarem.

A sobrinha de Balbina recuperára a bellesa quebrantada pelas paixoens e alimentos pouco fibrinosos da tia Toquerinê. Estava gorda, desempenada, com umas ilhargas de maiata, e uns braços torneados, pennugentos, de refégos rosados nos cotovêlos que não tinham coisa que os rivalisasse em bisarria a não ser as pernas pouco cautelosas de Dorothea. Ella deixava-se adivinhar, *in totum*, quando punha o pé na borda de uma cadeira para agcitar o menino aos seios tumidos, na apojadura.

E Melitão reparára muito, de mais talvez, elle, o sanguineo, de espaduas quadradas, marido da conjunção hypostatica de uma briza com um periosteo. Confrontára com a possante Dorothea a langorosa Anathilde, n'um desfallecimento hypnotico, sempre reclinada na *chaise-longue*, a lêr romances dissolventes da *Bibliotheca das Damas*, e a chorar por conta dos personagens infelizes.

Raro sahia do seu *boudoir*, forrado de papel caro, estampado de sultoens e odaliscas, com gravuras molduradas a oiro, pendentes de cordões escarlates, representando Dido a morrer de amor, posto que o auctorisado Virgilio nos conte na *Eneida* que ella falleceu de hemorrhagia. Havia mais o suicidio de Bruto; Cornelia mãe dos Gracchos, mostrando as suas joias nas pessoas de seus filhos; e Coriollano e sua mãe Veturia; mas o Melitão, indifferente á historia romana litographada, olhava de soslaio para Dorothea com o dorso coriscado de picadellas muito quentes, e dizia comsigo: «Assim é que eu precisava de uma mulher, palavra d'honra!»

Começou a vir da fabrica, mais vezes que o costume, ver a sua consorte e o seu Alvarosinho. Entrou na crise de palerma, a dizer graçolas, a attacar os effeitos comicos das malogradas semsaborias, a procural-os na cara da ama. Ella, ás vezes, sorria-se por condescendencia, e Melitão rejubilava. A languida Anal-

thilde sempre a tosquenejar, se o marido se detinha nas trivialidades do seu cavaco; outras vezes, em quanto elle latia de cão e grugrulejava de perú ou miava de gato ao pequeno, nos braços da ama, a esposa enojada do grutesco brutal d'aquellas mimalhices, pegava do volume da *Bibliotheca das Damas* e continuava a novella interrompida, desdobrando a pagina. Mas começava a desconfiar da honestidade conjugal do marido — isso é que é verdade.

Na correnteza d'estas cousas, recebeu Dorothea a noticia da morte da filha, perdeu a vontade de comer, sentiu-se adoentada, e disse á senhora que se retirava para a sua terra, para a companhia de seus pais. O José Rato escrevia-lhe todas as semanas, no tom apaixonado que a sua saudade lhe ditava. Ella não ousava responder-lhe na mesma afinação; mas, no intimo de seu peito, agradecia-lhe aquelle amor inabalável por ella, tão ingrata para quem a quizera para esposa, e tão cegamente escrava do

perfido primo que a perdêra e abandonara. Respondia-lhe com modestia de infeliz, indigna do seu amor, fazendo sempre votos aos ceus para que José Rato encontrasse creatura que o merecesse. Ah! elle tinha sido a sua primeira paixão!

Foi o Rato que lhe fez saber que, tendo morrido a creança, os pais a receberiam com a melhor vontade. Que a mãi chorava sempre por ella, e o pai lhe tinha dito a elle que as nodoas cahiam no melhor pano; e que, se a filha ganhasse juizo, não se lhe importava que ella viesse para casa, porque não tinha outra, e a alguem havia de deixar uns dois mil crusados que arranjára com muito trabalho.

D. Anathilde não podia supportar a pêrda de tão boa ama, e pediu-lhe que ficasse, que não lhe deixasse o seu filho, sem ter achado quem a substituisse. O estado moral de Melitão era um desalento, uma tristeza mal dissimulada que espicassava as desconfianças da esposa.

Incidiu este desastre com o maximo fervor

da sua apaixonada cegueira pela môça. Desafogava em lastimas decentes pretextadas com a desgraça de seu filhinho perder tão boa ama. Pedia-lhe que não os abandonasse. Augmentava o dôbro do salario; e, com as lagrimas a envidraçarem-lhe os olhos, dizia: «Meu querido Alvarozinho, pensei que, em vez de uma ama, adquiriras uma amiga para todo sempre!»

Tinha labia o velhaco; e, como diz o anexim, «punha o ramo em uma porta e vendia o vinho na outra». Os olhos no pequerrucho, e o coração na ama.

E D. Anathilde Flórida a desconfiar, pedra no çapato, e a Dorothea a teimar que procurassem ama quanto antes.

Aconteceu encontrar-se Melitão, a sós, com Dorothea, quando a esposa passeava o seu leite de burra no jardim. Aproximou-se d'ella, bastante inflammado, com os olhos a espirrar lascivia e a face retinta d'um colorido pudibundo. Assim mesmo, a ama tomou-lhe medo, um susto vir-

ginal, e fez pé atraz, aconchegando do seio o menino como uma defeza a brutos apalpoens. Elle então sacou da algibeira das pantalonas uma bocetinha de velludo escarlate, abriu-a premindo a mola, e expoz aos olhos fascinados da rapariga um bom diamante encravado em annel de ouro, e disse balbuciantemente:

— Dorothea, acceite-me esta lembrança: peço-lhe segredo, e rogo-lhe por alma da sua filha que não se vá embora.

Muito atrapalhado, bem se vê pelo topico da alma da menina que morréra com quatro mezes de edade! O caso é que Dorothea estendeu o braço horisontalmente, abriu a mão, recebeu a bocêta, fechou a mão, e metteu-a na algibeira do paletó de alpaca.

Melitão, de orêlha fita para o lado do jardim, deu tento das passadas da mulher, ringindo as botinas denunciantes pela escada acima, e safou-se pé ante pé.

D. Anathilde tinha o olfacto subtilissimo

das tysicas, a membrana petuitaria tão desso-rada que todos os effluvios lhe penetravam nos poros permiaveis. O marido exhalava um cheiro particular a drogas de fabrica de tecidos, um perfume azotado que o annunciava a distancia. Quando entrou na salêta em que a ama, n'uma atarantação de compromettida, estava aleitando a criança, Anathilde poz-se a fariscar o ambiente, peorando o formato do orgão olfactorio no arregaçado e franzido das azas nazaes.

— O snr. Melitão esteve aqui? — perguntou azedamente.

— Esteve sim, minha senhora — respondeu a ama, empallidecendo, muito enfiada.

— Elle que queria?

— Nada, acho eu. Fez mimos ao menino e foi-se embora.

— Ah! bem.

Desceu para a casa do almôço. Ia fulla n'uma irritação de suspeita confirmada, ferida no seu coração de esposa, e mais ainda na consciencia

de sua fealdade original, comparada com a bonita mulher em que muitas vezes vira embasbacados os olhos do marido.

Aquelle especimen de collegial franzina, mortiça, algida, e como indifferente para tudo, agora apunhalada pelo ciume ou pela vaidade, transforma-se, transfigura-se, vibra em convulsoens de raiva, e desce as escadas muito aprumada, batendo o tacão nos degraos e agitando os braços como quem os sente capases de esganar um marido infiel. Ninguem diria que aquelle galvanisado fenomeno osteologico pertencia ao sexo timido! Cuidar-se-ia antes que bebêra n'aquella manhan o sangue irascivel de leôa, e não o calmante leite de jumenta. As arterias frontaes, em alto relêvo azul, papejavam muito grossas de calibre. O nariz, como espiraculo da cratéra interna, fumegava. De vez em quando, tirava da abobada palatina com a ponta da lingua uns estalídos como as cegonhas. Feia e escamada senhora!

Quando se assentou á meza a trinchar um bife de grelha, dava facadas no prato, e por debaixo da banca raspava no taboado com as botinas n'um phrenesi cancanista de pernas que habitualmente, pela fraquesa, pareciam uns suspensorios milagrosos. Melitão estava espantado, e não sabia o que era aquillo, a menos que Dorothea estupidamente denunciasse o segredo do annel. Parecia-lhe impossivel tamanha brutalidade! Ou daria sua esposa fé que elle subiu, á surrelfa, do escriptorio ao 2.º andar?

— O' ama! — chamou Anathilde — traga cá o menino para vêr o papá, que ainda hoje o não viu. Pois não é verdade? tu ainda hoje não viste o Alvaro, pois não?

Melitão açafroava-se até aos lobulos das orelhas e gaguejou:

— Sim... eu já o vi de passagem...

— Onde?

— Lá em cima.

— Que foi o snr. fazer lá acima, não me dirá?

— Ia ver o menino.

— Mas o seu costume é vêl-o pela primeira vez ao almoço.

— Cuidei que estaria comtigo...

— Comigo! ora essa! pois você deixou-me no jardim a passear o leite e foi-me procurar ao 2.º andar! Que trapalhão!

Dorothea ouvira este dialogo, e em vez de entrar desembaraçadamente para auxiliar a innocencia do patrão, fugiu com o menino, protestando ir-se logo embora.

— Ella tem mais vergonha que o snr. Não quiz entrar... — notou Anathilde dando fé que a ama se retirava. — Tenha tambem vergonha você que é um homem velho. Já era tempo de ter juiso n'esse miôlo.

Melitão assanhou-se, levantou-se de salto, atirou com o talher de encontro ao *plateau*, e vociferou:

— Sabes que mais? Vae para o diabo que te

carregue que eu não estou para te aturar, ouviste?

E safou-se para a fabrica, golphando fumaradas de raiva pela rua do Bomfim acima.

Sem interpor tempo nem reflexão, D. Anathilde chamou o creado de mêza, e mandou-o a todas as inculcadeiras procurar uma ama, e que trouxesse a primeira que encontrasse. Movia-se por toda a casa, d'alto a baixo, galgando as escadas como um andarilho. Os arames arqueados do merinaque raspavam sonidos metalicos nas pernas das cadeiras e nas arestas dos degraos. As saias ruflavam. Um turbilhão de musselina, uma tempestade magnetica formada n'um agulheiro de ossos. Abria e fechava gavetas e bahus e guarda-roupas. Acamava vestidos e encofrava joias nos escrinios. Fazia e desfazia. Atirava as *toilettes* de baile ao chão, e removia-as a pontapés. Nem uma lagrima, nem um insulto hysterico. Não perguntava pelo filho nem pela ama, que subira ao terceiro andar, e estava tambem entroixando

á pressa as suas cousas em uma caixa de pinho que trouxera da aldeia.

Dorothea resolvera sahir, quer a substituissem, quer não. N'essa manhan, tinha lido a ultima e mais desorganisadora carta de José da Silva Rato Junior. Dava-lhe parte que havia morrido, em fim, o juiz do supremo tribunal com quem estava a sua tia Thomazia, e que lhe deixára a ella o melhor de 15 mil crusados em propriedades rusticas. Esperava ser com toda a certesa o herdeiro da tia Thomasia, e concluia com estas phrases penetrantes: *Serei brevemente rico; mas, ai de mim! a felicidade do coração que me mataste, Dorothea, essa nunca jamais a terei!!!* Ella sentia-se impulsionada pelo remorso a ir chorar sobre o coração morto d'aquelle homem, futuro herdeiro da tia Thomazia, e todavia condemnado a uma eterna viuvez! Matara-o ella; e elle, tão bom, perdoava-lhe! Um anjo, o seu Rato.

O creado demorara-se pouco. Entrou com

uma ama chegada, havia pouco de Amarante, — um alfôbre de amas, grande exportadora para os alcouces Era uma mulheraça pujante e barbaçuda.

— Vae chamar a ama — ordenou D. Anathilde á creada de sala, e que traga o snr. Alvaro ainda que elle esteja a dormir.

Desceu Dorothea com o menino, timorata e receosa de pancadaria, morta por safar-se.

— Entregue o menino a esta ama — disse a senhora, sem a encarar — Eu vou sahir com ella para casa de meus pais, e você fique no meu logar.

— Isso é que não! — acudiu Dorothea gesticulando com os dois braços, com a cabeça, com os quadris, com tudo — Isso é que não! Eu heide sahir primeiro, e é já, e é já!

— Quanto se lhe deve? — perguntou Anathilde já modificada.

— Não sei, nem me importa. Se nada me quizerem dar, tambem vou contente — E retirava-se muito esfandegada.

— Espere, mulher!

A senhora fez as contas mentalmente, tirou pelo puchador de uma gavetinha de *toilette*, e entregou-lhe em soberanos o ordenado de um anno.

— Isto é de mais — obviou Dorothea — Eu só cá estive seis mezes, e já recebi tres moedas por conta.

— Fique com o resto, visto que você é mais honesta do que eu suppunha e era de esperar. A culpa não a tem você. Póde ir, e adeus, seja feliz.

— A mesma sorte lhe desejo. Passe muito bem, minha senhora.

Quando um gallego descia com a caixa de pinho ás costas entrava Ladisláo Melitão, adivinhando o cataclismo — Que caixa é essa ?! perguntou. — Que a dona vinha ahi atraz, explicou o gallego.

Dorothea appareceu no patamar, muito des-

engonçada, muito vermelha, mais espectaculosa do que nunca.

— Você onde vae!? onde vae? — perguntou o fabricante estupefacto, com os olhos espipados.

— Vou para minha casa. Passe V. S.ª muito bem.

Mas o melhor da passagem, como diria o snr. Antonio de Serpa, é que Dorothea não restituiu o annel a Melitão. O esquecimento é desculpavel pela atrapalhação da sahida. — Que espiga! — dizia elle esmagado n'alma sob o peso da catastrophe, e de mais a mais com a perspectiva das borrascas domesticas, bravas luctas com a esposa — o ôsso da sua carne!... Que espiga!

O VIRTUOSO CATÃO E O HONRADO HORTENSIO

HONRADO Hortensio uma bella manhan procura Catão, o seu virtuoso amigo Catão, e pede-lhe a filha.

— A minha filha está casada com Bibulus — responde o *Censor*.

— Bem sei, e é por isso mesmo que eu a peço – replica Hortensio. — Tambem sei que

tem filhos. Mais uma rasão para que eu a queira. Vê-se que tem excellentes predicados de fecundidade. Não é unicamente o meu interesse que me move a pedil-a; é tambem o interesse do proprio marido, e do Estado. Se m'a não deres, que é o que se segue? O marido, aborrecido, cançado, deixará de cultivar um torrão tão productivo, e o Estado soffrerá com isso. Dê-se, porém, a hypothese, de que elles gerem mais filhos. Qual é a consequencia? Os muitos filhos causarão a miseria da familia, por que Bibulus tem pouco de seu; ao passo que eu sou rico, e posso educal-os todos sem difficuldade.

Catão escuta, e Hortensio moralisa:

— Se todos assim fizessem, se trocassemos as mulheres, *entre cidadãos honrados*, que vantagem, que força para a Republica! Todos seriamos parentes, irmãos e cunhados. Com semelhantes allianças, Roma seria uma só familia, um corpo unico.

Catão, com o seu silencio, parecia hesitante.

Hortensio, porém, entra em arranjos, faz concessoens.

—Cèdo da propriedade, está dito. Contento-me com o usofructo por um praso limitado. Comprehendo o teu silencio, bem sei. Bibulus quer ter a mulher. Arranjemo-'nos do melhor modo: —que me não dê a mulher, que m'a empreste; e, quando ella me tiver dado um filho, devôlvo-lh'a. Serve? D'este modo, ficaremos unidos sanguinamente e eu fico sendo da tua familia, e da familia Bibulus. Não imaginas a ancia com que eu aspiro a pertencer ao teu sangue, Catão!

—Muito me lisongeam os teus desejos— respondeu o *virtuoso*, já um pouco familiarisado com a proposta esquisita — e muito me honras, caro Hortencio meu! Sabes quanto te quero e desejo ser-te agradavel; mas, repito, minha filha está casada; não sei como possas despozal-a; e consente que eu ache extravagante semelhant e proposta!

Catão fallou bem, porque estava em jejum.

Segundo Plutarco, a maior parte das tardes embebedava-se, e d'ahi lhe provinha talvez ser considerado o «mais sabio dos romanos».

Hortensio, apoz uma curta meditação, respondeu circumspectamente:

— Ora, escuta. Vou fazer-te outra proposta. Se me não dás tua filha, dá-me tua mulher.

— Minha mulher! — exclamou o outro — Pois tu queres cazar com minha mulher!?

— Sim, quero cazar com Marcia, tua mulher.

— Então cuidas que eu a não amo? que t'a dou?

— Perdão! eu tanto creio que a amas que ella está gravida.

— E d'ahi?

— E' por isso mesmo que eu a desejo. Ella está ainda muito frescal, e pode ter muitos filhos meus. Ou m'a dás, ou m'a emprestas. Escolhe. Do que eu não prescindo é de me unir a ti por vinculos muito intimos.

Catão sente-se abalado. Diz que é preciso reflectir, remover obstaculos.

— Reflectir o quê? obstaculos, quaes? — accode Hortensio.

— Não posso decidir sem que outra pessoa consinta. Essa outra pessoa é o pai de minha mulher. Não posso mandal-a embora e dar-t'a, sem que o pai esteja por isso. Não quero que elle se persuada que eu lhe não amo a filha nem o respeito a elle.

— Mas, se teu sogro consentir, dás-m'a?

— Dou.

— Então vai já d'aqui a casa de teu sogro.

O sogro de Catão era um tal Philippe, velho romano demaço e mona, grande respeitador das leis. O genro expõe o caso. O sogro escuta-o com a maxima gravidade, e pergunta:

— Mas o que sentes tu na materia sujeita, meu genro? Que queixas tens de tua mulher?

— Nenhumas. Marcia é uma mulher hones-

tissima e perfeitissima; mas Hortensio está apaixonado por ella violentamente.

— Não me parece isso — obviou o sogro; — por que elle, antes de pedir a mãe, pediu a filha.

— O que elle quer é cazar com alguem da minha familia — explicou o virtuoso Catão — Que heide eu fazer-lhe?

— Estás, pois, disposto a dar-lhe a mulher?

— Se m'o não levas a mal...

— Eu não me opponho... A coisa é lá comtigo.

— Então, muito obrigado. Adeus.

— Espera lá — atalhou Philippe. — Tenho a pôr uma condição que não sei se estarás por ella.

— Qual?

— Consinto; mas o contracto *hasde assignal-o tu.*

— Mais nada?

— E não é pouco. O casamento não se realisa sem certificar-se o consentimento d'aquelle

em cuja dependencia está a mulher. Assim manda a lei.

— E depois?

— Depois? assistirás ás bôdas.

— Pois, sim, assistirei ás bôdas.

*

E, d'ahi a dias, Hortensio casou com Marcia. E d'ahi a annos, Hortensio morreu, e Marcia voltou para Catão, que lhe herdou as enormes riquesas do segundo marido.

Ora a severidade deste Catão era tão proverbial que Pompeu, posto que mais velho, quando elle entrava no tribunal, levantava-se. Quanto a dinheiro, era de um tal desprendimento que falsificava os vinhos que vendia nos seus armazens e tinha casas de alcouce por sua conta. Quanto ás mistelas que fasia do pseudo-falerno não sei como elle sociologicamente se justificava; pelo que respeita aos bordeis, dizia

que as meretrises defendiam com os seus corpos a pudicicia das senhoras castas. Virtudes romanas.

*

Eu não inventei estas coisas. Contou-as Plutarcho *(Vidas dos varoens illustres)* e commentou-as amplamente Eugène Londun *(l'Antiquité)*. Quando vos quizerem arreatar á virtude com o cabresto de Catão censorino e de Hortensio, o *homem de bem*, segundo Plutarco, mandai á fava os pregoeiros das antigas virtudes do Lacio, e dizei-lhes que tendes melhores praxistas — o marquez de Sade e o Caza-Nova.

QUESTOENS DE VIDA E MORTE

II

RICARDO JORGE motiva as suas CONFERENCIAS n'estes termos: *Cada vez mais insalubre, a cidade não tem nas condiçoens devidas nem agua, nem esgotos, esses dois elementos imprescindiveis da limpesa que a experiencia tem demonstrado redusirem a cifra da mortalidade geral. O hospital é um antro infecto, onde se amontoam doentes fóra de todos os limites da*

tolerancia e n'um desprezo repugnante das leis mais comezinhas da boa hygiene. As classes pobres, o mundo dos proletarios, vegetam encovados n'uns alveolos humidos e lôbregos, sem ar e sem luz, e abandonadas a uma especulação torpe que tão sordidamente as explora com a miseravel edificação das ilhas. Ha a desfiar um estendal de miserias e vergonhas, de males e incurias. E' forçoso lavrar um protesto energico contra tanto desleixo, contra tanta inepcia, contra tanta loucura criminosa... Eis a rasão das Conferencias.

A 1.ª é a historia da hygiene no transcurso dos seculos. Ao particularisal-a em Portugal, o conferente recorda-se jovialmente da prophylaxia divina em que dois medicos famosos, Nunes e Semmedo, aconselham rezas para exorcismar o demonio da peste. No seculo XVI e XVII louva Garcia da Horta, Thomaz Alvares e Salzedo. Menciona a *Junta de Saude* creada em 1813, com primazia aos outros paizes que só mais tarde tiveram analogas instituiçoens sanitarias.

Em 1836, Manoel Passos instaura o *Conselho de saude publica*, d'onde promanaram relevantes progressos de hygiene nacional. Depois, uma decadencia incongruente e inexplicavel. Em 1868, a questão da saude publica torna-se um ramo da burocracia; leigos d'uma enfronhada ignorancia são investidos de encargos cujos attritos nem os especialistas, os professos na sciencia vingam sempre desbastar. D'aqui, a justa indignação, a ironia, a surriada, o sarcasmo triumphante de Ricardo Jorge.

São admiraveis as paginas de introducção, derivada da antiguidade luminosa, até que a hygiene se esbate e ingolpha na treva medieval. Resume com elegante concisão o influxo da alma christan da idade-media sobre os corpos devotados em holocausto nas aras de uma esterqueira expiatoria. *Inciado o periodo tenebroso da idade-media*, diz Ricardo Jorge, *instaurado o dominio ferreo do catholocismo, a hygiene ia perecer ás mãos d'essa espiritualidade obnoxia e insensata.*

O corpo era um carcere obscuro e vil, tolhendo nas impurezas da carne e do deleite a posse da vida eterna, a felicidade mysteriosa da bem-aventurança. Esmague-se esse diabolico inimigo da alma, torture-se a materia execranda, macere-se a jejuns e penitencias, e anniquile-se a infernal sensualidade corporea... Assim o guerreiro da cruz era typo immundo de que a pelle crassa só tinha sentido o contacto molle da agua na pia baptismal; a devota dama da mansão feudal, a quem a catequese sacerdotal persuadira que o banho era indecente pratica, descuidosa da limpeza, era uma urna de detestavel fragrancia; as habitaçoens eram d'uma porcaria revoltante e as alcôvas lôbregas sentinas; as cidades em fim eram recortadas de viellas infectas e matisadas de esterquilinios, especie de esgotos livres por onde o transeunte cauteloso não sabia se resguardar os pés do monturo, se a cabeça do «agua-vai»... Talava a peste o povoado; que era? era a justiça de Deus, dizia o povo; era a conjuncção de astros maleficos, dizia o sabio ignorante. Este, inepto, cruzava

os braços; aquelle acalmava a colera divina com procissoens nocturnas, arrastando um S. Sebastião milagroso, ullulando pelas ruas seus gemidos de dor, os seus gritos de misericordia.

Este trêcho da idade-media conserva-se ainda na peninsula para regálo dos archeologos. Procissoens e alguns litros de aguardente de bagaço, nas bodegas da trajectoria processional, aqui ha mezes, eram as providencias prophylaticas exercidas n'estes presbyterios do Minho. Cada irmandade sahia da parochia respectiva com bandeira alçada, a desfilar lamuriosamente por essas montanhas, «caracterisando a paysagem» como Garrett disse dos frades. Eu quizera que o acido-phenico, os sulfuretos e a labarraque não viêssem até aqui descaracterisar a paysagem, assim a modo de barão, succedaneo do frade, a despoetisação de tudo quanto havia bom em xacaras, e soláos e tabardoens da idade media. Deixem ao povo as procissoens e as tavernas, estas suas alegrias de pagãos, com alguns granizos na aza e muita

fé em S. Sebastião. A mim não me consta que a promessa feita por Jesus da Galilea aos «pobres de espirito» haja sido derogada, apezar do alastramento da instrucção primaria. O que tenho observado é que os opulentos de espirito, refractarios á fé n'um poder celestial moderador, compram as tizanas anti-colericas dos medicos, e creem n'ellas como se comprassem tres tostoens de dogmas. Foi Socrates, me parece, o philosopho que disse: «a sciencia e a toleima andam atadas uma á outra; mas (pede-se licença á anathomia das salas) mas atadas pelos respectivos rabos.»

Analysa Ricardo Jorge, atravez da lente de Swift, a jerarchia dos funccionarios que superintendem na hygiene publica. Desce até ao Regedor, e ahi, cruzando os braços, detem-se meditativo: *No degrau infimo, á mancira de elemento physiologico irreductivel de toda a organisação sanitaria, gabamo-nos de possuir o . . regedor; mas — oh! infeliz entidade — este, n'uma soledade penali-*

sadora, não tem factor consultivo, nem um sangrador ou dentista, sequer! Não, que elle é, segundo a phrase official, o commissario, o «cabeça de saude.»! Cabeça, notem bem; cabeça em hygiene, cabeça em politica, elle, é tudo, imagem grotesca da governação nacional. Quando o progresso fizer rolar no pó essa cabeça excelsa, craneo augusto, onde se aninharam os destinos de algumas gerações de paes da patria, que mão compassiva lhe trace, a lettra inapagavel, o levantado panegyrico. Extinguiram-se nas brumas do passado o capitão-mór e o almotacé sem deixarem uma imagem sequer que sirva de lenitivo aos seus admiradores; mas, por Deus, chromotypiem-me a tempo o bom do regedor, que os seculos vindouros hão de querer extasiar-se perante aquella physionomia de esperteza saloia, ingenuidade velhaca e ignorancia papúa, que tem sido a pedra angular da nossa organisação politica.

Desde remotas epocas que os bons prosadores e até os grandes poetas nacionaes hostilisam os *Regedores*. Já em Luiz de Camoens se nota

uma epica zanga contra esses funccionarios. Trez vezes, pelo menos, lhes chêga nos LUSIADAS. Considera-os venaes, e promptos a bandearem-se em perfidias e traficancias contra Vasco da Gama.

Por manhas mais subtis e ardis melhores
Com peitas adquirindo os regedores.

(CANT. 8; EST. 52).

Mostra-nos um regedor a machinar insidias contra o descobridor da India:

Mas o máo regedor que novos laços
Lhe machinava...

(ID. EST. 79).

A final, invectiva-os francamente, chamando-lhes corruptos:

Regedor corrompido e pouco nobre.

(ID. EST. 96).

Rolando no enxurro da corrupção de tres seculos, o que não será o regedor d'hoje em dia? Quem ousará acoimar de mordacidade a satyra parcimoniosa de Ricardo Jorge? Nunca se fez contra os regedores um tão moderado uso de adjectivos de corisco.

E' notavelmente mahometana a missão do regedor contra os porcos, na cidade do Porto, quando sôa a rebate nos arraiaes da saude publica.

O odio dos heroes á raça suina é muito antigo, quase mythologico. Bem sabem que uma das doze lendarias façanhas de Hercules foi matar o *Porco de Erymantho*. A metempsycose do Hercules suinóphobo manifesta-se no regedor actual quando os contagios ameaçam. Elle sente o bravo appetite de lhes comer os lombos assados com rodelas de limão.

A sociologia do porco no Porto é deliciosamente contada pelo meu amigo Ricardo Jorge: *A historia urbana do precioso animal domestico — econo-*

mia do pobre e regalo do nosso paladar — é uma longa serie de vicissitudes. Em tempos que já lá vão gosou vida desafogada e livre; rodava pela praça e pela rua, fossando e grunhindo; o ádito tão sómente do recinto sagrado lhe era interdicto pela cautelosa guarda horisontal de ferro. Elle era um «flâneur» o bento animal de Santo Antonio. Pacifico sempre, um dia foi desastrado o transeunte quadrupede: ensarilhou-se nas pernas de Philippe, filho de Luiz, o gôrdo, e o pobre do principe rachou as tibias e perdeu a vida; antes da trichina, é o primeiro caso registrado de homicidio suino. Paris nunca mais viu pela calçada o bohemio da vista baixa; e pouco e pouco por todas as cidades as edilidades inimigas foram-lhe prohibindo as delicias da vida airada. Aos burguezes do Porto concedera o porcóphilo D. João 1.º o tranzito livre do cevado; mas o anti-suino D. Manoel cassou em 1513 essa regalia, fulminando com 500 reis de multa o dono de todo o báxoro apanhado em flagrante delicto de passeata.

Como se explica a violenta amputação que

D. Manoel exerceu sobre a hereditaria liberdade do porco? Explica-se tudo quando se tem amassado — amassado é o termo — uma certa massa de conhecimentos. D. Manoel era extremadamente catholico, e, como tal, odiava o porco. Elle soubera, pelos Evangelistas, que o Nazareno, querendo dar um digno habitaculo a uma legião de demonios, mandou-os entrar em um rebanho de porcos. Um facto historico d'esta evidencia illucida e louva o odio do grande monarcha luso aos pachidermes escolhidos por Jesus Christo para substituirem o homem na sua qualidade estercoral de albergue de deabos. E quem sabe se os demonios, mudando dos homens para os porcos, entenderam que melhoraram de residencia, e se deram por isso as mais sinceras congratulaçoens?

O sevado, no dobar dos seculos, restaurou-se na sympatica confiança da especie humana, á custa de nos dar salpicoens, orelheira, chispes e fiambres; mas ainda assim, quando as pestes

faiscam ao longe, surde a methaphysica e grassa logo um certo pavor theocratico que insurge os conselhos de saude, *maxime* os regedores, contra a descendencia collateral dos obsessos de ha 1:900 annos; por quanto, se dominasse, em absoluto, o receio scientifico dos seus sujos predicados, antes de serem exterminados os porcos, convinha expulsar muita gente, alem de immunda, sem aptidoens para dar o salpicão, a orelheira, o chispe e o fiambre. Uns porcos improductivos, que estão a pedir sifoens nas suas pessoas.

Isto é o que me parece, quanto a porcos, que prestaram a Ricardo Jorge um apophtegma, o que quer que seja de aphorismo hyppocratico: *Microbio á porta, porco sahido.* E depois plangentemente: *Rosna-se que vem o cholera, e ai! do pobre; um anathema de proscripção incide fulminantemente sobre a focinhuda cabeça. A' intimação mozaica das auctoridades sanitarias, as varas suinas iá operaram o seu exodo para a terra da promissão d'alem barreiras.*

Hão de ter notado os que não ouviram as *Conferencias* nem as leram impressas que o estylo de Ricardo Jorge desatrema de tudo que se conhece em oratoria parlamentar, em dialectica academica, em eloquencia civica dos clubs e até em oratoria do pulpito que é ás vezes a mais fresca e desbragada.

Elle dá a rasão da sua excepcionalidade: *As modalidades oratorias em Portugal, pautadas pelos preceitos sediços d'uma eloquencia de pulpito, impoem-se com ferrenho imperio ao que pretende discursar ao publico. Estou certo porém que não serei taxado de espirito revel, se mofar o estylismo nacional, resto nauseabundo d'um passado gongorico, tão asseteado por Luiz Verney, o reformador intrepido.*

Despido de flores e de burilados de phrases, o meu desejo é só que a palavra incisiva e nua me transmitta fielmente a idea; a minha ambição é não seduzir, mas convencer.

Prefigurou-se, porém, ao valente estylista que lhe malsinassem de indelicadas e escassas de ci-

vilidade as phrases escabrosas. Bem ante-vira o previsto conferente que no seu auditorio haveria gente versada no Monteverde em materia de educação fina — pessoas que usam palavras muito ensaboadas e caspa na cabeça. E' a essas orelhas meticulosas que elle telephonisa as seguintes desculpas: *Coisa mais terrivel ainda que a estafada rhetorica nacional é o que entre nós se chama a boa educação. Que ultrajante transvio de sentido, que euphemismo infame! Será por ventura educação esse apontoado ridiculo de praticas tolas, esses preceitos degradantes que mandam afivelar a mascara da hypocrisia e da mentira, que nos derreiam o dorso perante toda a grandeza convencional, nulla ou má, inepta ou criminosa? Esse tecido de baixezas nunca será a boa educação, oh declamadores tartufos das regras da civilidade! Grilheta aviltante com que me pretendeis enodoar a pelle, eu despedaço-a, em nome da intelligencia que se não vilipendéa, em nome do caracter que se não enlameia.*

Os tartufos, que estavam na assemblea, as-

sim apostrophados, deviam grunhir uns *á-partes* de fina educação; e, se não estavam, a quem se dirigia o nervoso conferente? Quem é que o atacava lá dentro ou cá fora? O remate do seu discurso denuncia adversarios benemeritos de sova, ou chimericas hostilidades de um fantasista?

E vós — exclama Ricardo Jorge — *ó espiritos mesquinhos que pretendeis attacar-me ignobilmente, empavezados com compendios de João Felix, e abroquellados com «civilidades» de vintem, heide esmagar-vos de vez, por baixo d'essa armadura de papel, capa indecorosa de ignorancia ruim.*

Este periodo ressuma acrimonia que subordina a rasão coacta do conferente á tyrannia biliosa do seu temperamento. Ah! quem conhece de perto aquelle suave e amoroso rapaz com o melhor dos coraçoens na mais franca das physionomias! Ao ouvil-o n'este dia, declamar, dir-se-ia que a ignorancia ou a inveja lhe urdem insidias, lhe deslusem o talento, e tramam latibularmente desabal-o do seu brilhante posto de

sciencia onde, tão na flor dos annos, subiu pela ardua ladeira dos premios, das distincções, e das conquistas não favoneadas pela indulgencia dos seus professores. Duvidem, pois, da lenidade da sua irritação. Ricardo Jorge não tem delapidadores nem antipodas que forcejem com picadellas ascencionaes ver se acertam de lhe prefurar o tendão de Achilles.

Aquelles mesmos que o contradictaram nas suas hypotheses, ou aquelle que em si consubstanciou toda a doutrina que em controversias de hygiene visava a ser-lhe hostil, esses todos, ou esse só por todos — o meu amigo e preeminente medico Joaquim José Ferreira — não desvalorisa nem desfalca um só dos quilates do ouro puro da luminosa capacidade do adversario.

Eu por mim, quando procurava o precipitado d'aquellas effervescencias palavrosas no fundo da retorta, quero dizer, na consciencia dos dois, não achei sequer o pó volatil da vaidade.

Os contendores, deposto o guante de ferro,

vestiram as finas luvas... Perdão! Ricardo Jorge usa sempre as luvas na algibeira peitoral do frake. Elle não precisa de vestil-as para symbolisar na elasticidade da pelica, 3 botoens, a delicadesa do seu gentilissimo caracter.

NOVIDADE LITTERARIA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

OS VOLCOENS DE LAMA

(ROMANCE REALISTA)

EDIÇÃO DA LIVRARIA CIVILISAÇÃO DO PORTO

Deve estar á venda por todo o mez de janeiro, este interessantissimo romance do grande escriptor, e que tão anciosamente é esperado desde que os jornaes annunciaram a sua entrada no prélo.

A razão do titulo dá-a o grande vulto da litteratura portugueza nas seguintes linhas, que são as duas primeiras paginas do livro :

RAZÃO DO TITULO

Ordinariamente quando, em estylo methaphorico, usamos comparar as férvidas paixoens de alguns homens aos volcoens, a comparação vae bus-

car o simile ás cratéras do Etna, do Hecla e do Vesuvio. Presume-se pois que os antros do coração humano resfolgam fogo de paixoens assoladoras como os intestinos do nosso globo jorram arroios de lava candente, que subvertem, devastam, devoram, pulverisam e petrificam toda a naturesa viva e morta que abrangem nos seus braços de lavaredas.

Todavia, ha ahi na casca do planeta paixoens humanas cujo simile não o dá o Vesuvio, o Hecla nem o Etna. E' de Java que elle vem — de Java onde estuam convulsionados uns volcoens de lama que expluem o seu lòdo sobre as coisas e as pessoas, primeiro emporcalhando-as, depois asphixiando-as na sua esterqueira espapaçada.

N'este romance estão em actividade permanente, sempre accesas, as cratéras das paixoens da aldeia, tambem volcanicas, exterminadoras; mas sujas de uma porcaria nauseabunda — *volcoens de lama*, em fim,

Tal é a razão do titulo.

Camillo Castello Branco.

E' um volume de cerca de 300 paginas, nitidamente impresso.

———

PRECO
Por assignatura 200
Avulso 250

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Serões de S. Miguel de Seide

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA, MANSA

III

CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

da COSTA SANTOS

EDITOR

III

SERDENS DE S. MIGUEL DE SEIDE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEROENS

DE

S. MIGUEL DE SEIDE

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA,
CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

PORTO
Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos—Editor
RUA DE SANTO ILDEFONSO, 4 A 6

1886

SUMMARIO

—

A VIA SACRA (romance) — "A Lyra meridional„ por Antonio d'Azevedo Castello Branco (apreciação litteraria).

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
LARGO DE S. DOMINGOS, 57—N.º TELEPHONICO 131

A VIA-SACRA

PARTE PRIMEIRA

I

ENVELHECERA intempestivamente. Aos quarenta annos tinha cinzentos os cabellos. Aos cincoenta, firmava-se com difficuldade, tinha as oscillaçoens da decrepitude, curvava-se tremulo. Nunca tivera as doenças que prostram sem matar de vez, e arrastam o valetudinario, muitos annos, á volta da sepultura. Amorteceram-no desgostos, triste-

zas sem intermittencia, o inappellavel inferno, chamado «desesperança.»

Era juiz de direito em Elvas. Tinha cinco filhas e dois filhos, sem mãe.

Temos de o procurar e seguir desde a sua mocidade.

*

Quando lhe morreu o pae, um desembargador, em 1832, frequentava elle a Universidade. Estava no 3.º anno, e era dos poucos exaltados que tumultuavam nas ruas soltando *vivas* ao monarcha absoluto. Pegou em armas, esteve no cêrco do Porto, e largou-as em Evoramonte. Recolheu-se á provincia, onde tinha uns tios realistas, afidalgados e pobres, em Mirandella. Perseguiram-no os liberaes, uns seus contemporaneos que o temiam em Coimbra e o apontavam agora á escuma social, a jolda dos maltrapilhos que tinham surgido á ultima hora da lucta, arpoando o espolio dos conventos e

das cazas brazonadas com as baionetas destribuidas pelos prefeitos das provincias.

Guilherme Rebello fugiu de Mirandella e homisiou-se em Mouçoz, nas cercanias de Villa Real. Sabia que moravam ahi uns parentes remotos. Lá existiam, com effeito, uns lavradores medianos, que grangeavam apenas o necessario á sua subsistencia. A essa geração modestissima tinha pertencido seu 4.º avô, um simples soldado razo que, por actos de intrepidez, na guerra da Acclamação, chegára a sargento mór de batalha e cazára em Chaves. Este era o terceiro avô de Henrique Rebello, que morrêra desembargador, em 1832, não deixando ao filho maior patrimonio do que elle herdára de seu pai, um brigadeiro que pereceu em combate com os francezes invasores.

Na caza do lavrador de Mouçoz havia tradiçoens d'esta parentella. O Francisco Alves, da Lage, jactava-se de ter parentes generaes e ministros; não sabia onde viviam esses paren-

tes; mas havia de deitar inculcas; e, se os descobrisse, não queria morrer sem os ir visitar com algumas dusias de paios e quatro presuntos dos seus cevados. O Guilherme é que sabia d'essa parentella, porque tinha, entre os papeis de sua caza, uma justificação de nobresa que seu pai fizera, quando requerêra a D. João VI alvará de môço fidalgo. D'esse documento liquidava-se que o sargento mór de batalha Gonçalo Alves, era natural de Mouçoz, filho legitimo de outro do mesmo nome, proprietario; e que este bravo militar cazára em Chaves com D. Maria Maxima Bravo Rebello, da illustre progenie dos *Rebellos* e *Bravos*. Seguiam, na arvore de geração, filhos e netos até elle Guilherme Rebello Bravo Cachapuz — dos famosos *Cachapuzes*, tambem generaes, de que sua mãe era uma vergontea, pobre tambem.

O Francisco da Lage quando se lhe apresentou um môço bem apessoado, dando-se como seu parente, recebeu-o de boa sombra, folgou

muito de o conhecer, e chamou os filhos — que viessem vêr o seu primo.

O foragido contou a sua vida: que não podéra concluir a formatura em Coimbra, por causa da guerra; que pegára em armas e assistira a quasi todas as batalhas; que acompanhára el-rei até á capitulação; e, recolhendo á casa d'uns tios maternos que tinha em Mirandella, teve de fugir á perseguição dos malhados.

O parente lavrador, como era muito realista, abraçou o seu correligionario, e disse-lhe: — O primo Guilherme faça de conta que está na sua casa. Aqui mimos não nos há; bem sabe o que são casas de lavoira; mas hade comer do que nós comermos, terá uma cama limpa, e esteja descançado que aqui ninguem o prende. Se cá viesse alguem, arrasava-se o mundo! O meu João — e apontava para o filho — disse missa nova hade haver dois mezes; é caçador de perdiz como um barra; vocemecê vai com elle, aprende a atirar, se não souber, e espairece lá pela ser-

ra. O mais não lhe dê cuidado. O snr. D. Miguel foi; mas não tarda que elle entre por aqui dentro com o snr. D. Carlos. Consta que elle já desembarcou em Hespanha e está na Serra Morena á frente de 40:000 homens. Quando elle entrar, tambem eu lá vou; e já disse ao meu padre que me fundisse tres duzias de ballas que as heide ir espetar na arca do peito d'uns ladroens de Villa Real que por aqui andaram amaltados a roubar as aldeias. Levaram-me todas as aves e toda a salgadeira; e o vinho que não quizeram beber deixaram-no ir pela torneira. Estes bandoleiros andam agora em Villa Real de gravata ao pescôço, e querem *senhoria*. Temos contas que saldar... — E pigarreava rijo, como um rugido de ameaça.

Guilherme sentiu-se socegado, acoberto da perseguição, mas triste em casa do lavrador. A povoação, encravada entre montanhas tôrvas de cabêços envoltos nas brumas bronzeadas, por que era inverno; os enormes castanheiros nus,

esgalhados pelas ventanias: os caminhos, charcos intransitaveis; os dias escuros como o crepusculo das noites estivas; a casa esfumaçada, fria, esfusiada do vento e sem algum conforto: o seu catre de pau de castanho, enxergão de palha centeia, lençoes muito lavados, mas com um travesseiro de serradura, achatado pela pressão las ferreas cabeças que ali dormiram no decurso de annos esquecidos — isto bastaria a descupar a melancolia do estudante que tivera em Coimbra regalias que o pai, incauto do futuro, lhe liberalisava como a filho unico e muito querido. Demais a mais, era-lhe forçoso, por necessidade e por gratidão, dissimular, fingir-se contente, referir repetidas vezes ao parente episodios da guerra civil, sentar-se á lareira a comer castanhas assadas no vasto assador pendente do caniço sobre as urzes crepitantes, e contar aos lavradores de Mouçoz as estafadas ediçoens dos taes casos da guerra, quando já por fim os não invencionava um

pouco para se entreter com a sua imaginação.

Havia na familia uma pessoa que lhe conhecia a tristeza mal disfarçada. Era a irman do padre, a Cacilda, a *flor da Lage*, como la disiam em Mouçoz. E bem flor, mas de sala, que ella era! Desoito annos; cara fina, senhoril, pallida, poucas carnes, franzina, o sorriso condescendente e constrangido das pessoas doentes; escassas palavras, só as precisas; certa estranhesa, acanhamento em tudo que era festejos, brincadeira e alegria para as outras raparigas a impar de mocidade com grande desejo de cazarem, de amamentarem filhos muito roliços. Nem eu sei como, em taes condições, lhe chamavam a *Flor da Lage!*

Nas aldeias, as mulheres-flores costumam ser bem encorpadas, peitos altos e salientes, valentes quadris, caras incendidas, rubras como cravos, ondulaçoens polpudas no pescoço, gestos desempenados, risadas crystalinas, estouvanadas,

remoques desenvoltos, em fim, alegria, saude, muita festa pr'á festa, e saberem-se aguentar sem dar prezilha ao colchête da maledicencia. Pois — caso unico! — não tendo por si a Cacilda senão bondade, innocencia e virtude, chamavam-lhe os velhos e os rapazes a *Flor;* quanto ás raparigas, essas chamavam-lhe, por ironia inoffensva, a *fidalguinha;* mas respeitavam-na.

Illa intendia a tristeza do primo, cogitava modos de lhe suavisar aquelle degrêdo; mas a esfera dos seus recursos, ao que parecia, era muito restricta. Palavras de resignação não sabia expremil-as; tinha os pensamentos, sentia-os n'um vago deal incommunicavel, e apenas podia expressál-os com lagrimas; porém, escondia-se para enxugar os olhos; e tanto se acautelava que o primo Guilherme nunca desconfiou que a Cacilda o considerasse infeliz, pensando differentemente do pai e do irmão padre. Reparava pouco n'ella; mas não tão pouco que despercebesse a distincção que a estremava das raparigas al-

deans, tanto no corpo como no espirito. Não a via alvoroçar-se com funcções de egreja, feiras e romarias. Fizeram-se então uns entremezes muito famosos pelo Entrudo; ninguem ficou em caza; sahiu tudo a vêl-os representar na eira do pai, excepto ella. Pediram-lhe que fôsse á comedia, que até parecia nal não apparecer. Desculpou-se com dores na cabeça, e ficou, sosinha, sentada á lareira, com o cotovêllo no joelho, e a face na mão, a scisnar, a scismar na triste sorte do primo.

A's vezes, lia nos livros do irmão; sabia de cór o *Feliz independente* do padre Theodoro d'Almeida e admirava o *Belmiro Pastor do Douro*. Em dias de festa na egreja, ia á missa d'alva para não assistir á missa cantada. Padre João disse ao Guilherme que a Cacilda tinha um temperamento exquisito: que chorava quando ouvia musica religiosa; que não era fanatismo nem sequer exaltação mystica: era uma doença, que se manifestára desde os doze annos; mas um

medico tinha dito ser hysteria, coisa sem consequencias graves. De resto, era ella quem governava a casa, e corria com tudo de portas a dentro. Não ia aos campos, nem fazia serviços pezados; mas não tinha ferias na sua lida domestica.

Acontecia Guilherme estar, a sós com a prima, quando, o pai ia para as lavras e o padre para o monte com a matilha das coelheiras. Conversavam. Ella perguntava-lhe se já estava affeito á aldeia, se não lhe custava muito a estar em Mouçoz. O primo mentia licitamente: que estava satisfeito quanto se podia estar nas suas circumstancias; que não podia ser mais estimado nem mais agradecido aos seus bons parentes. Cacilda não o acreditava, sorria-se... — Que hade o primo dizer? — Elle insistia no seu bem-estar; que o acreditasse.

Uma vez, perguntou-lhe: — Quando se acabarem as desordens de todo, o primo vai-se embora, não vai? — Necessariamente, respon-

deu elle, heide procurar modo de vida. Decerto não posso aqui ficar sempre, sem serventia para nada. Tenho vinte e dois annos, boa saude, e vontade de me occupar seja no que fôr. Como não posso concluir a minha formatura, verei se arranjo modo de passar para o Brazil. Lá sempre heide achar qualquer occupação.

— E cá, não? — interrompeu ella, encostando o ante-braço ao coração como se receasse que elle lhe visse as palpitaçoens.

— Não, prima. Em Portugal não consigo nada, porque sou um dos fieis soldados do sr. D. Miguel mais apontados por homens a quem não fiz mal. Meu pai foi um ministro muito severo; foi membro da alçada... — Explicou-lhe o que fôra a alçada do Porto, e a razão das sentenças de forca que o pai assignara obrigado pela lei. — Cacilda parecia ouvir com repugnancia as rasoens com que o primo queria desculpar o pai. — Matar só Deus — disse ella.

D'outra vez, contava-lhe passagens da sua

vida de estudante, coisas alegres referidas com saudade: as peças pregadas aos calouros, e explicava. Os passeios em burrinhos até á Mealhada e pelo campo de Coimbra. Os outeiros das freiras, em que recitava um seu contemporaneo cego, chamado Castilho, com um talento admiravel; recitava versos do cego prodigioso que corriam manuscriptos, feitos a uma secular de Vairão. Cacilda achava-os muito bonitos, pedia-lhe copias, queria decoral-os, principalmente uns muito tocantes:

Fortuna, escuta os meus rogos.
Torna em verdade meus sonhos
Ambiciosos, mas simples,
Austeros, porem risonhos.

O que te peço é bem pouco;
Mas, se este pouco me dás,
Nunca mais uma só queixa,
Nem um rogo ouvirás ...

Não ousava recital-os na presença do primo; e elle tinha como certo que a inculta rapariga não podia intender o espirito d'aquellas poesias; mas maravilhava-o a attenção, o inlevo, o ar de intelligencia e magoa com que lh'os escutava.

D'essa vez, quando elle relembrava passagens de Coimbra — onde passára os quatro annos unicos alegres da sua vida — perguntou-lhe Cacilda por que não ia, quando as desordens acabassem, concluir os seus estudos? — Elle sorriu; e, feita uma longa pausa, respondeu serenamente:

— Meu pai não me deixou nada. Tinha bons ordenados, mas acabaram com elle. Se el-rei vencesse, restava-me um officio de escrivão que o snr. D. João v deu a meu avô; mas essas mercês foram abolidas. De modo que, minha prima, fiquei pobre: e quem é pobre como eu não pode estudar em Coimbra.

— Isso é assim... — murmurou ella; e, desta vez, quiz, mas não pôde esconder as lagrimas.

— Então chora?! — disse elle profundamente grato áquellas lagrimas.

Pareceu-lhe então formosa. Aperton-lhe a mão com uma ternura de infeliz aliviado pela compaixão de estranhos: — Não chore, que eu estou resignado. Quem não pode ser doutor, é caixeiro, aprende um officio, trabalha, vive e morre como os doutores. E depois, minha prima, isto pode mudar d'um momento para o outro. O sr. D. Miguel I pode voltar ao seu throno se o snr. D. Carlos V voltar ao de Hespanha. Em fim, esperemos.

II

E esperaram dois annos. No transcurso deste longo praso de malograda espectativa, Guilherme Rebello torturava-se a scismar como arranjaria meios para embarcar, ir para o Brazil. Parecia-lhe impossivel pedil-os áquelles parentes que o tratavam, cada dia, mais affectuosos no

ar de familaridade e franqueza,—o velho como pai, os filhos como irmãos. O padre, mais que regularmente instruido, era louco pelo Guilherme. Estudava tudo que elle podia ensinar-lhe. Collaboravam juntos, de boa fé, n'uns sermoens da Quaresma que deram brado desde a Samardan, a minha querida Samardan, até á Timpeira. Um estylo lamurioso, pouco latim fradêsco, e pensamentos chãos e claros que penetravam na alma até aguçarem as puas do remorso.

O velho tornara-se prodigo em golodices;—mandava comprar, duas vezes por semana, carne de vacca em Villa Real, para que o seu Guilherme tivesse bom apresigo, fora dos dias de jejum. Comprava chá!—uma herva que nunca entrara n'aquella caza sem a previa desculpa da dor de barriga, como substituta da macella; e levou o delirio da sua amizade ao hospede até ao excesso de acabar com o caldo verde ao almoço, e de tomarem todos café com leite e pão branco! Guilherme tinha conhecimento d'estas

reformas nos habitos hereditarios e economicos do lavrador, sabia quanto era querido, adivinhava facilmente a adoração da prima; e, assim mesmo, dava-se tractos por mostrar-se mais digno d'aquelle affecto, esquivando-se, pelo trabalho, á caridade de uma familia pouco abastada.

Já tinha pensado em advogar por provisão, depois de alguma pratica no escriptorio do Ferreira Real ou do famigerado doutor João Baptista. Padre João, muito instado por elle, foi a Villa Real, expoz aos dois advogados o projecto do seu parente. Disseram-lhe que era muito cêdo; que não apparecesse com os seus appellidos, por que ainda viviam os pais e os filhos dos enforcados na Praça Nova; e que, na base da sentença, estava assignado o desembardor *Henrique Rebello Bravo*, de memoria ignobilmente eterna. Que, decerto, com taes appellidos não obteria provisão de advogado; porém quando a obtivesse, teria de luctar com os seus collegas, com os juizes, com a opinião publica,

e succumbiria á mingua de clientes. Que se deixasse estar na obscuridade, visto que tão saliente se fizera em Coimbra, acclamando o tyranno; e que não se expozesse a pagar indevidamente pelo pai. E lembraram ao padre João que os villarealenses tinham matado a ferro frio, no meio da escolta, o ex-corregedor Albano que cacetára os presos liberaes; e, no lagêdo das calçadas, ainda se via vermelhar mascarras de sangue do *Foguête*, um capitão miguelista, arrastado vivo pelas ruas e atirado ao rio, como o Pita-Bezerra, no Porto.

— Compararam-me perfeitamente! — disse, sorrindo, Guilherme — Dei vivas ao snr. D. Miguel I.º, nunca espanquei nem persegui ninguem: logo, sou qual *Foguête* e *Pita-Bezerra*. Corro o perigo de ser arrastado como elles, se praticar a suprema infamia de querer ganhar a minha vida. Que nome se hade dar aos acclamadores do snr. D. Pedro IV, que hoje perseguem, roubam, desterram e matam os realis-

tas? A sua libré é a dos *Foguêtes* e *Pita-Bezerras;* mas os delictos praticados em nome da *Liberdade* são irresponsaveis, são heroismos que sobre as fardas dos *Foguêtes* e *Pitas* lançam a tunica civica dos Brutos e Catoens.

Vê-se que a desgraça não delira o facciosismo do sectario das Cortes de Lamêgo. Elle declamava aquelle artigo de fundo e outros mais cerebrinos em familia. O primo lavrador regalava-se de o ouvir, e o padre João Alves sentia tentaçoens de bordar aquelles trêchos nos seus sermonarios e ir a Villa Real atiral-os do pulpito á cara dos liberaes.

Entretanto, os desafogos de Guilherme não acondicionavam melhor a sua situação dependente, e o doloroso cansaço da sua inactividade. Fechada esta fresta — a advocacia — por onde elle vira menos nubeloso o futuro, não atinava com outra, a menos que não pedisse ao lavrador meios para transportar-se á America; mas, n'este passo, achava tres grandes estor-

vos a remover: primeiro, a vergonha de pedir uma duzia de moedas a quem teria de vender uma leira para lh'as emprestar; depois, a incerteza de as poder pagar antes que a morte o abafasse sob um pezo de trabalho incompativel com as suas forças, com o seu genio e educação; finalmente, pedir dinheiro para se affastar de tres pessoas que se esmeravam em fazer-lhe sentir delicadamente que o Brasil e a riqueza, se a conseguisse, lhe não dariam tão bons amigos como elle deixava n'aquella pobre aldeia.

*

Padre João vira-o, um dia, acabrunhado de tristeza, e tirou-o de caza, levou-o comsigo para as gargantas da serra do Mesio, á caça das gallinholas. Tinha observado que o Guilherme, depois de esfalfar-se no monte, comia com fome nas tavernas o que lhe dessem, dormia as noites inteiras, e levantava-se de melhor humor, sem vincos na testa, nem o aspecto de tedio

que resistia ao esforço da sua delicadeza em fingir-se contente. A irman tinha-lhe dito: — Olha se o tiras de caza, que elle está triste como a noite. Leva-o comtigo, e vê se lhe dás animo.

— Que heide eu dizer-lhe? — consultava o padre. — O que podia dizer-lhe, está dito e redito.

— Leva-o, João; que eu logo vou conversar com o pai a esse respeito; até me convem que o primo Guilherme cá não esteja.

— O pai que hade fazer?!. não me dirás?

— Saberás depois... Tenho cá uma idea; e, se Deus me ajudar, o primo hade ser feliz...

— No Brazil?.. Ja sei... queres pedir ao pai que lhe dê dinheiro para embarcar...

— Não é isso...

— Pois eu não lhe vejo outra sahida senão o Brazil. Se elle pedisse o dinheiro, arranjava-se-lhe; mas offerecer-lh'o não; que não vá elle cuidar que lançamos mão d'esse meio para nos

descartarmos d'elle. Já vês, Cacilda, que não convém fallar ao pai no dinheiro...

— Ja te disse que não é isso... Vai com Deus, e á noite fallaremos.

*

Quando o velho, ás onze da manhan, desapeirou os bois e pediu á filha o seu jantar, Cacilda pediu-lhe que jantasse na meza do padre, que ella ia jantar com elle. O padre e o Guilherme tinham meza á parte na salêta onde dormiam; o velho e a filha comiam na cozinha com os jornaleiros. Esta é a pratica geral nas casas de lavoira onde ha padres, em Tras-os-montes. Ella queria fallar-lhe sem testemunhas.

A novidade da meza inquietou o velho. Que teria a filha que lhe dizer? Pareceu-lhe vêl-a mais triste que do costume. Enroscaram-se-lhe no espirito conjecturas disparatadas, que nem

elle quereria que Deus ou diabo lh'as visse la dentro no seu coração. Em fim, desde que a filha o mandou para a meza do padre, o lavrador não ficou bom.

Antes de migar a malga do caldo, perguntou a Cacilda que havia de novo, que tinha que lhe dizer. E esperou com anciedade a resposta.

— Queria-lhe dizer, meu pai, que o primo Guilherme precisa de mudar de vida. Está cada vez mais triste e mais acabado... Vá comendo, meu pai; que está o caldo a arrefecer... Eu vou fallando, e o pai coma em quanto eu fallo.

— E então que queres tu que eu lhe faça?

—Que o mande para Coimbra acabar os estudos.

— Ora essa! e o dinheiro? tu sabes lá quanto custa um rapaz dois annos em Coimbra?... — Ella ia interrompel-o — Espera, deixa-me fallar... Olha que eu ainda devo vinte e tres moedas da ordenação do nosso padre, e estou á espera que elle arrange a ser parocho para as

pagar. Onde heide eu ir buscar o dinheiro? Pelo menos, moeda e meia cada mez, que é o que dá ao filho em Coimbra o Borges de Tuloens...

— Arranja-se — atalhou Cacilda — O pai, por causa do primo, compra carne, chá, assucar, café e pão de trigo não é verdade? Estas coisas não se compram, indo o primo para Coimbra; e o que se havia de gastar aqui com elle, manda-se-lhe para lá em dinheiro. Anda isso por meia moeda por mez.

— Bem: falta uma. Arranja lá isso.

— O nosso padre prega todos os mezes um sermão pelo menos; eu peço-lhe que dê ao primo Guilherme o dinheiro do sermão.

— Um quartinho. Bem já temos trez quartinhos; e o mais? faltam outros trez para moeda e meia.

— Os outros trez dou-os eu.

— Tu? onde os tens?

— Os toiros que me deu a minha madrinha de Borbella já davam na feira de Gravellos sete

moedas. São vinte e oito quartinhos. A trez quartinhos por mez, dão para nove meze, e sobra. Aqui tem meu pai, a conta bem feita para um anno de estudo, que são nove mezes. Bem sei que são dois os annos que elle tem de la estar; mas para o ultimo anno o pai dá-me licença que eu venda os trez cordoens de ouro que me deu minha mãe e os brincos *á rainha* que me deu o meu padrinho. Todo este ouro peza dose moedas e um quartinho: chega e sobra.

— E queres ficar sem o teu ouro?!

— Ágora fico! o primo, logo que fôr doutor, começa a ganhar e paga-nos tudo; e, se não pagasse, a mim que me fazem os cordoens que eu nunca deitei ao pescoço nem os brincos que nunca puz nas orêlhas? Mas o primo não é capaz de nos ficar a dever nada; o pai conhece bem que elle é muito bom môço; e que, se lhe não accudirmos, qualquer hora dá cabo da vida, por ver que não tem modo de poder ganhar alguma coisa. Não é assim, meu pai? Olhe que

a tristeza d'elle é cada vez maior. O pobre rapaz, se não sahe d'aqui, estala de paixão. Mande-o para Coimbra, e hade ser já no mez que vem que é quando lá se começa a estudar. Quem lhe hade fallar é o pai, mas não lhe diga que lhe dá o dinheiro; diga que lh'o empresta, e elle lh'o pagará depois, quando o ganhar; o pai bem entende; se disser que lh'o dá, é vexal-o, e não lh'o acceita.

— Está bem, rapariga, está bem — disse o Francisco Alves pondo-lhe a mão na cabeça — Eu te abençôo pela lembrança, e Deus te abençoará por que és uma boa creatura, e lá está no ceo a tua sancta mãe a fallar-te na alma. Levou-m'a Deus muito cêdo; mas deixou-me cá dois filhos que nunca me deram um desgosto...

O velho enxugava as lagrimas na toalha; e Cacilda, beijando-lhe a mão que a abençoava: — Não chore, meu pai... Alegre-se com a esperança de ver ainda feliz n'esta casa o nosso pobre parente que vive tão triste.

Áquella hora, os caçadores chegavam á Lomba da Samardan, onde as gallinholas se emboscam nas ramarias dos corregos socavados pelos enxurros que, no inverno, esbarrondam do espinhaço da serra. O sol queimava. Eram as ultimas calmas de fins de agosto. As urzes mosqueadas de laminaçoens oscillantes, coadas pelos azinhaes e medronheiros, esfarellavam as suas florescencias roixas ressequidas.

Guilherme, fatigado por duas estiradas legoas no trilho escabróso da serrania, já não podia acompanhar o passo firme, rapido e incançavel do padre João. Deixou-o galgar a garganta da Lomba, com a perdigueira adeante a fariscar, e sentou-se á beira de um relvédo muito sombrio, pérolado das camarinhas do orvalho.

Os meandros de agua, descaindo a fio, alimentavam aquella refrigerante alfombra, como

oásis n'aquelle sargaçal tozado pelos rebanhos das ovêlhas. Os fios da agua escorriam confluentes um pouco abaixo, encanados por folhas de castanheiro que os pastores ageitavam em bica de fonte, onde bebiam. Ahi, a agua estancava e alastrava-se em uma lagoasinha limosa onde coaxavam alternadamente as rans, quando á volta d'ellas se fazia uma quietação tranquilla e desasustada.

Reclinado sobre o braço direito, n'uma somnolencia de pesadêllo, Guilherme reatava os elos da sua cadeia de tristezas que, raras horas, de dia e noute se desatava. A soledade era-lhe sempre funesta. Nunca das suas meditaçoens lhe ficou na alma um sedimento de esperança que o alentasse — a esperança que acompanha os maiores desgraçados como uma zombaria agradavel e adorada, até que se esconde d'elles por traz da sepultura. A elle, nem isso. Quando alongava olhos da alma até ao horisonte do seu porvir, acastellavam-se nuvens sobre nuvens ne-

gras, uma barra de ferro, tudo noite caliginosa de sol a sol.

Mas, n'aquella hora, ao fundo de sua desventura tinham estillado umas gotas do balsamo da imaginação — as lagrimas da poesia, mixto de amargura da terra e da nostalgia do ceo.

Vinham de longe, do descampado Valle de Aguiar, toadas lugentes de um dobre a finados. Ah! que triste! Quando se tem coração, lá nas solidoens das montanhas, a gente sente-o arfar de dor batido por aquelles soluços do bronze. Quem teve caricias de mãe e a providencia de um pai, escuta-os n'esse gemer ondulado dos presbyterios, chora, e deseja morrer.

Guilherme refugira de si, da sua zona tenebrosa para outra existencia que o alumiasse. Valêra-se da Fantasia, que é ás vezes a Beatriz do florentino, a guia divina na espiral dos circulos infernaes.

Via Cacilda. Aquella immaculada rapariga apparecia-lhe sem nimbos, sem resplendores de

visão idealisada: tal qual era — triste, com o seu sorriso de meiguice compadecida, sorriso sem contentamento, mas benevolo; com os seus grandes olhos amarados de lagrimas, de uma luz quase fria, timidamente castos; as suas raras palavras estremecidas de amor de irmã; e a fronte lisa e serena onde nunca o odio ou o arrependimento abrira um vinco. E mentalisava um romance com umas peripecias urdidas de chimeras que podiam ter sido bem naturaes, se a sua desgraça não fosse extraordinaria. Imaginava-se formado, na carreira da magistratura, com aptidoens esperançosas de elevada posição e bens da fortuna. Era novo, alegre, mas sentia a imperfeição da sua felicidade sem o amor de uma mulher. Procurara-a nas salas, no grande-mundo, e não a encontrára á feição da fantasia. Transigira com a utopia das suas aspiraçoens, prescindindo dos bens e dos precalços de marido. Um dia, lembrou-se de visitar uns modestos lavradores, remotos e quase esquecidos

parentes. Chegou a Mouçoz, e encontrou um velho com as mãos calejadas do trabalho duro das lavras, entre dois filhos. Um era o padre, bom, caroavel, sem vicios de homem nem pesar de os ter sacrificado á virtude; do outro lado, estava Cacilda, a filha, de uma bellesa de alma que lhe alindava o rosto, com uma melancolia encantadora que deixava entrever o coração feito de ternura, de amor, de piedade — uma creação angelica e intangivel á pestilencia das más paixoens. E elle então vira, n'aquella crystalisação dos seus enlêvos, a mulher que não encontrara nos bailes e nos theatros. Amou-a com a castidade respeitosa de uma adoração, pediu-a a ella mesma, depois ao ancião que lh'a deu; mas que não lh'a tirasse, que era a luz dos seus olhos, até que a morte lh'os fechasse. E d'ahi a pouco, elle, o rapaz, nos doirados annos da sua gloriosa carreira, cazava com Cacilda, e ali se ficava n'aquella aldeia, com ella, entre aquelle ancião e o sacerdote, voltando as costas ao grande-

mundo que apenas lhe dera intumecencias da vaidade e do orgulho. Bem se vê que sonhava o pobre exilado dos prazeres e o ditoso ignorante dos tedios!... Bem se vê que sonhava...

Espertara-o deste enleio o cantar de uma pastora que não via. As ovelhas alcandoravam-se nos algares da encosta que lhe ficava em frente; mas elle tambem não via a pegureira que se resguardava do sol no recesso de umas fragas alcantiladas. A melopea era a das cantilenas, á desgarrada, das provincias do norte, que lá em cima nos ecos das montanhas vibram como os gemidos de uma saudade immensa. A lettra dizia assim:

O' fonte, que estás chorando,
Não tardarás a seccar;
Mas os meus olhos são fontes
Que não param de chorar.

Ai! triste da minha vida,
Ai! triste da vida minha!
Quem me dera ir comtigo
Onde tu vais, andorinha.

Rouxinol canta de noite,
De manhan a cotovia;
Todos cantam, só eu choro
Toda a noite e todo o dia.

O' aguia, que vaes tão alta
Por essas serras d'além,
Leva-me ao ceo onde eu tenho
A alma de minha mãe.

Guilherme não ouvira claramente as trovas todas; mas a ultima decorou-a verso a verso, por que a voz da cantora modulára pausada-

mente as palavras com uns requebros mais demorados e gementes.

Leva-me ao ceo onde eu tenho
À alma de minha mãe.

Elle tinha perdido a sua, muito na infancia; mas lembrava-se de a vêr viva, e muito mais se recordava de a vêr morta sobre uma eça, na sala de visitas, ladeada de tochas. O pai tinha-o pela mão, e estava de joelhos. Algumas pessoas, vestidas de preto, levantaram-lhe o pai pelos braços, e tiraram-no á força d'aquella sala. Recordava-se d'isto, com os olhos vidrados por lagrimas de saudade nunca sentida tão pungentemente. Era o dobre a finados no Valle d'Aguiar; era o tom mesto das cantigas da pastora; ao longe, o azulado remoto das montanhas do Douro; depois o verdejar indeciso das pradarias da velha Panoyas, involtas nas neblinas da calma; o castello de S. Thomé, um morro pyramidal que

topetava no ceo com o vertice, como um pilar do firmamento; uma nuvem cinzenta mensageira da trovoada que já reboaba na ultima cortina das serras; e d'um castanhal cerrado, lá em baixo na chan, sahia o arrulhar de rôlas que imita o gemido estorturoso dos agonisantes.

A pastora assomára então no topo da escarpa sobre o fraguêdo, em busca de uma ovelha que balava perdida na concavidade do barrocal. Deu de rosto com o caçador, e gritou com alvoroço:

— Olha, o snr. Guilherme de Mouçoz onde está! — e desceu açodadamente, chamando os cães de gado que arremettiam contra o homem estranho.

— Você conhece-me?! — perguntou Guilherme.

— Conheço, sim, snr., que eu tambem sou de Mouçoz. Vossemecê não se lembra de me vêr lá por casa do meu padrinho da Lage?...

Sahi de lá, ha mais d'anno, e vim para a Samardan para casa da minha tia Antonia, que me mandou buscar...

Guilherme lembrava-se mal. Tinha idéa de ouvir fallar de uma orfan que o Francisco da Lage agasalhára, e protegêra, até que uma tia, boa lavradeira, sem filhos, a chamára a si para lhe dar a casa por sua morte. Pediu-lhe então que lhe dissesse os versos das cantigas que lhe ouvira; ella recitou-os ao passo que elle os escrevia a lapis na carteira.

— Estes versos quem os fez, disse ella, foi a snr.ª Cacilda. Quando minha mãesinha morreu, ás vezes, esquecia-me, e punha-me a cantar la pelos campos umas modas alegres que eu aprendera. Uma vez, a snr.ª Cacilda disse-me: — O' rapariga, não cantes isso. Eu desde que minha mãe morreu nunca mais cantei. Se não podes estar callada, eu heide fazer-te uns versos — E vai depois, meu senhor, fez-me estas cantigas, e outras mais, muito tristes, muito tristes, que fa-

zem chorar as pedras; e já por ahi as cantam muitas raparigas; mas não choram como eu que fiquei sem pai nem mãe ainda antes de commungar. Acho que tinha doze annos...

Ouviu-se rastolhar na folhagem, e os cães a latirem. Era o padre João que chegava esbofado, com uma gallinhola pendente pelo pescoço de uma correa do polvorinho.

— Olha o snr. padre João! Olha o snr. padre João! — clamou a moça, enxugando as lagrimas ao avental de estôpa, e curvando-se muito para lhe beijar a mão.

— Olá, Isabelita, como te dás com tua tia? estás gorda e fera! Ainda não cazaste? Apparece la por Mouçoz, que a snr.ª Cacilda falla em ti muitas vezes. Estás tu bem?

— Muito bem... não me falta que comer nem que trabalhar.

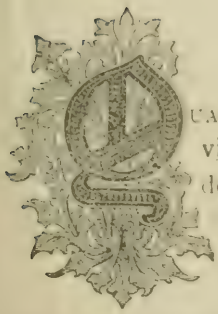
— Pois isso é o que se quer. Depois de trabalhar é que sabe bem o comer; e depois de comer é que ha vontade de trabalhar. Vamos que

são horas: — disse a Guilherme — temos trovoada antes do sol posto.

Guilherme disse adeus á pastora, e seguiu o padre que lhe ia contando com grande vehemencia de gestos os ardis que empregara para abater aquella gallinhola, á custa de subir e descer duas vezes o desfilladeiro da outra encosta da Lomba. O primo ia muito distrahido, a repetir mentalmente os versos que a Cacilda tinha feito á orfan. Aquellas quadrinhas, de si tão singelas e desataviadas, davam, aos olhos d'elle, um grande relêvo á candura da sua parenta que, mostrando admirar as poesias de Castilho, nunca lhe revelou que pretendêra fazer versos. E elle, pelo prisma do seu enthusiasmo, e talvez á luz da aurora do seu primeiro amor, via os versos de Cacilda, cantados pela pastora, mais desenfeitados, ingenuos e commoventes que os poemas rendilhados do inspirado cego.

FIM DA PARTE I

LYRA MERIDIONAL



Quando eu tinha desesete annos, vi recem-nascida, nos braços de sua mãe, uma creança que é hoje Antonio d'Azevedo Castello Branco, auctor da *Lyra meridional*. A mãe do pequenito era minha irman. O pai era um medico, na flor da idade, com uns bellos olhos absorventes de luz, e a fronte grande a irradial-a em talento,

em claridades de boa alma affectiva e devotada ás prodigalidades do bem-fazer. Estava no grupo um sacerdote, o reitor, irmão do medico. Teria trinta e oito annos. Ainda o conheci não longe da mocidade. Um homem gentilissimo, as mais harmoniosas linhas e curvas de bellesa varonil que ainda vi. Sempre nos olhos e nos labios as lagrimas ou os sorrisos do coração compadecido ou exultante. Escasso de palavras. A reflexão em demasia escrupulosa apoucava-lhe os dons da eloquencia; mas, se era preciso sahir ao baluarte da sua Fé menoscabada por um voltaireano doutorado em Pigault-Lebrun, então sim, era facundo, traçava gestos grandiosos sem artificio, e até a voz se lhe timbrava extraordinariamente em tonalidades reprehensivas, mais insinuantes que os proprios argumentos dogmaticos. Este levita era o padrinho da creança que eu beijei nos braços de minha irman, ha quarenta e um annos.

Naturalmente, deseja-se saber onde é que eu

vi este grupo — o menino nos braços maternaes, o medico a espelhar nas pupillas cariciosas o seu primogenito, o reitor a contemplar o afilhado, e talvez a pedir aos anjos fios de graça divina para lhe ir urdindo a alma, dia a dia, anno a anno, até podel-o offerecer a Deus como a melhor e suprema obra do seu amor.

Onde é que estava o grupo? Exigem-se os processos — as influencias mezologicas, as condições de adaptação ao ambiente, o meio, o solo, o clima, a flora, a fauna, em fim a sciencia que explica as pessoas pelas coisas.

O rapasinho que eu vi então é quem hade responder agora ás parafusações respeitaveis dos biologos:

N'um desconhecido valle
Do nosso bello paiz,
A minha aldeia natal
Está no meio de mattas
E fragosos alcantis.
Que formosas perspectivas!

Que murmurios, que cascatas!
Que pradarias! que fontes
De correntes crystallinas
Pelas escarpadas ribas!
A par de verdes collinas,
Fragosos, despidos montes.

Mas o nome da aldeia? Elle não o diz, e di a razão do sigillo:

O nome... não digo o nome;
Porque, em fallecendo, quero,
Por cumulo das vaidades,
Ter o posthumo prazer,
Que talvez sentira Homero,
Quando por sete cidades
A gloria foi disputada
De o poeta lá nascer.

Pois a mim, como parente, não me importa a vaidade posthuma de que sete cidades disputem a gloria de ter ouvido os primeiros vagidos de meu sobrinho.

Eu é que vou estampar em perpetuos ver-

saletes o nome da aldeia, e acabar de antemão com futuros litigios e retaliaçoens injuriosas entre os respectivos jornalistas das varias cidades. É que sinto a nosta'gia d'aquella povoaçãosinha, ha muitos annos — uma saudade inveterada como a reminiscencia d'um primeiro amor, e unico feliz. Na minha mocidade, nada mais vejo. Não nasci lá; mas ahi foi que me alvoreceu o arrebol do intendimento, a ancia de trasladar ao papel o diluculo d'essa alvorada; foi ali que fiz os meus primeiros versos . . . *versos*, meu Deus! não — a primeira pagina da minha biographia de lagrimas.

A aldêa chama-se VILLARINHO DA SAMARDAN. Demora em Tras-os-montes, na comarca de Villa-Real, sobranceira ao rio Corrego, no desfiladeiro de uma serra sulcada de barrocaes. É citada nos epigrammas de Filinto Elysio como typo de chalaça, de gaihofa, de surriada. Segundo aquelle mestre do gerundio e artifice de linhas corneamente esquinadas que a calumnia

chama versos, dizer a um luso que a sua patria era a Samardan, equivalia a um *Zut* dos gavroches franceses de hoje em dia sibilado ás orelhas do forasteiro de Pont-à-Mousson ou Brives-la-Gaillard — as Samardans da França, symbolicas de burlesco. Depois de Filinto Elysio quem mais explorou o «ridiculo» da Samardan para m'o saraivar em boas facecias á minha salvageria de litterato samardanesco foi o snr. Alexandre da Conceição. Não me consta que a obscurissima povoa, concavada nas penedias do Mesio, tenha sido troçada por outras auctoridades dignas de escriptura.

Isto não é negar poderosas inergias cerebraes, dons de caustica chalaça a outros remoqueadores da minha assobiada aldeia; por exemplo, um doutor de capello, poço de sabedoria entupido, que me idealisou bucolicamente a pastorear por lá ovelhas, ou porcos como Sixto v. Não desfaço no espirito de ninguem. André Lefèvre

disse: *nul ne doute plus que les bêtes aient de l'esprit.* D'accordo, illustre philosopho!

Em todo caso, a Samardan, na opinião geral, é um rebotalho reles de casca planetaria, onde apparecem ainda reliquias perigosas do urso speleo e do rangifer, — região indigna de travessia, e das varias Geographicas portuguezas que estão a digerir platonicamente as varias Africas para filtrarem o chylo, em tempo competente, nas visceras da ladra e ingrata Albion.

Mas, seriamente fallando, ainda quando o Chiado e a Praça de D. Pedro — estes porticos athenienses ao ar livre — com um compasso sobre o mappamundi posessem uma perna na Samardan e outra em Freixo-d'Espada-á-cinta, para assignalarem dois alfôbres de palurdos — já lêram que o preeminente poeta Guerra Junqueiro sentisse pruir-lhe a face o pejo de ter nascido em Freixo de etc.? E a *Chamusca!* O que por ahi não tem casquinado da Chamusca a critica piccaresca! Pois o beato arcebispo D. Lourenço,

que de mais a mais está inteiro em Braga ha coisa de 400 annos, e que, por não ter sorte, ainda não é officialmente sancto — esse egregio prelado, sabio e lidador muito acutiladiço em Aljubarrota, jactava-se de nascer na Chamusca. E, se eu quizesse assoprar filaucias áquella villasinha buffa, lembraria aqui um meu contemporaneo em Coimbra, o Pedro Coixo (recordai-vos, macrobios, se ainda existis alguns!) o Pedro Coixo que, estreando-se na defêsa de um assassino, começou d'esta arte o seu discurso: «A terceira rasão porque o reo deve ser absolvido...» e esmurraçava a meza. *A terceira razão!* Valente dialectico! Elle tinha tal evidencia na victoria das ultimas rasoens do seu discurso que dispensava as primeiras! Ah! defendeu poucos assassinos com as terceiras rasoens. Morreu depressa como as estafadas rosas de Malherbe. Elle, que levára desesete annos a formar-se, apenas illustrou a Chamusca, algumas manhans, como causidico. Dir-se-ia que a terra era indigna d'elle;

e, se Pedro, foi um caso teratologico, uma monstruosidade de genio incompativel com a Chamusca, a Morte, eliminando-o, pôz uma *errata* á obra da Natureza.

*

Quantas povoações ridiculisadas por que os seus filhos as renegam de mães!

É inadmissivel que o torrão uberrimo de Figueiró dos Vinhos e Aldeia de Payo Pires não tenham grelado grandes homens.

Pois d'onde explosiu esta legião de varões de procedencia incognita que recheiam o ventre orçamental do Estado, mastigando-o? Essas revoadas de poetas, que só tem de pópas de arribação o fallarem egypcio, de que pyramides desferiram as azas? Por força devem ter sahido alguns de Payo Pires e outros de Figueiró dos Vinhos.

Da Samardan apenas sahimos tres; — dou a minha palavra d'honra que somos só tres as gotas d'este oceano das lettras encapelladas:

meu sobrinho Antonio, meu sobrinho José Castello Branco, e eu, nas ambulancias, na bagagem dos estropeados.

Mas imaginam lá o que foi Villarinho da Samardan na minha mocidade e na infancia do poeta da *Lyra meridional!*

Durante o calor do estio,
Á sombra dos castanhaes,
E pela estação do frio,
Á fogueira, em torno ao lar,
Qualquer pode ali gosar
As scenas patriarchaes.
Em quanto lavam no rio
Ou nos trabalhos ruraes,
As formosas raparigas
Vão urdindo com cantigas
O mais delicado fio
Das cadeias conjugaes.
Como nos tempos antigos,
Encontram consolação
Os peregrinos mendigos

Que imploram da caridade
Um bocadinho de pão.
Alegre hospitalidade
Acha lá o caminhante,
Quando a neve a terra cobre,
Seja rico, seja pobre,
Pousada não se lhe nega;
Á meza tem um logar
E a todos causa alegria
Escutar o caminhante
Que conta depois, ao lar,
A propria biographia.
. . . . . .

*

São raras as paginas da *Lyra meridional* de que eu não conheça ou a ridente paysagem ou a dorída inspiração. Este livro, na sua maxima textura, é uma urna de cinzas entre jarras de flores — mas flores de inverno, as chrysantemas amarellas, doentias, intanguidas, sem perfume. Quem conhece o auctor e o vê exteriorisar-se

n'um tregeito labial que parece um sorriso, cuida que elle contempla o mundo com uma regalada jovialidade pantheista. Engano. Os traços humoristicos são raros, ligeiros, uns relampagos que illuminam fugazmente a gracil ironia das suas musas juvenis. A *Possessa* é d'esse cyclo da alegria san, posto que um pouco despeitorada. Eis a historia. A *Magdalena* tinha o demo no corpo. Inchava pelos modos, e não admira com tão elastico hospede dentro. Chamou-se um padre de longes terras para a exorcismar. A energumena desavolumou-se sem operação cezarea, só com agua benta. E então o poeta, congratulando-se com a moça aliviada, vacilla em acreditar certos boatos.

> Ha quem diga, teime e insista

diz elle,

> Em que o demo se mudára
> N'um anjinho... E' cousa rara!
> Foi assim? Oh que exorcista!

Os *Fructos Piedosos* são da mesma arvore. A *Joaquina*, a *Gracinda*, a *Leonor*, e a *Helena* todas tem uns pequenitos gordanchudos, e nenhuma tem marido. As creanças todas são da mesma idade. Forte exquisitisse! A *Joaquina* explica ingenuamente o caso naturalissimo. É que todos elles

... nasceram
N'aquelle anno da missão.

Vê-se que, no tal anno da missão, se tinham operado excessos de amor do proximo. Intenderam á lettra os missionarios — é o que foi. Ha exemplos d'uma forte intensidade mystica disparar em nevroses que se affirmam pela virilidade physiologica.

O *Soliloquio de um cura* é mais transcendente e prophetico talvez. As vinhas dão cada vez menos.

Houve infallivelmente
Alteração no clima,

calcúla elle meditabundo. Depois, cheio de bons sentimentos altruistas, exclama:

Se vae n'este caminho,
Pedir a congrua fôra
Gravissima injustiça.

Eis que novo horror o assalta!

E então, se acaba o vinho!
La vão tambem embora
Os trez tostoens da missa.

Este previsto cura, respeitador dos canones, não ousaria celebrar sacrilegamente a missa com vinho falsificado; e, se assim liturgicamente pensar todo o clero, e o philoxera alastrar o seu geral vandalismo em Portugal, acabam as missas, acabam os suffragios, e lá se vão inferno dentro as almas por falta de vinho. Como providenciará a curia romana em semelhante conjunctura? O

cura pouco methaphysico não scismava n'isso, ao que parece. O seu objectivo no soneto eram por emquanto

Os trez tostoens da missa.

E, tirante estes e poucos mais gracejos, a obra de A. d'Azevedo Castello Branco é a identificação de inconsolaveis melancolias a um espirito que se ala com ellas aos acumes do Ideal, um ponto altissimo de montanha que se nos figura, por illusão de miragem, sobranceiro ás desgraças humanas.

A muita lição do hypocondriaco Edgar Quinet, como deprehendo das epigraphes dos seus versos, ainda assim, não o saturou do sombrio menospreço das coisas boas da vida – aquelle tedio spleenico que reveste de escomilhas negras as telas refulgentes do poeta de *Ashaverus*. A saudade é o bordão gemente da *Lyra*, saudade da sua infancia, das suas arvores e penhascaes, dos seus

mortos que são muitos e os mais caros. Logo que li o livro, disse-lhe que tinha a chave de todos os seus enigmas dolorosos.—*Concordo*, me disse elle hoje – *que ninguem como o tio entenderá as minhas composiçoens. Sob a apparencia de productos nada subjectivos, é com tudo o livro quasi todo um gemido da minha saudade por cousas e pessoas de que vivo afastado.*

*

Deixei-o creança, e tornei a vel-o aos quinze annos. Viveu então comigo no Porto. Estudava preparatorios para cursar a faculdade de direito. Tinha eu n'esse tempo um camarote de assignatura no theatro nacional de Liceiras; mas nunca ía assistir áquelle garrote da arte e da vernaculidade. A chave do camarote estava, n'uma promiscuidade ignobil, pendurada n'um prego onde o creado pendurava as suas botas de prezilhas. Meu sobrinho, quando eu o imaginava na sua alcova a folhear com mão nocturna um romance

de Sand ou de Mery, estava no theatro, muito refastelado na cadeira, acompanhando talvez com suspiros as lamentosas peripecias do *Dom Magriço*, do *Captivo de Fez*, ou talvez as ondulaçoens curvilineas da Carlota Velloso.

Um dia, o meu amigo Emilio Dantas, o illustrado e severo professor, avisou-me: — que era preciso obstar a que o seu discipulo em vesperas d'aula frequentasse theatros, expondo-se n'um camarote á primeira luz da ribalta. Admoestei o rapaz philodramatico. Parece que fiz mal. Elle tinha haurido tanto suco da lingua patria na frequencia do theatro de Liceiras que, lendo os meus romances, unhava os gallicismos, e submettia-os francamente á correcção, para ulteriores ediçoens. Já me não recordo se elle tinha perfeita razão.

Depois, o pai, desconfiado do seu zelo e da minha vigilancia, internou-o no collegio do Navarro, onde completou os preparatorios. Trez annos decorridos, na passagem de Coimbra para

ferias, visitou-me. Era um formoso rapaz de desoito annos, com uma cabelleira fluctuante, corporatura athletica, exuberancia de alegria. Depois, tornei a vêl-o em Coimbra, com Anthero do Quental seu companheiro de casa, entre uns olivaes, longe do bulicio da Athenas, na vertente de uma collina onde apenas chegavam os berros obscenos da *Cabra*, a cabra da torre que parece psalmear threnos pelas almas agonisantes dos *cabulas*.

> Longe, á tarde, por margens do Mondego
> Na solidão melancolica do Almegre
> Ouvi berrando a negregada Cabra
> E de ouvil-a tremeu minha preguiça...

disse Couto Monteiro, na sua inolvidavel parodia do *Camoens* de A. Garrett.

Anthero do Quental e Azevedo Castello Branco escutavam destemidos a cabra, n'uma revolução permanente contra a tyrannia medie-

val que fazia ulular o badalo, como lingua do ferreo corpo cathedratico, a bater em compassos lugubres nas suas maxillas de bronze. Elles ouviam a cabra como ouviriam os arrulhos da pomba, n'uma indifferença estoica; pegavam do Lobão e do Liz Teixeira como Socrates pegaria na taça da cicuta, e deitavam-se de costas, como Seneca no banho, abertas as veias... do sarcasmo. Era uma delicia ouvir os dois, á competencia de paradoxos, exhibidos com a uncção extatica de evangelisadores das ultimas ideas.

Coimbra tinha, n'aquelle anno, rapazes adoraveis pela ingenuidade das suas sanctas manias. Faziam-se religioens novas na estalagem do Paço do Conde e na tasca da tia Camella. Mostraram-me então um moço muito galante, de longas madeixas louras encalamistradas, com uns olhos amortecidos de suavidade virginal, de luneta d'ouro, a fronte espaciada a refrangir lampejos sideraes e o ouvido attento á harmonia das espheras. «Aquelle rapaz é um Christo!» disse-

ram-me. Que fallava parabolicamente e distillava pelo labio módulo balsamos ineffaveis sobre as chagas humanas. Annos depois conheci pessoalmente e com muita estima este Christo: era o snr. Manoel d'Arriaga, republicano radical, pouco para parabolas, e insufficientemente manso para se deixar christanmente crucificar pela Idea. Meu sobrinho tambem apostolava, em parodia, a cosmogonia de um ôvo immenso chocado por uma ave ainda «mais immensa» já se vê, que o ôvo, se isso cabe nas medidas novas.

D'esta sasão ditosa não encontro algum poema, que a relembre, na *Lyra meridional*, a não ser a *Costureira*. Amarguras, isso sim, desdobram-se torrencialmente e levam no seu enxurro torvo a mocidade do cantor tão cêdo acurvado ao jugo da lavra amaldiçoada com o suor do rosto e o sangue vital das esperanças.

*

Uma poesia, que tenho de commentar detidamente, preciso trasladal-a inteira, por quanto de cada um d'esses hendecassilabos me senti tão captivo pela singelesa desataviada da factura, como pela consciencia e saudade que realçam da esthesia d'esse quadro verdadeiro.

O VELHO PRIOR

Era affavel, austero, sem dureza:
Ardente a sua fé, sem fanatismo,
Amava a Deus e amava a natureza
Com simples, innocente pantheismo.

— Gosem outros — dizia — os vãos folguedos
Das brilhantes cidades, populosas;
Eu antes quero a paz dos arvoredos,
A solidão das mattas murmurosas.

Tinha o prior uma casita branca,
Contiguo a ella o seu pomar e as hortas;
Dava a todos na casa entrada franca,
E quantas noites nem fechava as portas!

Depois da missa e reza matutina
Ia ás vezes com seu trajo de camponio
Deitar as aguas d'uma fresca mina
As hortas e pomar, seu patrimonio.

Em novo, tinha a distracção da pesca;
Depois de velho, ás tardes, pelo estio,
Ia em passeio procurar a fresca
Ás margens frondejantes do seu rio.

Costumava fazer-lhe companhia
Uma velhinha de provecta idade,
A quem alegremente recebia,
Fallando da saudosa mocidade.

A tradição dizia que se amaram,
Quando brilhava a flor da juventude!
Que um reciproco affecto conservaram,
Rescendendo os aromas da virtude.

Seguiram já pela infinita estrada . . .
Um apoz outro foram, mas aonde ?
Pergunta, ha dez mil annos, formulada,
Pergunta van, a que ninguem responde.

Visitei o prior, quando doente;
— Vem ver, amigo, como acaba isto?
Obrigado! — Depois serenamente,
Voltando os olhos para a cruz de Christo,

N'ella os fitou, ficando immovel. Vi-o
Expirar na tranquilla obscuridade
Do seu viver — um claro e manso rio
Que foi perder-se ao mar da eternidade.

Este prior era o padre Antonio de Azevedo, tio e padrinho do poeta. Bem se lembram de o ter encontrado no grupo, ainda no vigor da idade, quando eu vi meu sobrinho nos braços da mãe.

Vivi dois annos com este prior. As nossas camas estavam no mesmo quarto. Ensinava-me latim e musica de canto. Elle era um bello baritono em cantares mysticos e tocava flauta — coisas classicas, talvez, lidas n'umas velhas solfas. A minha corda vocal nunca pôde graduar-se.

Inclassificavel. Cantando a escala, quando chegava ao *si*, esganitava-me n'uma engasgação. A minha voz não se parecia com a voz de ninguem. Uma larynge que veio intempestiva para modular as melopeas incognitas da musica do futuro, balbuciada, ha pouco tempo, por Wagner. Desistiu-se de parte a parte pelo que respeitava ao lyrismo. No latim, andei melhor. Antes de saber traduzir o *Eutropio*, pronunciava correctissimamente a prosa e o verso. Padre Antonio fazia-me psalmear com elle os versiculos do *Breviario*, alternadamente. Resavamos, ao romper d'alva, *matinas*, depois *laudes*, á noite *vesperas* e *completas*. Eu sabia de cor os *psalmos penitenciaes*, sem os perceber; — os dogmas da minha religião começavam pelo idioma; — porém, o prior, se eu lhe pedia, tradusia-m'os com uncção e enfase, accentuando com um compasso de dêdo no seu *Breviario* a separação dos versiculos para que eu entendesse a correspondencia litteral. Era prégador; mas raras vezes subia ao

pulpito, fóra da sua egreja. Redigia todos os seus sermoens: não usava expositores, e nunca os repetia. Tinha grande difficuldade em os decorar. Ser-lhe-ia menos penoso improvisal-os:— aprendia-os á custa de eu lh'os reler. A final, recitava-lh'os inteiros, sem o papel, e elle, triste e desanimado, ainda balbuciava a primeira pagina.

Uma vez, prégava de S. Martinho, o orago da freguezia. Nunca lhe fôra tão rebelde a memoria. Os comêços dos periodos era-lhe impossivel recordal-os. Fui eu tambem para o pulpito. Acocorei-me no ultimo degrau. Fiz de ponto; e logo, ao segundo periodo que dizia: *Condusido a Ninive entre as ingratas tribus que ao furor de Salmaanasar entregaram*, etc., o prior já não se lembrava da cidade maldita, nem do nome do impio tyranno conquistador de Israel. Vali-lhe com a minha geographia e com a minha historia, e d'ahi por diante correu tudo direito até ás trez *Ave-Marias*, pelo mordomo e por outras jerarquias recommendaveis.

Conheci perfeitamente a

Velhinha de provecta idade

de que falla o poeta. Era então nova, uns trinta e trez annos quando muito. Chamava-se a snr.ª Luiza das Barrias. Era ainda bonita, reforçada, muito alva, bandós negros, ar senhoril, maneiras delicadas. Não cuidava da lavoura nem da cosinha. Dobava meadas, costurava com as suas mãos muito mimosas, e passava as tardes de verão sentada em um banquinho, deante do sarilho, n'uma varanda vasada de bom ar e muita luz, ensombrada de castanheiros antigos. O prior ia todas as tardes para aquella varanda, e sentava-se a distancia em que ella lhe ouvisse ler os *Annaes da propagação da fé*, e a *Defeza da Religião*, traduzida pelo Alexandre Garrett.

E' certo que se amavam desde a primeira mocidade. Contaram-m'o os meus contemporaneos de juventude. Se o Antonio de Azevedo não tivesse um tio padre que o encarreirou no sacerdocio, teria cazado com a Luiza das Barrias.

Ordenou-se, regressou á sua aldeia, achou-a solteira, mystica, devotada a Deus, amando o anjo que não podia ser para ella um homem. Meu cunhado, o medico, algumas vezes me disse que seu irmão, quase sempre valetudinario, somnolento, n'uma lethargia, era uma das poucas victimas da castidade sem sombra de macula que o clero podia apresentar como exemplo. Nem os seus companheiros de mocidade, nem os seus contemporaneos das aulas em Braga lhe conheceram um lapso.

Eu sabia uma historia d'elle que seria original, se a não tivesse presenciado o Egypto entre Hiempsal e o ministro da fazenda do pharoh. Dera-se em Braga com uma franceza, onde elle, formoso então como um cherubim, fôra levado á traição. Deixou-lhe a batina nas mãos? Não me recordo bem. Fugir sei que fugiu, e nunca mais passou pela rua da franceza. não como a esquivar-se á tentação, mas a tentador, que seria capaz de arrancar os proprios

olhos seductores como Santa Luzia; e, como S. Jacob, pôr a mão esquerda a derreter nas brazas em quanto com a direita fomentava o peito afflante de uma doente fingida a estorcer-se de lubricidade.

Uma vidraça do nosso quarto não tinha portadas. Elle queria ver o repontar da aurora. Quando a lúa nascia por alta noite, eu accordava, ás vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de luar, rezando os doze mysterios, por umas contas monasticas. Depois, chamava-me. Resavamos *matinas* com luz artificial. Iamos para a egreja. Eu tangia á missa e acolitava, pingando mais somno que devotas lagrimas. Devolta do presbyterio, faziamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre Garrett, os *Annaes da propagação da fé*, as *Noites de Joung*, a *Miscellanea curiosa e proveitosa*, os *Lusiadas*, o *Theatro de los dioses*, as *Virgens de Cyro*, as *Perigrinaçoens* de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia de Portugal* por uma sociedade de inglezes.

Passados muitos annos, dediquei-lhe um livro — *O Bem e o Mal*. Quem possuir esta esquecida novella hypnotica, releia a dedicatoria. Parece-me que ahi recordo esses fugitivos dias de innocencia e confiança na intervenção de Deus em coisas humanas. Umas trinta cartas que recebi do prior no transcurso de trinta annos, todas conservo. Aqui tenho uma escripta ha vinte um annos, agradecendo-me a dedicatoria do livro: ...« Livro por excellencia, livro d'ouro, digno de muito aprêço. Estimarei que continueis a escrever obras d'este quilate para bem merecerdes o premio enunciado pelo divino oraculo: *qui fecerit et docuerit* .. E, se me permittis a liberdade de amigo verdadeiro, rogo-vos do coração que façais todo o possivel para reunir em vós mesmo o *docuerit* ao *qui fecerit*. Já encetastes a carreira e tendes feito mais que os nossos bispos a quem competia com especialidade essa tarefa. Insto-vos a que continueis para chegardes ao *magnus vocabitur*.» Ah!

eu tinha feito mais que os bispos, e por isso me chamaram então «grande parvo». *Magnus vocabitur*. O sancto prior prophetisava do carnaz.

Em 1873 senti uma pungente saudade do meu querido mestre, e escrevi-lhe a perguntar se no proximo verão o encontraria em Villarinho da Samardan. Receava eu que elle, a esse tempo, andasse nas missoens a que se dedicára nos derradeiros annos. Respondeu-me: « Perguntais-me em que tempo estarei n'esta minha e vossa caza de Villarinho. Respondo — em quanto Deus me conservar a vida. De sorte que ou sobre a terra ou debaixo d'ella aqui persistirei. Portanto, em pessoa ou em memoria aqui me encontrareis em qualquer tempo. »

Não o tornei a ver. Trez annos depois, quando contava 76 annos,

serenamente
Voltando os olhos para a cruz de Christo
N'ella os fitou, ficando immovel...

Em 1881 fui a Villarinho. Cheguei ao anoitecer. Bati na primeira porta á entrada da aldeia. Era a da snr.ª Luiza das Barrias. Fallou-me um irmão d'ella, um ancião que eu tinha deixado na pujança dos annos, homem de ferro, valente caçador, um archivo de anedoctas venatorias e o Talma d'aquella povoação, representando proficientemente desde *Artaxerxes rei da Persia* até ao *Medronho*, um lacaio que fazia chorar de riso as multidoens. Não o conheci: estava cego, surdo, aleijado, hydropico. Perguntei-lhe a berros se me conhecia. Nem do meu nome se lembrava. Perguntei a meu sobrinho Antonio pela snr.ª Luiza das Barrias. Tinha morrido pouco tempo depois do prior.

Logo adiante estava o presbyterio. O sino deu as nove badaladas das Trindades. Pareceu-me ouvir padre Antonio dizer em voz soturna as palavras que lhe ouvira proferir, com as mãos postas, durante dois annos, áquella hora: *O anjo do Senhor annunciou. Maria concebeu por obra e graça*

do Espirito Sancto... Cuidei que o via e ouvia. Era elle a esperar-me. *Em pessoa ou em memoria aqui me encontrareis em qualquer tempo.* Lá estava. Fui ao quarto onde dormiamos. Toquei em alguns dos seus livros. Sentia nas mãos a frialdade d'um craneo. Meu sobrinho mostrou-me uma *Arte da lingua franceza* em que eu, aos quinze annos, escrevêra não sei que parvoiçadas sentenciosas. Senti-me opprimido, doente, arrependido de ali vir levantar os fantasmas de uma numerosa familia morta. Noite cerrada, sahi de Villarinho; e ao passar, de novo, rente com o presbyterio, ouvia-se o estridular das cigarras, e o fremito dos morcêgos que se esvoaçavam á volta do campanario.

*

Ha mais duas cruzes funerarias na *Lyra Meridional.* São duas datas: *25 de Dezembro de 1867,* e *11 de Outubro de 1876* (pag. 287 e 326). Na primeira data, falleceu o pai, — na segunda

a esposa de meu sobrinho. O leitor pede-me que me não demore deante d'estas sepulturas. Da melhor vontade. Bem me lembro que lhe prometti no prefacio d'estes livrinhos não o magoar (1). Tenho noticias da sua sensibilidade, leitor, tenho noticias fidedignas. Guarde os seus prantos que lhe hão de ser bem precisos para os seus proprios infortunios, como dizia Henri Heine aos seus consternados leitores e amigos.

Assumptos menos melancolicos.

O POEMA D'AMOR, sub-denominado *Elegia romantica*, é um escrinio de lagrimas crystallisadas. A estringe de um fantasma adorado alvacenta-se na cerração da saudade. O verso, a espaços, mesto e flebil como um gemido. A nota da desesperação soluça, mas não blasfema. Um pouco Schopenhauer e Hartmann — «as aguias negras do pensamento philosophico moderno»,

(1) Referencia aos *Scroens de S. Miguel de Seide.*

diz Ricardo Jorge (1). É um resignado que se reporta e acceita a indeclinavel fatalidade das coisas. Nem as rebellioens atheistas de Espronceda, de Leopardi e de Jacobo Ortiz. Nunca chega a formular o axioma pessimista: «A vida é má.» O seu bysanthinismo baudelaireano transluz mansamente nas interrogaçoens das *Cruzes tragicas*, que ás margens dos caminhos se hasteam d'entre os combros que beberam sangue de assassinados:

. . . . . .

Não hade um dia o sicario
Desarmar a seva mão?
Pois o sangue do calvario
Não fará florir o chão?

---

(1) *Hygiene social*, pag 64.

Não hade a justiça, um dia,
Derramar na terra a luz,
Tão brilhante, que irradia
Da palavra de Jesus?

Depois, como as perguntas não afloram palavra de resposta nos labios do grande Pan, ao poeta figura-se que

Volta á primitiva origem
A condição animal!
Como quando uma vertigem
Tomba alguem n'um tremedal.

Ah! se o amor foge dos lares
E a justiça das naçoens,
Que se transformam n'uns mares
De revoltos vagalhoens;

E, se a humana consciencia,
Por luminosa espiral
Nunca chega á eminencia
Onde não domina o mal;

É melhor que o sol se apague,
E que a terra, pelo ceu,
Gelada e erma, divague,
Como um astro que morreu!

Não se póde ser mais abstemio de palavras contra a pessima ordem das coisas sublunares. Umas perguntas respeitosas, uns corollarios inoffensivos e nada mais. Nem sequer uns relevos pornographicos para sujar a natureza mais do que ella está. Pois, na verdade, estão-se dando ahi por Lisboa rasoens de sobra a desculpar novos Miqueas, profetas menores, que entrassem na cidade *a uivar, a berrar como dragoens e a dar lamentos de avestruzes.* (*Miqueas*, c. I, v. 8.) Lisboa não seria arrazada pelos motivos que o Padre Eterno deu a Jonas: — «que a cidade tinha mais de 120:000 homens que não sabiam discernir entre a sua mão esquerda e a direita, e um grande numero de animaes.» (*Jonas*, c. IV, v. 11.) Ainda ha quem escreva que Jehovah

tinha maus figados! Estas deferencias pela bestialidade humana e por outros quadrupedes revelam um bom caracter, segundo a maxima immortal do *Thesouro de Meninos*.

Este poema affirma, por tanto, a personalidade do temperamento do poeta. Parece-me que o vejo com os olhos amarados no recorte azul da ultima montanha onde se lhe esfumam imagens irreparavelmente extinctas — sonhos bons de alegre liberdade, esvahidos, a quem desperta n'um carcere. Depois, abre um sorriso de paciencia para a vida que lhe é força viver e supportar. Duas estrophes methaphorisadas que eu afoitamente margino como originaes :

Os meus sonhos romanticos passaram
Para o paiz da morte,
Como os bandos de rennas que emigraram
Para as zonas congelidas do norte;

E como o troglodyta famulento,
Espera a caça em vão,
E enche a caverna de feroz lamento,
Assim gemeu tambem meu coração!

*

Gemeu; não amaldiçoou.

James Sully, o pharol das almas naufragadas no pessimismo, aconselha a disciplina da vontade para realisar desejos moderados e evitar os insensatos. A felicidade imperturbavel de Goethe consistiu na observancia d'esse preceito que elle formulára para seu uso. Antonio Castello Branco acceita as duras condiçoens imprescindiveis da vida. Até me parece que elle não espera que novos Christos impulsionem a perfectibilidade do homem, visto que a abolição da pena de morte e a propagação das lettras — a instrucção primaria, a flôr dos quatros evangelhos synopticos — não diminuiram o numero

dos assassinos e dos suicidas. Emfim, pedir á vida o que ella não tem é regeitar o bom que ella pode dar.

Mas um sincero pessimista desejará morrer? Schopenhauer tinha o optimismo do regimen sadio. Esperava viver cem annos, e falleceu aos setenta e dois com uma congestão pulmonar e amargas saudades da vida... *pessima*. Os versos pimpoens de Baudelaire:

Ó Mort! vieux capitaine, il est temps: levons l'ancre
Ce pays nous ennuie, ó Mort! Appareillons!

nenhum poeta portuguez os declamaria seriamente sem ter perdido de todo a confiança nas pilulas de familia. Ás nossas intelligencias militantes no noticiario, e talvez nas academias não quadra a hyperbole oriental de Balzac: «A bêsta do Apocalypse, diz elle, é a imagem visivel da intelligencia humana cavalgada pela morte, porque ella, a intelligencia, contem em

si o seu principio de destruição.» O consummo de phosphoro que se faz aqui nas officinas do espirito é tão diminuto que todos morreriamos de velhice, de *athanasia*, gregamente fallando, se o microbio, mais funesto que o pessimismo, nos não assaltasse das sargêtas. Sobra-nos coragem para affrontar as imperfeições do globo; mas fallece-nos a hygiene. É isso, é a sargêta que, na lucta pela vida, tanto eclipsa o magro poeta nevrotico como a magestosa bestialidade gorda do mercieiro.

*

ANGELINA *(comedia sentimental)* é uma delicia, um adresse a estrellecer as scintillaçoens de todas as gemas da arte. Tem prologo, e actos e côro, e onze sonetos rendilhados a primores de graça. O riso socratico do *Prologo* n'uma toada lamentosa:

Os tempos ao lyrismo vão adversos.
Seguir a evolução, é, pois, preciso,
E olhar attento para o chão que piso,
Que os caminhos d'agora são diversos.

Ah! quando faço gemebundos versos,
Bem sei que as minhas maguas causam riso,
E doe-me o dente que se diz do siso,
Quando meus ais rimados vão dispersos.

Se te vissem, amavam-te os ascetas,
Eu bem o sei, cruel e doce amada!
E consta-me tambem que outros poetas

Aos teus olhos já tem cantado hymnos,
Mostrando-lhes em 'splendida parada
Brilhantes esquadroens d'alexandrinos.

Era uma menina que andava

no passeio,
Sobre as modas recentes conversando. . .

muito lida em jornaes da moda. O poeta, encandeado por um olhar esconso de Angelina, deflagrou-se na sua paixão, e ardeu durante dois actos. Ao terceiro, chega-lhe a noticia do casamento d'ella, e endiabra-se, faz desatinos.

Quando do teu consorcio a triste nova
Eu li em todos os jornaes baratos,
Pratiquei uns notaveis desacatos,
E fechei-me a chorar na minha alcova.

Choraram-no as illusoens,

Sendo ellas as doridas carpideiras

No triste funeral dos meus amores!
Mandaram-me cartões de sentimento
A lua, os rouxinoes e varias flores.

Depois intervem o *Côro*, como na tragedia *Castro* de Antonio Ferreira, a moralisar, a consolar o bardo:

Já não ha castellans, mas sim meninas,
Rosas nascidas n'este meio abjecto.
A acção heroica não inspira affecto;
O que se quer é as acçoens... das minas.

Em seguida o *Côro*, com louvavel imparcialidade, dirige-se á perfida:

Tu eras o ideal do pobre bardo,
De rimas lacrimosas opulento:
Como a vida, porém, é rude fardo,
A's trovas preferiste o casamento.

Chamava-te nos cantos lirio, nardo,
Com grande enthusiasmo e sentimento;
Chama-te, por despeito, flor do cardo,
O pabulo mimoso d'um jumento.

Pela mesma razão que Luiz de Camoens chamava *cadella* a Catharina d'Athaide quando soube que ella casára com o Ruy Borges de Miranda.

Este poema é um exemplar de humorismo, como o professaram os mestres da especialidade que parece typica de inglezes, e como hoje em dia o exercita o americano Mark Twain. Um critico francez define bem essa feição de espirito que parece indefinivel: «O humor é caracterisado por uma enorme facecia, resaltando ás vezes

de uma observação triste, contada com a mais rigorosa imperturbabilidade; outras vezes com um supremo desdem da opinião do leitor. Os seus expedientes dilectos são a exageração de certas minudencias, a inesperada alliança de duas ideas disparatadas, por effeito de um calembur, ou por um brinquedo de perspectiva litteraria, um acumular paciente de pormenores, n'um *crescendo* de galhofa, mas sustentada pelo rigor da logica » (1).

Quanto á factura mechanica do verso, Antonio Castello Branco é muito parco em adjectivar. Não usa phosphorecencias, relampagos theatraes arranjados com o lycopodio dos adjectivos, não sarapinta o estylo com phantasias japonezas, nem anda á cata de themas para phrazes ouriçadas, arrepelladas, pintorisadas. *Peintrifier la langue*, diz modernamente a critica

(1) La Revue Indépendante, Paris 1884.

dos estylos effusivos, angulosos e pintalgados. A palavra é-nos precisa.

O poeta esmera-se na escolha do substantivo, adopta o que lhe friza mais espontaneamente á idea, e dispensa-se de o arreatar em caravana de epithetos dessimulados em esteril pompa de rhetorica — sonorosidades vasias.

A critica não pode ser estranha ás orgias da adjectivação. Adjectivos em recova accusam quase sempre penuria de vocabulos proprios e nitidos que espelhem o pensamento claro sem a farragem dos qualificativos contorcidos, espiralados, acrobatismos de Edgar Poe — nova Babel a derruir-se, e elles, os homens de lettras, a crearem idiomas.

Um analysta francez, em 100 versos dos *Châtiments* contou 178 substantivos e 48 adjectivos. Os *Châtiments* foram burilados no periodo mental mais cerebralmente vigoroso de V. Hugo. Depois, o critico conferiu aquella obra com outra da velhice do poeta, *Petié su-*

prème; e, no mesmo dado numero de 100 versos, achou 189 substantivos e 130 adjectivos. E d'ahi conclue que as analyses d'esta especie habilitam a graduar o progresso e a decadencia d'um escriptor. N'esta conclusão incondicional pode haver arbitrariedade; mas eu, por via de regra, quando um litterato muito adjectivista me estafa abominavelmente, dou como estafado antes de mim o *Diccionario de synonimos* do Roquette, e imagino que elle, quando esgaravata um epitheto, á tôa, cuida que desencantou uma nova estrella para engastar na sua constellação. São esses uns adjectivos *à clochettes*, diz Louis Desprez, *et des mystifications orthographiques d'une particulière sonorité archaique.* Ao cyclo de adjectivos profusos do auctor das *Orientaes* corresponde este irrefutavel juizo de Hennequin: «Quem fôr familiar com a obra de Victor Hugo deve ter notado, de vez em quando, que o numero, valor e intensidade das ideas desdiz da nobre opulencia da expressão. Sob a torrente

das palavras descobre-se o arroio exiguo e vagaroso do pensamento, o pobre motivo de certas passagens de «bravura», a psycologia rudimentar dos personagens, a inefficacia das descripçoens demonstrativas das cousas; a humanidade e o mundo real pouco menos de excluidos de cem mil versos e cem mil linhas. Toda essa desnudez da essencia escondida na floração da fórma torna a obra do poeta um complexo de coisas ôcas e arripiadas semelhante ao feixe macisso de torrinhas que uma cathedral exalça sobre uma nave vasia.»

*

Outro exemplar de humorismo. Entra o poeta n'um cemiterio. Lê os epitaphios encomiasticos dos defunctos. O genero humano figura-se-lhe optimo e a vida uma delicia panglossiana. Ahi, todas as esposas fidelissimas são choradas pelos inconsolaveis viuvos em prosa e verso, e de varios feitios que não são verso nem prosa. A lela-

dade dos finados não é menos perpetuada na pedra tumular.

Pois se augmenta valor a raridade
Como ensina qualquer economista,
Não cause pasmo demorar-se a vista
N'algum padrão erguido á lealdade.

O poeta, a final, convida os pessimistas a que vão, dromedarios de tedio, alijar no cemiterio a carga que os derreia; e aos suicidas arranca-lhes do pulso o ferro, e aponta-lhes para as virtudes celebradas epigraphicamente:

Apostolos modernos do budhismo,
Vós não tendes idêas, mas nevroses;
Pois, vendo tão vulgares apotheoses,
Quereis a vida mergulhar no abysmo? (1)

*

Meu sobrinho fez quarenta annos. Este é o primeiro livro de versos que divulga; e, na de-

(1) *Spleen*, pag. 293.

dicatoria com que me deu o maximo prazer do coração e de honesta vaidade, explica a sua ou-toniça mancebia com as muzas, alardeada no escandalo de um livro de rimas. Era até agora conhecido apenas, no dilettantismo da poesia, como um dos mais enfastiados cultores. Mas a borboleta, posto sahisse tão tarde da crysalida, agrada, porque as suas azas não tem os matises de oiro coruscantes das alegrias primaveris. É a borboleta escura que adeja nos cyprestaes.

Se Antonio d'Azevedo Castello Branco nos desse um livro madrigalesco, piegasmente enamorado, eu, com a auctoridade therapeutica de tio velho, recommendava-lhe a hydroterapia. Nos poemas em que floreja o Amor, é a ironia que o salva — a ironia, a prancha miraculosa de todos os naufragados em escarceus de paixoens serôdias. Anacreonte e Garrett perderam-se n'esses escolhos.

Meu sobrinho foi administrador de concelho, primeiro official de governo civil, presidente á

junta geral do districto, vice-governador civil, deputado ás côrtes, e é presentemente sub-director da Penitenciaria. Se tivesse publicado versos antes de funccionar na administração de Murça, talvez não obtivesse tres votos para representante do povo. Teve muito juizo em respeitar o *tacuit Musa*, até haver demonstrado que possuia *as condiçoens de facil adaptação ás cousas praticas*, como elle escreve.

Mas na *Penitenciaria!* o poeta de *Angelina* e do *Poema d'amor* a sub-dirigir a Penitenciaria, em Campolide! Aquella alma alanceada de tristesas suas, de luctos infinitos, ali, á grade de uma lioneira de feras que se despedaçam nas vertigens da raiva amordaçada, cinco annos, dez annos, trinta annos, sem sol, sem familia, com a sepultura aberta áquem do limiar da porta por onde entraram! O poeta da *Lyra meridional*, ali, ás cancellas d'aquelle barato, a ensinar a cada novo condemnado que se engolpha a sinistra legenda do Dante gravada nos aditos do in-

ferno! Se elle não tivesse uma filha, — a caricia que a mãe lhe deixou na terra, uns labios que o beijam e lhe instillam no seio as consolaçoens que os anjos disem aos submissos da honra, — que vida tão triste, que saudades tão amargas das serranias nevadas, dos enxurros estrepitosos, e dos lobos e javalis da nossa pobre Samardan!

19 de Dezembro de 1885. S. Miguel de Seide.

PRECO
Por assignatura 200
Avulso 250

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Serões de S. Miguel de Seide

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA

CRITICA SUAVE DOS MAÓS LIVROS E DOS MAÓS COSTUMES

IIII

da COSTA SANTOS

EDITOR

IV

SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEROENS

DE

S. MIGUEL DE SEIDE

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA,
CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

PORTO
Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos—Editor
RUA DE SANTO ILDEFONSO, 4 A 6

1886

SUMMARIO

—

"A Fidalguinha„ (poesia) —"Carta aos *Scroens de S. Miguel de Seide*„ — "Questoens de vida e morte, III„ — "Visita a um azilo de criminosos alienados„.

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
Largo de S. Domingos, 56 — N.º telephonico, 131

A FIDALGUINHA

A Thomaz Ribeiro

Thomaz Ribeiro, o conto, que te envio,
é como um arlequim vibrando o sistro,
a fim de te alegrar n'esse sombrio,
tristonho gabinete de Ministro.

Sob o docel do mirante,
(ó Graças, prestai-me auxilio!)
via-se a loura menina
a ler *o Primo Bazilio.*

No seu château solarengo
costuma passar a calma;
— o oxigenio para o corpo,
o *Bazilio* para a alma.

Com a mão aristocrata
a romanesca fidalga
afagava o pêllo eburneo
d'uma turbulenta galga.

*

Caminhavam pela estrada
trez creanças com a mãe,
esfarrapadas, mendigas...
já não têm pai. N'isto, vem

do mirante abaixo a galga
a ladrar, a remetter
contra os pequenos que choram.
Quer um d'elles defender

os irmãos, e ergue a custo
uma pedra; então a galga
fugiu, ganindo, n'um chôro,
como a queixar-se á fidalga.

Raivosa, a loura menina,
curvando o peito arquejante
sobre o peitoril florído
do balsamico mirante,

brada ao pequeno: «O' garoto,
se lhe atiras a pedrada,
mando lá fora um lacaio
rebentar-te!...»

—Não é nada...

(disse a pobre) o meu pequeno
tem tanta fome, ó fidalga,
que não podia atirar-lhe
com a pedra á sua galga.

*

Voltou a face a menina,
carregando o sobrecilio,
e foi lêr o que fisera
no «Paraiso» o *Bazilio*.

Não comprehendeu, felizmente;
que o Eça, com grande tino,
quando a Natureza é suja,
usa estylo sibyllino;

de modo que o não percebam
donzellas da flôr no viço,
e apenas o intendam velhas
que nada perdem com isso.

Janeiro, 1886.

CARTA

AOS

SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE

(Coimbra, 7-1-86)

Eu, abaixo assignado, vinha de passar as ferias do natal em Guimaraens e mais o Lopo Barruncho. Chegando a Santo Thyrso, no dia 3 do corrente, era enorme, inenarravel o estrallido dos foguetes, a ribombancia fragorosa dos morteiros, a estridolencia metalica das philarmonicas, a bimbalhada dos sinos

e a guisalhada das sinetas. Perguntei o que era aquillo ao revisor do comboyo. Respondeu que eram festejos ao visconde de S. Bento que doára á camara uma casa mobilada para escola de ambos os sexos e que a escola se inaugurava n'aquelle dia. O Barruncho, muito impressionista, pediu-me que ficassemos, que assistissemos — uma pandega emocional, disia, o ideal do estardalhaço, do estapafurdismo.

Ficamos. Condescendi; porque, apezar de rapaz, já tenho assistido á embryogenia de varias tolices do meu paiz. Vi nascer algumas gordas e robustas como os meninos dos noticiarios, se as mães tinham concebido dos assignantes da folha. Vi outras, enfezadas no nascedoiro, amamentarem-se nos uberes da estupidez publica, e fortale-

cerem-se, espigarem e attingirem a maioridade com um organismo rico de osmazoma e feijoada de cabeça de porco. Cheguei a ver partos de asneiras gemeas, duas de cada ventre e ambas viaveis, saluberrimas, triumphando a vida, muito acariciadas pela mãe que as mostrava envaidecida como Cornelia mostrava os filhos: «As minhas joias, são as minhas asneiras». Por consequencia, eu desejava conhecer corporeamente o visconde. Encontrei um theologo d'aquelles sitios meu contemporaneo e pedi-lhe que me mostrasse o Cadmus que inventara o alphabeto em Santo Thyrso. «Não o vejo por aqui, disse elle; mas, se você quer conhecer-lhe desde já um irmão, é esse velho que ahi está á sua direita, derreado e doente, a quem o visconde, que tem 2$ contos, dá um tostão por dia

para comer e vestir-se. Ora agora, se quer conhecer as odaliscas do pachá...

— Que pachá? — perguntei, imaginando-me entre turcos em Santo Thyrso.

O theologo illucidou: — O visconde é um pachá *in partibus* dos fieis. Elle faz em casa serralhos interinos com odaliscas interinas e rascôas effectivas. Acolá estão tres trigueiras quentes que o visitam; e, recolhidas ao harem, vestem-se como Eva antes do peccado. São as trez *Graças* do mytho, quanto á *toilette*, como muito bem explica o *Manual Encyclopedico:* «estão nuas para mostrar que as *Graças* não pedem emprestado á arte, e não tem outros attractivos mais que a natureza». Diz o texto. Aqui em Santo Thyrso ha reliquias do scenario immaculadamente naturalista de Gil Vi-

cente. O *Escudeiro* da *Farça dos almocreves* diz lá a uma rapariga: «Quem te tivesse desnudada em camisa...» Ao fim de trez seculos de progresso, illiminou-se a camisa. Chegou-se a esta perfeição do nu, aqui.

E o theologo erudito continuou na apojadura da maledicencia:

—O visconde, mais feliz que o *Escudeiro* de Gil Vicente, amacia-lhes então as curvas cruraes como quem almofaça ancas de nedias eguas, e regouga lascivamente: «Fructa do meu tempo! fructa do meu tempo!» A's vezes, larga-lhes uma laranja a rebolar pelo sobrado, e ellas disputam em corrimaças a posse da laranja. Parece que elle, n'este episodio, se dá uns geitos de *Paris*, nas bôdas de Thetis e Peleu, em que

a *Discordia* arremessa o pomo ás trez deusas; elle, porém, vendo que todas ellas lhe offerecem a mesma coisa, não dá a laranja a nenhuma com preferencia, e lá as deixa a cabriolar cambalhotas funambulescas a ver qual fisga o pomo. Faz tambem um pouco do grego *Hippomene* que atirou trez pomos de oiro a *Atalanta*, para ella, entretida a pilhar os pomos, o não pilhar na carreira; mas, como o pomo é um e as *Atalantas* são trez, não chega a haver agarração. *Hippomene* está quieto na cadeira, com uma das mãos no figado, e outra no baço, a rir n'uns jubilos de inefavel bestialidade. Acolá está outra que é a favorita, vê? E' a esposa infiel de um mestre d'obras. Está rica como uma hetaira grega, uma Leonce escanelada, e domina-o. Toda a caridade do argentario

escorre-lhe da algibeira esprimida por ella. Liberalisa dinheiros copiosos para torres de egrejas, para pompas de romarias, onde elle se refestela em corêto, como idolo portatil de pagode, sempre com a sua philarmonica no couce do prestito. Os seus parentes, todos pobres e alguns jornaleiros, com creanças, não sabem ler nem elle os manda ensinar; mas fez aquelle palacio para escola bi-semanal, e dá cem reis por dia ao irmão.

—E elle possue algumas luzes? —perguntei eu ao noticioso theologo.

—Quanto a luzes, é uma quarta-feira de trevas.

N'isto, assomou no alto da rua a philarmonica. As serpentes de cobre faiscavam coriscos mordidas pelo sol. Os musicos marchavam com pompa, acertando o passo,

olhando-se de esconso, raspando o lagedo com os calcanhares, emquanto os cerrafilas não alinhavam circumspectamente. Á philarmonica seguia-se um grupo...

— Eil-o que chega no meio dos edis! — annunciou o theologo — É aquelle mastodonte feito homem pela lei do transformismo. Um pedaço dos Alpes com uma povoação de cretinos dentro da sua personalidade.

N'isto, o Barruncho, muito emocionado, exclamou:

— Pois o visconde é assim suggestivo? Então esperem ahi!

E, abrindo a carteira, n'um impeto de inspiração, escreveu a lapis um soneto em quanto as serpentes da philarmonica trompejavam o hymno do visconde — uma arre-

batadora Marselhesa da revolução incruenta do *a b c*.

Eis o soneto do Barruncho:

Colossal paparreta! eu quando penso
Na tua estupidissima pessoa,
Calcúlo os carros de indigesta broa
Que esmoes e atulhas n'esse bucho immenso!

Não posso ser agora mais extenso,
Cantando-te, visconde, em larga lôa,
Em quanto Sancto Thyrso nos atróa
Co'a soez balburdia de um burlesco intenso.

Sei que abriste uma escóla aos teus cretinos.
Fizeste mal tiral-os da sachola
Impondo á natureza outros destinos.

Que te resta fazer, pachá-pachola?
Aprende agora a lêr na tua escóla,
Vai sentar-te a estudar entre os meninos.

Depois, o Barruncho empiteirou-se um pouco no hotel da terra, na tasca do Carôço; e eu, receando que elle fosse recitar o soneto ao visconde, não o larguei até o metter no comboyo da tarde para Coimbra. Ainda me entranhei um pouco no seio das massas; mas as entranhas das massas cheiravam mal; era um meio cholerogenico como o delta do Ganges; havia microbios alados n'umas ventilaçoens que não eram decerto os *quatre vents de l'Esprit* de Victor Hugo. Eu e Barruncho viemos, todo caminho, cantarolando ou assobiando o hymno do visconde

de S. Bento, cujo segundo jacto lyrico resa assim, derigindo-se a S. Thyrso:

De S. Bento o prestante Visconde
é teu lustre, e orgulho, e brazão.
N'elle tens acçoens bellas avonde.
Caridade! eis seu lemma e tenção.

«Acçoens bellas avonde!» que diabo de *avonde!* Vou fazer presente d'esta cantiga, *tant soit peu* callaica, ao eminente folk-lorista Leite de Vasconcellos.

E' o que se me offerece contar a respeito das festas de S. Thyrso.

Admirador indelevel, *Heitor Barradas.*

P. S. Se o espirito de classe, isto é, a confraternidade altruista dos dois viscondes

visinhos, impedir a publicação d'esta carta, rasgue-se embora esse documento de protesto contra a parlapatice d'esta epoca cyclica de parvoeiroens festejados pela intrugice de uns sujeitos que, no arcano das suas consciencias abjectas, os escarnecem. Tenho dito. *H. Barradas.*

RESPOSTA

Está enganado o snr. Hector Barradas. A sua carta ou cartaz de Paschino ahi fica estampado e afidalgado n'um typo especial que se deve aos typos. Aqui não ha espirito de classe. Viscondes-viscondes, parlapatices á parte. Aqui a predominancia é o respeito á Justiça. Quanto á piteira do seu amigo Lopo Barruncho, desconfio que ha um erro chronologico na sua carta.

Parece-me que o soneto foi feito depois e não antes do ágape na tasca do Carôço. Pelo que toca a informações do theologo, suspeito que o informador tambem sahiu da mesma tasca, ou peor, quando encontrou o snr. Barradas. O mais provavel é que os senhores todos trez collaboraram na sua obra, na bodega do referido Carôço. Sabem V. Ex.as que mais? O que os senhores tem é inveja ao *Páris* e ao *Hippomene*. Façam como elle. Vão para o Pará mercadejar em borracha, voltem com 25 contos, viscondizem-se, que depois, *Graças* e *Atalantas* não lhes hão de faltar; e, ao mesmo tempo que fizerem escolas androgynas, façam bordeis, que o louvor das primeiras instituições hade disfarçar o escandalo das segundas. Fim de razoens. O visconde de S. Bento é o triumphador romano, quanto romanamente se pode triumphar em Santo Thyrso; e o soneto do snr. Barruncho é o pregão trocista do escravo. Está direito.

Com o mais derreado acatamento á má lingua do snr. Barradas,

Os Seroens de S. Miguel de Seide.

P. S. Como contraste e antipoda do soneto do snr. Barruncho, os «Seroens» tem a satisfação de transcrever, com a devida venia, do *Jornal de Santo Thyrso* — numero consagrado ao festival da escola — um soneto inspirado, muito criterioso e d'uma envergatura diamantinamente parnasiana, — autora a snr.ª D. Maria das Dores de Sousa Vasconcellos — dedicado ao snr. visconde de S. Bento:

Alma nobre que abrindo teus tesouros
Dás á patria sciencia e harmonia!
Será teu grande nome ainda um dia
Celebrado nos seculos vindouros.

De Capello e Ivens murchem os louros
Colhidos em famosa travessia
Com esforço tenaz mas sem valia,
Pois á patria não poupam mil desdouros.

Saudo vos, thyrsenses venturosos,
Pois tendes firme amparo em tal patrono
Que torna vossos dias tão ditosos.

Prestando seu auxilio em vosso abono
Gratos hoje em momentos jubilosos
Ao nobre titular erguei um throno!

Este poema, lido a distancia, talvez tenha escurezas, difficuldades de hermeneutica para espiritos insufficientemente informados. O 2.º verso, por exemplo:

Dás á patria sciencia e harmonia.

Sciencia, toda a gente percebe. E' a escola, d'onde os rapazes hãode sahir scientes, impre-

gnados de biologia, de anthropologia, de linguistica, de esthetica, de sociologia, etc., scientificos, em fim. Mas, *harmonia*? Como é que o visconde de S. Bento *dá harmonia á patria*, como quem afina as caravelhas de uma rebeca? Explico: *harmonia* quer dizer que o visconde tem uma philarmonica sua, privativa, que estipendía,

abrindo os seus thesouros.

como epicamente esclarece o soneto.

A 2.ª quadra aventa uma idea discrepante da pasmaceira indigena, uma nota desafinada da universal cantiga, solfejada em toda a Europa, em louvor dos snrs. Capello e Ivens.

Apoiada, exc.ma senhora! Eu já tive impetos de avançar a mesmissima idea em prosa villôa a respeito dos *louros* dos dois exploradores que s. exc.ª faz votos por que *murchem*, emquanto os do snr. visconde cumpre que re-

verdeçam. Sim! Que valia tem as travessias, se

a patria não poupam mil desdouros!

Se as travessias tivessem alguma valia, a patria seria poupada aos mil desdouros a que não a poupam as mesmas travessias, como diria Jayme José, opusculando originalmente sobre as travessias que não poupam a patria aos mil desdouros. Por tanto, quem nos dá sciencia e harmonia, por isso mesmo que nos dá coisas e tal que poupam á patria

mil desdouros,

tem direito a que

De Capello e Ivens murchem os louros.

Vejam-se no espelho deste soneto o snr. Lopo Barruncho, mais o snr. Hector Barradas, e no-

tem o arrojo viril de uma dama que, descarillando do enthusiasmo convencional e postiço das ovaçoens feitas a Capello e Ivens, tem a coragem de esculpir em bronze um protesto dessidente, n'um verso, embora coixo, aleijadito, a pedir algebrista; mas, pelo que respeita á esthetica, é transcendental, são e escorreito.

Agora, cinco minutos de seriedade, só cinco que eu não tenho tempo nem espaço para seis.

Estou a prever as torrentes de felicidade que vão derivar do manancial da escola de S. Thyrso. Aquelles centenares de meninos encerrebrados de instrucção primaria elementar, ahi, á volta dos 14 annos, emigram para o Brazil por não terem no seu paiz onde exerçam a sua actividade mental.

De cada cento de emigrados voltará um abastado; dos noventa e nove restantes, uns arrastarão por la vida de miseria, á mingua de recursos com que regressem ás suas aldeias; outros, os mais felizes, desfibrados pelas febres,

resvalarão dos hospitaes aos podredoiros dos cemiterios. Entretanto, a comarca agricula de S. Thyrso sentirá falta de braços, a terra será desvalorisada pela alta do estipendio ao jornaleiro, pelo augmento inevitavel do imposto, e não terá artifices que lhe ergam um socalco ou armem o vigamento de uma casa, senão por elevado salario; e o artifice que não foi para o Brazil, no enxurro dos aventureiros, para exercitar a sua instrucção em algum ramo dos conhecimentos humanos, nas horas feriadas do trabalho, lerá o *Reportorio do preto*, se não preferir folhear o livrinho das 40 folhas na taberna.

E' deploravel a timidez dos sociologistas que sentem estas duras verdades na consciencia e la as remoem silenciosamente para não destoarem da universal cantilena dos hymnologistas da instrucção primaria das aldeias! A cada canto de jornal se insinua que o saber soletrar uma pagina de lettra de imprensa e escrever

sem ideias nem ortographia uma carta, melhora a condição do sujeito, civilisa e corrije o instincto do vicio e do crime. Seria bom argumentar com os factos. Villa Nova de Famalicão é a mais estupida comarca da provincia do Minho, depois de Suajo. Na aldeia em que vivo ha vinte annos, não ha um alumno de escola. Nas outras do concelho, de longe a longe, apparece um mestre de primeiras lettras, sem discipulos. Pois em todo o Minho, exceptuado Suajo, não ha comarca em que a estatistica da criminalidade seja menor, e mais significativa de uma avançada civilisação. O mais notavel crime aqui perpetrado, nos ultimos dez annos, foi um fratricidio não praticado por um analphabeto, mas por um regressado do Brazil com bastante leitura de almanaks e uma caligraphia muito regular.

Notavel incongruencia! Ao mesmo tempo que a instrucção primaria vae alastrando impulsionada pelos particulares e pela iniciativa

forçada dos governos, criam-se leis administrativas e criminaes que difficultam a emigração.

A imprensa, ao mesmo passo que reclama escolas, muitas escolas, pede aos governos que estorvem a emigração que rouba á patria os seus mais válidos braços. Pois que serventia póde ter a instrucção do filho do proletario, se lhe difficultam e empecem a evasão do paiz onde nada lhe aproveita saber ler nem escrever? Em Portugal ha só trez industrias: agricultura, burocracia e brazileirismo. Que querem fazer dos futuros homens que se estão illustrando em Santo Thyrso? Empregados publicos? tabelliães? verificadores da alfandega? conservadores, jornalistas, ou poetas ribeirinhos das margens suspirosas do Ave?

Não seria melhor que os 17 contos do edificio escolar os convertesse o snr. visconde de S. Bento em geiras arroteadas e instrumentos agricolas, e umas casinhas de pedra com lareira, e uns catres de taboas com enxerga nova,

tudo esmolado aos esqualidos proletarios que arrepiam de frio ou ardem de calma, sobre farrapos infectos, n'uns casebres de ripas abetumadas de barro, e colmados de palha esfumaçada e apodrecida pela chuva? Ensinem esses homens a lêr, e perguntem-lhes depois se são mais felizes na sua indigencia.

Mas isto não tem resposta, justos ceos!

Eu estive cavando a sepultura dos meus creditos, e ajudando a alçapremar a estatua luminosa do snr. visconde, como um contraste ao meu obscurantismo.

Se assim é, como não póde deixar de ser, muito me ufano de ser prestavel á gloria de s. ex.ª

QUESTOENS DE VIDA E MORTE

III

A ideia de morte paira sobre toda a conferencia de hoje, envolvendo-a sinistramente no seu manto gelido de horror e de mysterio. Assim prelimina Ricardo Jorge a 2.ª Conferencia.

Apressa-se o orador a tranquillisar os assustadiços. Nada de lagrimas nem de soluços arrancados pelo terror da morte. Eu tambem, contando com leitores alentados, digo

o mesmo: nada de mêdo, senhorês. Coragem e intelligencia — sobre tudo intelligencia — para ouvir e comprehender o elencho de 88 paginas, pensadas e escriptas n'uma elevação rara, coloridas, finas illuminuras de ironia, e atauxiadas de uma densa erudição antiga, aberta com esmeril moderno.

Ricardo Jorge pretende não atterrar; mas atterra em quanto caprichosamente, e com um sorriso equivoco, faz alardo de estimulos dos sagrados horrores lethaes. Elle conhece os filamentos nervosos que se estorcem vibrados pelas imagens sinistras que faz passar processionalmente deante do ouvinte pávido. Falla-lhe do ranger das ossaduras que, erguendo-se da tumba, vem banhar-se á luz esbranquiçada do luar... Dramas mortuarios que estrangulam de pavor e deslocam a mandibula, e auscultam o stertor dos moribundos, e ressumam o suor das agonias. Eu não o posso acompanhar na esqualidez das pinturas magistraes, n'essa perfeitissima

photographia dos ultimos arquejos da vida e do primeiro esfervilhar da materia. Não quero nevroses nas casas onde entram estes livrinhos. A não poder enviar-lhes Pierrots, tambem lhes não mando esqueletos.

Mas do que ali ha, n'esta 2.ª Conferencia, grandioso e encantador não dispenso o leitor de ter o seu quinhão, e seria defraudal-o de um brilhante trecho a omissão d'este periodo eloquentemente ironico: «O queixume infecto e o soluçar surdo do cadaver...» (A proposito Victor Hugo, diz, em verso, que *o surdo rumorejo que os cadaveres fazem ao apodrecer é uma manifestação de alegria por se acharem restituidos á massa universal.*) «O queixume infecto e o soluçar surdo do cadaver sepulto, diz Ricardo Jorge, o conubio mordente das larvas, as amantes sensuaes das carnes mortas, o sombrio spleen do esqueleto desperiosado e nú, estremecendo de frio, de luxuria e de maldade, esses fundos violaceos d'onde resaltam a phosphorecencia da podridão,

o contacto nojento dos vermes, o olhar penetrante das orbitas vasias, e as fallas mudas de boccas desmanteladas, só o metro satanico de Ch. Baudelaire, o espirito tenebroso onde floreja o mal, só o verso putredineo de Rollinat, o allucinado de nevrose infecta.»

Não ha morte, não ha destruição, nada desapparece. Eis o assumpto, o consolador assumpto. Não morremos: evolutimos. Entramos na viagem eterna da materia. Os saes são absorvidos pela raiz das plantas, e reapparecem á luz nas petalas brilhantes; os gases enriquecem o ambiente; muitos insectos que se alam por esses ares nutriram-se, quando larvas, nos sucos do cadaver. «E o homem foi assim disperso aos quatro ventos, terra e ar, mar e ceu, flor ou animal: como que resuscitou para uma vida posthuma tão larga, tão expansiva e tão bella como a propria natureza.» (Pag. 54). E pergunta o conferente: «Onde a morte? onde a destruição?»

Ao lado das *Conferencias* de Ricardo Jorge

tenho aberto o livro de outro notabilissimo escriptor e medico, Eduardo Abreu. (*) Tambem me falla da morte e procura incutir-me coragem, mas por outro processo.

As suas palavras reanimadoras precisam de um prefacio.

Um medico portuguez de fama divulgou, em principio do anno passado, um mixto de drogas experimentadas salutarmente em uma invasão de colera-morbus. Na maior parte dos laboratorios pharmaceuticos cosinhou-se o antidoto com um afôgo correspondente á anciedade publica. Faziam-se caldeiradas, enchiam-se grosas de frascos. Exportavam-se para as provincias caixoens da tizana microbicida. Sujeitos muito contentes do seu corpo e da sua alma, ao lançarem mão do jornal portador das noti-

(*) *Algumas fumigaçoens á carga do vapor allemão* "Rosario". Lisboa, 1885.

cias pestilenciaes, premuniam-se do saca-rolha para desrolhar o frasco do elixir, e ingeril-o prophylaticamente, se o jornal dissesse: «a virgula chegou.»

Eduardo d'Abreu não se espanta dos creditos que então lavrou na opinião publica a «bolorenta angelica» e o «carunchoso cardo santo.» Explica a sua indulgente serenidade á vista d'esse imponente predominio do empirismo: «O desejo de viver, a tendencia pela conservação, traduz-se pelo horror á morte. Todos os homens por mais stoicos e valentes que sejam, ou que pareçam ser, devem sentir confusamente atravez os instinctos communs, uma tal ou qual repugnancia pela putrefacção futura dos seus respectivos cerebros. Baptisem esse novo estado com os nomes elegantes de acidos oleico, margarico, phospho-glycerico, etc.; digam-lhe que estes productos são preciosissimos e d'uma nobresa organisadora muito respeitavel; demonstrem-lhe que algumas vezes um cerebro podre,

jasendo no seio da terra, é mais util á sciencia e ao progresso, do que se andasse cá por fóra vivendo no interior d'um craneo; contem-lhe tudo isto, que ainda assim o homem não se encontrará demasiadamente consolado. Quer viver: o sol que tombe esbraseando a terra, se tanto fôr necessario para que o homem viva, para que beije ainda mais uma vez o filho, se é pae, a mulher se é amante, a purpura se é Cezar, a cruz se é Papa, o ouro se é Cresus. » (*)

Este mêdo intenta Ricardo Jorge exterminar dos cancêllos da morte. Eduardo d'Abreu insiste, porém, na affirmativa de que a gente ás sans theorias de que a morte não existe prefere uma droga que nos não deixe morrer. Este medico tem um profundo conhecimento da natureza humana e indulgentemente a desculpa; o outro medico tambem a conhece, mas pretenda retemperal-a, corrigil-a.

(*) *Ob. cit.*, pag. XI e XII.

Prosegue Eduardo d'Abreu: «A intelligencia humana no seu orgulho indomavel, na sua rebellião eterna contra tudo que pode mais do que ella, e ás vezes é a manifestação mais ordinaria da materia organisada, não admitte facilmente que possa ser egualada a uma flor que deslumbra, sedusa e embriague até cahir da haste onde rebrilhe para a terra onde apodreça. O homem porque escalou o ceo e calcou a terra, por que adivinhou o que o sol fazia e disse o que a seiva continha, por que poude redimir a verdade pelo combate, e authorisar o erro pelo calculo, por que sugeitou o raio a sumir-se por um ponto, o som a viver só no ether, o ether a crear sempre a luz, a luz a esclarecer a cellula, e esta a quebrar, por um typo sempre o mesmo, o encanto da natureza versatil e infinita, — o homem — pária, rei, sabio, santo ou deus — teme a morte, ou pelo menos vacilla quando do alto do seu poder vê o fim do seu caminho! Por isso, tudo que fallar á emotividade humana, distrahindo-a

da morte, tudo que se derigir á intelligencia, fortalecendo-a contra essa idea, será sempre bem recebido.»

Parece que Ricardo Jorge está na plena orientação de Eduardo d'Abreu, discursando aos seus ouvintes afim de persuadil-os que não existe a morte.

Não está. A intenção do illustre açoriano é outra. Senão, ouçam:

«O homem..., sentindo-se appoiado no seu egoismo feroz, corre, vôa para aquelles que lhe lisongearam os instinctos de conservação, que lhe afagaram o *amor pela saude, que lhe garantiram a vida, de mais a mais por um preço barato.*» (*)

O preço da droga, custava tres tostoens, acho eu.— *A' qual droga redemptora,* — acrescenta o benevolo desculpador da nossa miseria em

(*) Pag. XII.

crises pathologicas — *não admira que todos se atirem religiosamente.*

E eu me persuado que os centenares de ouvintes de Ricardo Jorge, depois de assistirem á eloquentissima demonstração de que não havia morte, foram todos comprar a droga por trez tostoens, e não seriam capazes de dar um pataco pelo discurso impresso.

*

Um parenthesis, uma clareira em que o leitor descance a vista fatigada do verde-escuro dos cyprestaes e a petuitaria irritada pelo cheiro das drogas. O parenthesis será extenso; mas não importa: sobeja nos tempo; e estas noites de janeiro são boas para conversar da morte, a ouvir gemer no bracejar das arvores tiritantes o lamento d'aquelles que a temem.

Trasladei, ha pouco, umas palavras que me deixaram de más avenças com o meu amigo

Ricardo Jorge. *O verso putridinco de Rollinat, o allucinado da nevrose infecta*, disse elle. Maurice Rollinat, o meu querido poeta, um mystico atormentado, um Tantalo do infinito, um desgraçado para quem a vida é um inferno sem esperança! Ah! meu caro Ricardo, não lhe consinto esse desamor sarcastico ao poeta das *Nevroses*, o malogrado Colombo dos mundos novos, o indagador do destino humano, a procurar Deus nas religioens, e ellas a mostrarem-lh'o como o sol de Londres, por entre as fumaças brumosas dos dogmas!

Conheço Rollinat pelos versos; mas sabendo eu pouco mais ou menos como os versos se fazem, não o conheceria psycologicamente, se um escriptor extraordinario, um polemista violento, tão catholico romano como Veuillot, ou mais ainda, o Leon Bloy do *Figaro*, m'o não mostrasse atravez do seu prisma feito de lagrimas crystallisadas. Ricardo Jorge, com certeza, não viu Rollinat á luz do phosphoro do cerebro que

arde no poeta quando as ideias espirram d'aquelle craneo como viboras acossadas pelo fogo na sua lura. Aquelles versos das *Nevroses* não podem ser a epilepsia de um allucinado nem os phrenesis do macrabismo ficticio de um poeta esguedelhado. N'este homem está um anjo precito a discutir com Deus a injustiça do seu desabamento. E' respeitavel, tem a suprema magestade diabolica o meu querido poeta. Eu, a não ser uma das 11:000 virgens, queria ser elle.

Como foi que Léon Bloy m'o fez conhecer?

Tinham-lhe dito que havia um poeta-musico de rarissima originalidade e inteiramente desconhecido. (*) Foi ouvil-o. Rollinat sentou-se ao piano, cantou versos de Baudelaire, e versos seus.

« Desde logo, diz Bloy, vi uma coisa que eu

(*) *Propos d'un entrepreneur de démolitions*, Paris, 1884, pag. 259 e seguintes.

nunca podia imaginar. A multidão, litteralmente, não respirava, como se os dedos d'esse magico prodigiosissimo, postos em contacto com as teclas, fizessem correr sobre nós todos um fluido extatico, anniquilador. Quanto a mim, parece-me impossivel que a primeira impressão d'esta musica e d'esta poesia já mais esmoreça na alma: tamanho é o seu imprevisto, a sua violencia e profundesa! Eu estava sosinho n'um canto d'essa sala, convertida subitamente em alcaçar sonoro de vertigens. Sentia-me arquejante, assombrado, absorto. A musica, infinitamente estranha, já suave, já dilacerante, enroscava-se na mais cruel e consternada poesia, n'um apertar tão cerrado e forte — uma e outra collavam-se tão inflexiveis e tenases, no centro de um turbilhão sobrehumano de clamores e preces e soluços, que bem podia crêr-se que, á força de intensidade e vigor da arte, uma nova especie de arte androgyna e miraculosa — a um tempo terreal e angelica — viera em fim encher

o implacavel abysmo que separa quatro mil milhoens de coraçoens homanos entre a realidade e o sonho ».

Escutando Rollinat, lembrava-se de Henri Heine o absorto ouvinte. Occorreu-lhe o poema do *Escarabelho*, um insecto, ouro e azul, que queimou as azas nas chammas das lampadas triviaes e roja nas immundicies verminosas com as dores de Deus. Pareceu-lhe Rollinat o insecto de ouro e azul cahindo no muladar. E então chorou.

Compara Henri Heine e Rollinat : « H. Heine era um desesperado radical, satanico na ironia, um sagitario envenenador que hervava as suas flechas no fel igneo de seu coração e as dardejava contra o seio augusto da Piedade. Rollinat não é ironico ; e só a força de tristeza é terrivel — especie de milagre que nenhuma arte ainda operou no mesmo gráo, a não ser a d'elle. É tão impaciente e violento no seu espiritualismo que todas as coisas creadas parece conclama-

rem o Sancto Nome quando elle as canta em seus poemas; e de si mesmo é elle tão extremadamente religioso que os seus mais ferinos clamores são convulsoens de uma alma aterradamente solitaria e trespassada de pavor da morte».

Diz que ouvil-o uma só vez é bastante para sentir-se a estranha *excepção* d'aquella natureza tão extraordinariamente complexa pelas aptidões e maravilhosamente singela pela expressão.

Entende que a sua poesia póde realçar sem a musica; mas, ao separal-as, agorenta-se-lhes parte da vida que o profundo artista lhes insuflou. Rollinat ousou sonhar a fantasia de reunir a profundesa e intensidade infinitas em uma só arte de especie incognita nas artes rigorosamente distinctas, sobrepondo-lhes uma interpretação assás poderosa para encadeal-as na unidade absoluta da expressão tragica...

Mas quem poderá recital-as como elle com aquella voz estridente e gastralgica, aquelles ra-

ptos de angustia, aquellas rajadas impetuosas, aquelles haustos de agonia irrevellavel, aquelles anceios estortorados de homem ferido no ventre que retem as suas entranhas antes de escumar o derradeiro suspiro!

Léon Bloy profetisa a gloria do poeta ainda então obscuro. Espera ver demonstrado exuberantemente que este poeta-musico, bem longe de imitar quem quer que seja, será, ao revez, na sua arte, o mais solitario e hermetico e inacessivel dos originaes.

A morte é o permanente terror de Rollinat. Não é o terror de «Pascal que via o inferno, nem o de Baudelaire e Edgard Poe, que desconheciam a natureza.» O que elle vê é uma cadeia de existencia tão mal acabada, que, ao pensar n'um fim de vida tão miseravel, tão estupido, estala de dor. «Volta-se então para a Natureza, e pede-lhe, como ao amor maternal, que o console e refrigere. Acaricia-a, canta-a, abendiçoa-a, acalenta-se-lhe nos braços: amei-

ga-a, devora-a com beijos, bebe-a com os olhos do corpo e da alma, adora-a como amada infinitamente querida e infinitamente impassivel... Mas, de subito, repara que ella se desola e se fina como elle. Eis o sublime! Mas que alma não é preciso para comprehendêl-o!... Á mingua de uma clara visão, Rollinat tem a intuscepção do segredo da dor universal que S. Paulo chamava *o gemer de todo o ser creado*. Consternadora e divina idea que bastou para alimentar toda a poesia contemplativa da idade media baixada como um cysne negro melodioso sobre o coração deste poeta moderno! Elle, sem o saber, canta como a grande Liturgia christan, e terminará um dia por resurgir, não da morte, por que nenhum homem terá mais vitalidade que elle, mas do pavor de morrer.»

E' natural que o leitor menos versado na poesia epileptica da França, deseje ver um dos poemas que Rollinat canta ao piano. Um dos que Léon Bloy lhe ouviu, intitula-se: «Le-

bra-te que és pó» *Memento quia pulvis es.* A lettra diz assim :

Crachant au monde qu'il effleure
Sa bourdonnante vanité,
L'homme est un moucheron d'une heure
Qui veut pomper l'éternité ;
C'est un corps jouisseur qui souffre,
Un esprit ailé qui se tord,
C'est le brin d'herbe au bord du gouffre
Avant la mort.

Puis, la main froide et violette,
Il pince et ramène ses draps
Sans pouvoir dire qu'il halète,
E'treint par d'invisibles bras ;
Et, dans son cœur qui s'enténèbre,
Il entend siffler le remord,
Comme une vipère funèbre
Pendant la mort.

Enfim l'homme se décompose,
S'émiette et se consume tout;
Le vent déterre cette chose
Et l'éparpille on ne sait où;
Et le dérisoire fantôme,
L'oubli! vient, s'accroupit et dort
Sur cette mémoire d'atome,
Après la mort.

Aqui, meu presado Ricardo Jorge, não temos o verso putredineo nem o allucinado da nevrose. Qualquer pregador de quaresma nos perfura o peito aterrado com descripçoens mais truculentas da hora final, não é assim? Quando as turvas desatam n'uma trovoada mugidora de gemidos a reboarem nas naves do templo, a coisa é mais séria que o *Memento* de Rollinat; e o pregador não passa por vociferador de prosas putridas, e recebe uns tantos reis a maior na proporção dos gritos que saca d'aquelles peitos sujos de surro por fora e de remorsos por dentro.

Olhe como Bloy descreve, se é descriptivel, a esthesia de cada um d'aquelles versos: «uma formosa flamma branca, denticulada de purpura e ouro, colleando-se, espiralando-se, zunindo no asfixiante abafadiço sub-terreo de uma catacumba de incredulidade.» A clareza da definição tambem está um pouco encatacumbada; mas percebe-se melhor com est'outro traço magestoso: «E' uma especie de inferno realisado em um só coração, inferno vasio de esperança e cheio de Deus como o outro inferno; mas um Deus invisivel, que faz raivar de desespêro de se vêr; — inferno com anjos, mas tenebrosos que tem os nomes tremendos de todos os desgostos e influencias nefastas da vida.»

Maurice Rollinat é um mystico. O seu incondicional admirador diz que os mysticos são os videntes-lucidos da humanidade. Não é isso que nós cá chamamos *beatos* e *carolas*, que vestem opas nas procissoens e batem nos peitos proprios quando não apalpam os alheios. Isto é

meu, Ricardo Jorge. Se aqui ha pornographia, não m'a attribua ao mystico escriptor do *Figaro*. O que elle diz é que todos os genios dominadores, todos os que tiveram força para arrastar de per si, nos sulcos da terra, o rebanho de eunucos e decapitados que se chama *o genero humano*, todos os heroes da Espada, da Cruz, do Pensamento, todos foram Mysticos de um feitio qualquer; e esta forma de mysticismo que hoje se deslustra sob o nome de superstição foi n'elles como uma vibração prolongada do *Fiat* creador, e respondia a esse eterno desejo magestatico de construir solidoens nas grandes almas como os pharaós edificavam solidoens na immensidade dos dezertos.

Quer agora vêr a feição mais amavel do poeta que se me insculpiu na alma? Sei que vou commovêl-o; e, conseguido isso, termino este *hors d'œuvre* que está tão longe do seu livro. Bloy descreve-o assim: « O soffrimento fêl-o humilde, embora soluce os arrancos formidaveis

da sua miseria. Pede uma gota d'agua; mas é á natureza que a pede. E' o mendicante das solidoens, das arvores, dos penhascos, das nuvens e das ventanias. Genuflecte deante da melancolica imagem verde da esperança, não para adoral-a, mas para que veja quanto elle é pobre e nu e paciente. Então a Innocencia de sessenta seculos, embora avergada sob o pêso da maldição antiga, derrama sobre elle maternalmente o que quer que seja da sua paz tão tristemente doce e resignada.»

Estou a vêr o meu condoido Ricardo Jorge aspar o qualificativo *putredineo* do verso de Maurice Rollinat. Eu lh'o agradeço em nome da justiça, e da sanctidade das angustias que nós, os felizes, os prosadores dinheirosos não podemos perceber, emquanto a desgraça nos não espiritar o intendimento, adelgaçando-nos as gorduras.

VISITA A UM AZILO

DE

CRIMINOSOS ALIENADOS

Chornhill's Magasine conta, nos seguintes termos e com interessantissimos pormenores, a visita de um advogado a uma caza de doidos criminosos, em Inglaterra :

Em uma formosa tarde de outono do anno passado, passeava eu na estrada de Fitherton, perto de Salisbury, quando encontrei um me-

dico, meu amigo, que ia passar a noite no azilo de alienados e me convidou a acompanhal-o. Observei-lhe que não seria conveniente da minha parte apresentar-me em tal estabelecimento levado somente pela curiosidade.

— Pelo contrario, replicou o meu amigo, os proprietarios folgarão muito de ver alguem que se interesse, como você, na questão da loucura criminosa; principalmente quando souberem que o apresentado é um homem do fôro; por que elles hão de ver no meu amigo um adversario consciencioso que formará honestamente o seu juizo, á vista dos factos. Garanto-lhe, pois, uma recepção cordeal.

— Mas não será tarde de mais para me apresentar?

— Tarde não: é uma *soirée* de baile.

— Mas eu não estou vestido convenientemente.

— Nem eu; mas isso nada importa: é um baile de doentes.

— Como? para os criminosos alienados?

— Justo, para os criminosos alienados. O doutor da-lhes um baile semanalmente. E' uma verdadeira festa para os desgraçados.

— Mas não haverá perigo em ajuntar um grande numero de doidos criminosos? Se uma vertigem os atacar, podem fazer com certeza males incalculaveis.

O meu amigo riu-se: — Estou tão longe de recear o perigo de desordem, que você vai confessar que nunca viu assemblea mais conveniente e em melhor ordem. Eis aqui, apontou elle uma pequena casa de muito limpa apparencia — aqui principia o azilo.

— Parece-me pequenissima a casa — observei.

— E' o começo do edificio que se compõe de muitos repartimentos. O azilo de Fitherton é como uma povoação, com muitas casas, algumas muito grandes, e todas maiores que essa que eu lhe mostrei. Separam-nas altos muros,

de modo que os doentes estejam repartidos, consoante o seu genero de loucura e o tratamento adquado; por que aqui não ha senão doidos criminosos. E'-lhes com tudo permittido concorrer ao baile, se elles querem e a saude lh'o consente.

Chegamos á gradaria de uma bella casa cujo exterior não tinha apparencia de casa-de-saude. Figurava-se uma graciosa casa de quinta, com formosos jardins para completar a illusão. Abriram-nos uma sala onde esperamos o doutor Lush, chefe do estabelecimento. Passados momentos, chegou o doutor que nos acolheu com a maior cordealidade.

— Supponho, disse elle, que vem assistir ao meu baile E' uma coisa curiosissima para estrangeiros, cuja presença não solicitamos; porém como é amigo de X, folgo muito de o receber.

— O meu amigo, disse X, é advogado.

— Estimo muito saber isso: tomáramos nós muitos visitantes da sua profissão.

Dito isto, pediu-nos que o seguissemos, e levou-nos a travez da casa e d'alguns jardins. A' primeira vista, nenhuma especie de medida repressiva em parte alguma do estabelecimento; notei, apenas, que todas as portas se fechavam á chave cuidadosamente, quando passavamos: tirante isto, era uma casa particular. A final, chegamos a uma edificação bastante alta, posto que so tivesse um andar. O doutor abriu-a, e entramos no salão de baile. Tinha 70 pés de comprimento com largura proporcional, e tão alta que a orchestra que occupava toda a largura, com uma dusia de musicos uniformisados, estava á altura de 10 pés. A sala, bem mobilada, tinha luz de gaz. Havia piano. Pouco depois, observamos que o recreio do saráo se devidia em canto e dansa.

Antes de começar o baile, estudei a estranha assemblea em que me via. Os homens estavam a um lado, as mulheres a outro. Os trajos eram variadamente singulares, principal-

mente nos homens. Uns vestiam tão a ponto como nas mais primorosas sociedades; outros indicavam extrema pobresa. Imformaram-me que n'aquella miscellanea havia muitos doentes pobres sem crimes, ao passo que outros, aliás criminosos, tinham parentes ricos que lhes custeavam generosamente as despezas.

Quanto ás damas, essas evidentemente tinham feito grandes despezas nas *toilettes*. Muitas estavam engrinaldadas de flores artificiaes, pela maior parte de papel e de fabríco proprio. D'uma e d'outra parte, reinava profundo silencio. De repente, a orchestra preludiou uma quadrilha, e os homens foram convidar pares muito cortezmente. Dansavam todos com a maxima regularidade; mas conservavam a mesma gravidade como se estivessem sentados. Concluida a dansa, os homens condusiam as parceiras aos seus logares, e passavam para defronte.

Depois, uma dama já idosa sentou-se ao piano para acompanhar uma romança cantada

por um doido, e applaudida por todos os outros.

Em seguida, a orchestra deu o signal de mazurka, que foi executada tão regularmente como a quadrilha. Interessava-me grandemente semelhante espectaculo; e perguntei a um dos empregados a qual classe de molestia pertenciam aquellas pessoas que procediam de um modo tão conveniente.

—São de varias classes, respondeu. Estão ahi presos por diversos crimes, ladroens, assassinos...

— Assassinos? ha aqui assassinos?

— Uns trinta pouco mais ou menos — confirmou elle com a maior serenidade sem manifestar a minima repugnancia.

Estive um momento a recolher as minhas ideias, e pedi-lhe que me mostrasse algum dos assassinos.

— Pois não! vê acolá um rapaz a dansar com uma menina na extremidade do salão?

E mostrava-me um joven esvelto, de vestido de veludo listrado, a dansar com uma formosa dama, e accrescentou: «Aquelle sujeito foi um gatuno celebre; indoideceu na penitenciaria, e tentou matar os medicos da prisão. A parceira d'elle está aqui porque matou uma irman».

Isto fez-me tal impressão que me arrependi de lá entrar.

— Os doentes estão aqui todos? — perguntei.

— Nem a quinta parte. Na sala estarão apenas cento e vinte.

— E não ha medo que se revoltem?

— Nenhum. Os musicos são todos guardas exercitados, e andam outros no salão. Entre as mulheres tambem ha guardas.

Detive-me ainda algum tempo, e assisti a muitas dansas e cantorias executadas satisfatoriamente; depois achei que era bom retirar-me, mais triste do que recreado com tão singular

espectaculo. O doutor Lush conduziu-me delicadamente até ao portão.

— Vai surprehendido do que viu? — perguntou-me o doutor.

— Certamente vou; mas o snr. parece-lhe que toda essa gente está doida?

— Toda, e doida perigosa. Talvez duvide; mas acredite. O snr. viu-os esta noite nos seus melhores intervalos.

E' espantoso como elles habilmente conseguem dissimular a sua enfermidade. O medico que cantou a primeira romança é uma prova.

— Elle tambem é doudo?

— E perigosissimo. Foi encerrado ha annos em um hospital de alienados: mas os juises, julgando-o em perfeito juiso, mandaram-no sahir. Na semana seguinte, imaginando que uma creada queria envenenal-o, matou-a; e suspeita-se que matára outra.

— Mas um baile não lhe parece que é um recreio assás exquisito para tal gente?

— Sem duvida seria, se elles tivessem juiso; mas lembre-se que elles são doudos, e não podem ser tratados como criminosos. O unico praser que elles tem é dansar. Algumas vezes, fasem-se leituras, scenas de magica e outros divertimentos; mas nada lhes apraz tanto como dansar. Noto que o snr. difficultosamente se convence; mas se quizer estudar mais de espaço o assumpto, volte ámanhan. Mostrar-lhe-ei toda a casa; e a final convencer-se-ha que não ha aqui um só individuo cuja liberdade não seja perigosa.

Por mais penoso que me fosse um novo exame, resolvi aceitar o convite. Marcamos as 11 horas do dia seguinte.

Fiel á minha promessa, encontrei o doutor que me esperava. Primeiro, mostrou-me as officinas domesticas, os viveres, os differentes petrechos culinarios, tudo perfeitamente bem.

— Vamos agora precorrer o azilo dos homens, disse-me o doutor. Peço-lhe que note

uma coisa — e é que, tendo eu aqui os maiores facinoras do mundo, não tenho um colete de força, nem um carcere, nem um instrumento de castigo em todo o estabelecimento.

— Então como mantém a ordem?

— Com a brandura e uma poderosa esquadra de guardas. Os meus pensionarios, por isso que são dementes, não sabem combinar uma revolta, de sorte que a mesma policia facilmente conhece os perigos para os evitar.

— Que poderes concede aos guardas no caso de insubordinação?

— Nenhuns; ainda quando são espancados não lhes permitto a desforra. Os doudos nunca estão sosinhos, mesmo nos repartimentos mais socegados; e a influencia dos guardas basta para manter a ordem sem violencia. Ha um castigo que eu emprego. Quando um doente procede mal, prohibo-lhe o baile durante algumas semanas; e, embora isto pareça absurdo, não ha para elles maior degradação.

Emquanto elle fallava, encontramos uma duzia de doentes acompanhados de um guarda, e um homem bem parecido com uma pá ao hombro.

— E' a gente do jardineiro que vae para o o trabalho. Todos os legumes consummidos no estabelecimento são cultivados por elles.

— Trabalham obrigatoriamente?

— Não. São chamados para o trabalho; mas, se não querem, não vão.

— Os que não são criminosos, recebem algum estipendio?

— Nenhum, excepto um cachimbo e algum tabaco assim que terminam a tarefa, e com isto ficam contentes.

— Acho isso duro para os que não são criminosos...

— Não é. Considere que o trabalho d'elles é menos pesado que o de um jornaleiro, trabalho a que estão affeitos quase todos. Aqui trabalham poucas horas, apenas o bastante para

se conservarem saudaveis; e tanto lhes não custa, que vão para o trabalho alegremente. Converse com elles, e forme o seu juizo, e poderá decidir melhor se algum d'elles tem perfeita rasão.

Dirigi-me a diversos; e nem um só me deixou duvidar da sua demencia. Se me davam uma ou duas respostas rasoaveis, seguiam-se outras destituidas do intendimento. Pareciam alegres com a presença do dr., e fasiam uns tregeitos que eu suppunha referirem-se a mim; mas não era assim. Era isso um modo silencioso de lhe pedir uma pitada que elle dava promptamente. Depois, seguiam o guarda com direcção ao trabalho.

— Agora, disse o doutor, vamos visitar um dormitorio de homens e o snr. me obrigará infinitamente expondo com franqueza os seus reparos, e indicando os melhoramentos que devem introduzir-se. Peça todos os esclarecimentos sobre aquillo que não perceber.

Subimos a um andar onde havia um extenso dormitorio bem alumiado e ventilado, com leitos alinhados de encontro á parede. A sala era propria quanto possivel; as paredes caleadas e adornadas de gravuras coloridas representando diversos assumptos da Sagrada Escriptura e da historia antiga e moderna. Em fim, o aspecto da quadra representava mais cabalmente um hospital aceiado que uma prisão ou azilo de doidos. As janellas não eram gradeadas; mas, examinando de perto, notei que os caixilhos dos vidros eram de ferro, e que a janella apenas se abria n'um espaço que não permittia perpassar o doente.

— Aqui, disse o dr., é o dormitorio dos mais violentos ou dos mais perigosos. Vai encontral-os la em baixo e então verá com que scelerados temos de nos haver. A esta hora estão no terreiro ou na sala commum.

— Disse-me que pedisse explicaçoens — observei eu — O dr. disse-me que não havia aqui

carceres. Para que serve, pois, esta gaiola de ferro que cerca um leito no centro do dormitorio?

— E' o leito do guarda nocturno. Um dorme aqui; os outros estão perto. Logo que se deita, fecha a gaiola de ferro, afim de o não degolarem durante a noite.

Descemos depois á sala commum. Havia poucos doentes; porque o tempo estava bello, e os outros passeavam.

O primeiro a quem me derigi era o medico que de vespera tinha cantado a romança.

Estava entretido a escrever; mas, assim que nos viu, depoz a penna, e derigiu-se bem humorado ao dr. e a mim urbanamente. Com grande espanto meu fallou lucidissimamente sobre as diversas crises das doenças dos seus companheiros, assignalando as melhoras de uns, e o aggravamento de outros. Não desvariou em toda a conversação; e, se eu não soubesse que o dr. o fazia fallar de proposito para dar pasto ás mi-

nhas observaçoens, eu cuidaria que elles estavam em consulta. Depois que o dr. deixou o seu desgraçado collega, conversei algum tempo com um extrangeiro, um conde polaco, que fôra condemnado por tratantisses e indoudecera na penitenciaria.

Fallava tão ajuisadamente que ninguem lhe desconfiaria da loucura, e pediu ao medico que lhe mandasse lançar no correio uma carta. O dr. recebeu a carta, e, quando sahiamos da sala, um homem de elevada estatura, com uma grande expressão de bondade no semblante, nos saudou militarmente, mas o medico nem para elle olhou — o que me fez espanto, porque elle fallou a todos benignamente. Quando passamos o portico e o dr. abria a grade que conduzia ao pateo, perguntei-lhe se o medico a quem fallaramos era tambem doido, por que a sua conversação me parecera perfeitamente rasoavel.

— É com certesa; e, se o quer verificar, pergunte-lhe pelo homicidio que elle commetteu,

e elle sustentará que praticou a morte por justos motivos, que nós não percebemos. Teima em desvariar a tal respeito; e, com taes aberraçoens de moral seria perigoso soltal-o. Além d'isso, elle nem sempre tem a lucidez que o snr. notou agora.

— E o polaco?

— É lamentavel esse desgraçado! Depois que inlouqueceu, tem-se dado episodios que deixam presumir que elle já era doido quando praticou o crime por que o condemnaram a prisão cellular. Comprára joias de grande valor para presentear uma dama, e passou uma lettra sobre um banqueiro onde não tinha nada. Depois, descubriu-se que elle possuia em outra casa bancaria somma bastante para cobrir a divida. Quer lêr a carta d'elle?

— Não será uma indiscrição?

— Não é. Noto que o snr., depois que o ouviu, o considerou ajuisado; mas é mais que provavel reconsiderar lendo a carta.

Abriu a carta e eu li-a. Era um encadeamento de disparates; e, com quanto fosse muito comprida, não havia uma phrase em boa harmonia com a antecedente: era evidentemente a obra de um mentecapto.

— E qual é o crime do homem que nos fez a continencia militar?

— Era sargento do exercito que guarnecia a ilha de Wight. Uma noite, n'um accesso de mania, cortou o pescoço á mulher e a cinco filhos. Notou talvez que eu nem se quer, olhasse para elle... E' por que ultimamente tem procedido mal, e prohibi-lhe assistir aos bailes — o que o tem contrariado muito.

(Conclue no proximo numero)

ERRATAS DO N.º III

Pag. 84 — l. 13	*adresse*,	emende	*adereço.*
„ 94 — „ 19	*barato*	„	*bá. atro*

CAMILLO CASTELLO BRANCO

VULCOENS DE LAMA

ROMANCE

Um elegante volume de cerca de 300 paginas.

Preço 700 reis, pelo correio 730.

A' venda na *Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor*, rua de Santo Ildefonso 4 e 6 — Porto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE

WILLIAM SHAKESPEARE

TRAGEDIA EM CINCO ACTOS, TRADUSIDA PARA PORTUGUEZ

POR

D. LUIZ DE BRAGANÇA

No prélo.

Um volume de cerca de 100 paginas.

Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 a 6.— Porto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

BOHEMIA

DO

ESPIRITO

No prélo.

Um volume in-4.º de cerca de 400 paginas.

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR
Rua de Santo Ildefonso, 4 a 6 — Porto

PRECO
Por assignatura 200
Avulso 250

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Serões de S. Miguel de Seide

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA

V

CRITICA DE ALGUNS MAUS LIVROS E DOS MAUS COSTUMES

A. da COSTA SANTOS
EDITOR

V

SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEROENS

DE

S. MIGUEL DE SEIDE

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA,
CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

PORTO
Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos—Editor
RUA DE SANTO ILDEFONSO, 4 A 6

1886

SUMMARIO

—

Cap. cccxcix das minhas Memorias d'alem tumulo. — A Via-Sacra (romance). — Notas conspicuas. — Notas archeologicas — Visita a um azilo de criminosos alienados (conclusão).

PORTO
TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
56, LARGO DE S. DOMINGOS, 57

CAPITULO CCCXCIX

DAS «MINHAS MEMORIAS D'ALEM TUMULO»

RUINAS

O DIAS DA FEIRA

CONHECI, ha quarenta annos, na Polytechnica do Porto, um elegante môço, o Dias da Feira. Chamavam-lhe *da Feira*, por que seu pai, um abastado — «muito rico» diziam — mercador de panos, morava no Largo da Feira, á entrada da Rua das Flores. O Dias matriculara-se em mathematica. Tinha um grande talento para tudo. Fazia prosa e

verso; declamava no pateo da academia a respeito de tudo em que se podesse afivelar a mascara da rhetorica na cara da troça; demonstrava com enthymemas irrespondiveis que o meu professor de chimica, o egresso Santa Clara, mettido em uma retorta, poderia dar productos chimicos, mas nunca daria uma idea da sciencia de Lavoisier; affirmava que o meu professor de zoologia, o doutor Carneiro, era de per si um *Zoos*, animal; mas era abusar do grego adicionar-lhe o *logos*, por que elle nem sciencia nem consciencia tinha do descompassado animal que era. O Dias tinha engenho e graça; todavia, em mathematicas, segundo a sua modesta confissão e o voto auctorisado do professor e o testemunho dos condiscipulos, era um cretino monumental. Mas teimava em matricular-se para entreter tempo e agradar ao pai. Considerava-se rico: não queria seguir carreira alguma. Viveria das suas rendas, a ler romances, a fazer dramas e a represental-os.

A arte dramatica era a sua paixão dominadora. «Se eu fosse pobre, era actor!» disia elle, e acrescentava alteando a fronte como um desafio ao destino: «Se um dia empobrecer, sei onde está um filão de ouro — a riqueza e a gloria.» E declamava trechos da *Pobre das ruinas*, dos *Dois Renegados*, do *Pagem de Aljubarrota*, dramas de Mendes Leal que teve um ciclo de gloria, como ninguem mais depois de Almeida Garrett. Se o esqueceram, são ingratos os dois sexos da velha geração que devem a Mendes Leal a educação vibratil do seu apparelho nervoso; nem talvez chegassem a desembrionar os nervos, se não fosse elle.

O Dias representava em theatros particulares, umas sociedades de amadores que alugavam o theatro de Liceiras e o de Santa Catharina e o de S. João para as peças espaventosas. Os camarotes regorgitavam de mulheres bonitas, frescas e coloridas quaes enormes cabases de camelias e jasmins, suspensos

do teto do theatro como os jardins de Semiramis, ou, melhor comparado, como o jardim das Hesperides, por causa de algum dragão escondido no fundo dos camarores.

E todas amavam o Dias da Feira, o galan de todas as peças, que faiscava dos seus rutilantes olhos faulas para todos os coraçoens. Que gentil cabeça! que valente peito! que pizar-rythmico! a tragica solemnidade d'aquelles passos, o pé direito á frente, o esquerdo arrastando-se nas pontas dos dêdos! os braços cruzados no torax, as espaduas encolhidas, a dentadura ferina a trincar um *ah* trepido, prolongado, rouco, n'uma ondulação de trovoada remota! que bom! Que pavores nas respiraçoens suspensas do auditorio! que *bravos* a rebentarem dos peitos em gritos clamorosos, ao passo que as damas, n'um hysterismo de lagrimas, escondiam a sua dor por detraz das barrigas dos maridos, não menos emocionados!

Eu tive um quinhão enorme das ovaçoens

do Dias. Elle executou no meu drama *Agostinho de Ceuta*, o protogonista, o no *Marquez de Torres Novas*, a victima da descaroada Guiomar Coutinho (1849). Fomos ambos sublimes! Eu espatifava a grammatica, a historia e o bom-senso. Elle espatifava os coraçoens das plateas, remoendo nos dentes as minhas phrazes até as fazer espirrar grumos de sangue ás caras mais insensiveis da Rua das Flores e travessas circumjacentes.

Quem são os que vivem dos executores de alta justiça n'esses meus patibulos?

Lembro-me muito dos que já estão mortos. Eram o Licinio Fausto de Carvalho, um engenheiro, escriptor dramatico; os irmãos de Guilherme Gomes Coelho (Julio Diniz), o Antonio Coelho Louzada, folhetinista erudito, — falecidos ha muito. Ainda vivem o lente de pintura, Rezende, o tyranno que sabia todos os segredos do bello horror; o Domingos d'Almeida, que é hoje medico no Rio de Janeiro, e fasia

de dama — lindissimo rapaz —; o Henrique Guilherme Thomaz Branco que dirige as obras publicas do Porto, e não sei quantos mais cujos nomes se obscureceram na pobresa ou se etherisaram, crismando-se, em paramos tão altos que a minha vista não os alcança.

Mas a grande alma d'estas execuções era o Dias da Feira — *José Maria Dias Guimarães*, agora me lembro.

Entre as desenas de mulheres que o amavam, houve uma que o dominou. Era a menos formosa e menos abastada. Bem me lembro — morava na Rua de S. João. Chamava-se D. Angelina Machado; pertencia a um grupo de meninas muito cortejadas nos bailes da *Fabrica* e nas recitas dos domingos em S. João. — As *Machadinhas* com as almas candidas como os seus vestidos, e as faces purpurejadas como as flores rubras dos seus toucados, um pouco mais acepilhadas que a mãe, autochthona do burgo do bispo; mas quanto ao moral, no mesmo pri-

mitivismo ingenuo, abrindo umas risadas sinceras, francas, em que não havia mais espirito que o elasterio dos musculos das mandibulas. Esta raça acabou na Rua de S. João, e não tardará a acabar em Cima-do-Muro.

O pai do Dias, o negociante de panos, que disiam rico, falliu na mais honrada boa fé e deploravel tolice. Ficou muito pobre; e, para não incommodar os amigos, morreu. O filho, apezar dos estorvos e da pobreza, casou com a D. Angelina, e não sei se, no decurso de alguns annos, alem do escasso dote da mulher, teve alguma fonte de receita explorada pelo seu trabalho. Recordo-me que elle, ás temporadas, ia representar a Guimaraens, com senhoras e cavalheiros d'aquella terra, onde primavam na scena João Machado Pinheiro (visconde de Pindella), D. Anna Elvira de Freitas e sua mana, hoje a snr.ª viscondessa de Pindella e o barão de Pombeiro de Riba d'Ave. Ha pouco li umas correspondencias do Dias, impressas no *Nacio-*

nal de 1854, desfazendo intrigas que insidiavam indispôl-o com as illustres familias vimarenenses que o consideravam.

Em 1858, se bem me recordo, publicou elle um drama, que me dedicou, intitulado *Trabalho e honra*. Não me resta vislumbre algum do merecimento d'essa obra. Raras veses nos encontravamos. N'esse homem que eu via, arredado da confluencia dos alegres, ja nada fasia lembrar o Dias da Feira de 1850. Não tinha graça, nem ironias, nem declamaçoens, nem hyperboles; e, para tudo lhe faltar, nem sequer tinha dinheiro. Eu poderia, não direi enriquecêl-o — porque não gosto de melindrar os pobres—mas poderia lembrar-lhe aquelle *filão de ouro e gloria*, que elle tencionava explorar, se um dia a necessidade lhe rasgasse os largos horisontes da arte dramatica.

Não lh'o lembrei, nem era preciso. Elle ia embarcar para o Brazil, ia escripturar-se no Rio de Janeiro, porque, á imitação de Furtado Coelho, e de Antonio Moutinho de Sousa não ou-

sava pizar o palco, assoldadar-se, representar por dinheiro, aos olhos dos seus concidadãos. Faltava-lhes a destemidez intransigente de Cezar de Lacerda, um actor em quem não escasseiam direitos a um titulo hereditario de conde.

Antes d'isso, estabeleceu-se em Guimarães com loja de fazendas. Frequentava as feiras annuaes de Traz-os-montes e Alto Minho armando barracas. Era natural que fosse infeliz. Entregou tudo aos credores e voltou para o Porto mais pobre do que sahira. Aqui, foi algum tempo empregado na viação publica, como conductor, e, auxiliado por um parente, sahiu para o Brazil entre 1860 e 61. Parece que as suas previsoens refulgentes da arte scenica se haviam apagado na penumbra das realidades negras da vida positiva. Tinha mulher e tres filhos. Um visionario casado é um homem morto a bordo de um navio em tormenta; os filhos são as barras de ferro que lhe amarram ao cadaver para ir mais depressa ao fundo.

Não pensou no palco ao desembarcar no Rio. Abriu na rua da Quitanda uma loja de *armarinho*, — fazendas miudas. Pouco tempo depois, com a mais correcta naturalidade e suprema coherencia logica, falliu. Realvoreceu-lhe a estrella do theatro, antes da noite da mizeria. Escripturou-se no Gymnasio, onde representou em um seu drama de grande voga *O poder do ouro*, e a *Cerração do mar*, monologo de uma extraordinaria commoção.

A critica fluminense elevou á primeira cathegoria a factura d'essas peças em que o Dias representava os protogonistas. E' natural que o estipendio, n'aquelle liberalissimo paiz, correspondesse ás enchentes de gloria. Parecia, pois, que elle cavava fundo no *filão de ouro*, e encofrava algumas centenas de contos com que regressasse ao Porto, para abrir os seus saloens aos amigos de seu pai que o deixaram morrer estrangulado pela pobresa e pela vergonha.

Não succedeu assim. O genio não desce

aos frios calculos d'esta natureza; tem vertigens que o remontam ao de cima d'estes lamaçaes de rendas de Malines e veludos e *moires* e constellações diamantinas em que se faz o macabrismo dos pulos, este retrocesso de selvagismo a que chamam «bailes». O espirito do actor febril carecia de phantasmagorias extra-terrestres, visualidades que lhe atirassem com a alma ao vortice das chimeras de Wilhelm Hoffmann e de Edgard Poe. Começou a embriagar-se como Kean e Baron e outros actores famosos. O alcool ja lhe era muito grato na sua mocidade. No Porto, disia-se que os seus mais justificados triumphos, em recitas particulares, os devia ao ultimo calice de cognac. No Brasil acrisolou-se-lhe a sede dos ideaes que imergiram da onda tempestuosa dos liquidos ingeridos nas ceias esturdias, á sahida do theatro. Depois, á enorme tensão das fibras cerebraes seguiu-se a fadiga da memoria, o gesto desairoso, a improvisação delirante e desastrada no proscenio, a temulen-

cia franca e sem disfarce, deante de um publico não indulgente com um vicio que deshonrava o homem sem realçar o quilate do artista. Pouco depois, a larynge ressequida, causticada pela alcoolisação, rouquejava, rugia asperrimamente. O artista estava morto, e o homem não tinha um amigo que o não beneficiasse como quem atira uma esmola com repugnancia ao chapeo de um desgraçado que se curva. O Porto conheceu um actor roido no corpo e na alma, vitriolado pela embriaguez. Tinha o appellido de *Ferreira*. Acabou no hospital, na enxerga dos mendigos. Pois eu assisti á estreia auspiciosissima d'esse homem, que a final apenas sabia, sobre o taboado do palco, cair bem . . . de bebado.

Dias Guimarães encontrou um amigo e patricio, o consul Antonio d'Almeida Campos, um amparador de todos os rapazes portuguezes, levados a pique n'aquelle Pactolo do ouro brasileiro, mais perfido que o mar, comparado por Shakespeare á

perfidia das mulheres. Almeida Campos empregou-o no consulado portuguez, e elevou-o até chanceller interino. Esperava ser nomeado chanceller effectivo, quando o consul seu protector veio a Portugal morrer em uma casa de saude no Porto.

Dias Guimaraens foi demittido por motivos que desconheço. Estava muito pobre, e ja tinha poucos amigos que o soccorressem.

Tinha um filho e um genro. Outra filha e a esposa, D. Angelina Machado, eram ja fallecidas. O filho e o genro, escassamente protegidos pela sorte, quase nada lhe davam. O Dias da Feira pedia esmola.

Uma tarde entrou na loja do livreiro-editor Cruz Coutinho. Vestia o seu cazaco muito poído; mas limpo, violentado a lusir sob a fricção da escova. Na lapella do cazaco levava o habito de Christo. Dizia elle a um seu patricio: *Sinto pejo de usar este habito, quando tenho de di-*

rigir-me a alguem a pedir soccorro. (*) O livreiro, que lhe tinha editado o *Poder do ouro,* cuidou que o dramaturgo ia fazer alguma proposta gananciosa. O Dias Guimaraens descobriu-se, e disse: «Ainda hoje não comi: venho pedir-lhe uma esmola.» O editor deu-lhe uma nota de 20$ reis.

Com referencia á esposa, diz-me Moutinho de Souza: «D. Angelina Machado morreu antes da filha. Que desgraçada, que sancta, e que martyr foi essa senhora!.. Se os espiritos d'aquelles grandes desgraçados podessem contar-lhe as suas desventuras!.. Não lhe posso dizer mais nada... As lagrimas não me deixam ver o que lhe escrevo..»

*

(*) Informaçoens do meu amigo Antonio Moutinho de Sousa que o conheceu na suprema indigencia.

José Maria Dias Guimaraens morreu em desembro de 1884.

No *Jornal da manhan*, do Porto, de 30 de janeiro de 1885, lia-se esta breve noticia:

Falleceu no Rio de Janeiro, em dias do mez passado, o Dias Guimarães, um velho actor dramatico portuguez, que ha muito arrastava uma vida desgraçadissima, por causa de graves enfermidades e extrema penuria.

O *Jornal da manhan* com certeza ignorava que o pobre actor fallecido era o seu conterraneo José Maria Dias Guimaraens, o *Dias da Feira*, o apontadissimo paralta de 1848 que dava aos mais primorosos figurinos o modêlo da elegancia. O mesmo jornal traslada de uma folha do Rio estes traços necrologicos do desgraçado que ainda deve ter muitos condiscipulos vivos: *Dias Guimarães era auctor d'um dos dramas e d'uma das scenas dramaticas mais conhecidos do nosso publico* «O Poder do ouro», *e* «A cerração do mar». *Como obra de arte*, «O Poder

do ouro» *não offerece grande resistencia á critica, mas, se a consideramos como peça do genero portuguez que predominava no tempo em que elle foi escripto, e que consistia em collocar invariavelmente um cynico de barba á ingleza, um centro, um jocoso, um galan terno, uma ingenua, e uma matrona em conflicto de sentimentos e de acção sobre a scena, podemos dizer que* «O Poder do ouro» *foi o melhor specimen que appareceu do genero, a peça mais completa e mais bem feita da antiga comedia drama portugueza. Seja-nos licito, pois, recordar o nome do velho escriptor morto, com saudade e pezar.*

Com saudade e pezar tambem eu escrevi este capituló nas minhas *Memorias*. Os desgraçados deste tamanho não devem esquecer. São boas liçoens. A sociedade atira a memoria d'elles ao barril das porcarias. Faz mal. Eu antes quisera que meus filhos lessem biographias d'esta especie de que os «Varoens illustres» de Plutarcho e a «Flor dos sanctos».

Janeiro de 1886.

A VIA-SACRA

PARTE II

I

Depois de ceia, Francisco da Lage, consoante o costume, foi «dar dois dèdos de cavaco» até ao quarto do filho e do hospede. Conversou-se a respeito da Isabelita, a pegureira da Samardan. Cacilda assistia á palestra, mas silenciosa. Tinha ido levar ao quarto camisas engomadas para o padre e para o primo Guilherme, e quedara-se,

na penumbra, a ouvir muito interessada o encontro que os caçadores tiveram com a Izabel na serra. O Guilherme disia que a pastôra cantava com uma voz muito argentina, bem timbrada umas quadras tão doloridas, tão saudosas que o entristeceram. Por achal-as bem feitas pedira á môça que lh'as recitasse, e as escrevêra na sua carteira. Padre João pediu-lh'as, que as queria ver; mas «não se admiraria muito sendo boas e certas, por que elle tinha assistido, nas romarias, aos cantares de desafio, e pasmava das felises lembranças e versos correctos com que se sahiam pessoas de lavoira sem qualidade de instrucção alguma; e d'ahi lhe vinha a sua mediana admiração pelos poetas cultivados, e ás vezes bem menos espontaneos e imaginosos que os incultos.»

Guilherme deu-lhe a carteira aberta: — que lesse os versos — e relançou os olhos a Cacilda que se esbatia cada vez mais no escuro do quarto. O velho, escutando as trovas, acenava

affirmativamente com a cabeça: «que lhe tinha ouvido cantar essas cantigas; mas que não eram do miolo da Isabel; — credo! — que eram coisas tiradas dos livros, talvez do Bocage, que havia la em casa essa obra.»

O lavrador, desde que em uma roda de padres, n'um enterro, ouviu dizer ao erudito padre mestre Mondroens que Bocage era o maior poeta de Portugal, assim que lhe disiam versos que o tocassem, eram de Bocage infallivelmente. O padre sorriu-se, olhando a furto para a irman, e entregou a carteira ao primo: — «que não estavam máos, como trovas de pastora; mas como obra de Bocage não eram definitivamente necessarios á sua fama.»

— Parece-te pois, padre João, que as quadras seriam feitas por aqui? — perguntou Guilherme, relanceando com disfarce os olhos a Cacilda.

A môça, o mais subtilmente que pôde, esgueirou-se do quarto, sem esperar ouvir a res-

posta do irmão; e, já longe do apêrto em que se via, levou as mãos aos olhos como se tivesse diante de si o espêlho das suas faces córadas de pejo, e disse comsigo; «Olha que vergonha a minha!.. Se o meu padre lhe vai dizer que eu fiz os versos á Isabel!.. Que vergonha, Sancto nome de Jesus!.»

O velho disse que ia deitar penso ao gado, e voltava logo — que o esperassem: tinha que conversar.

— Ha novidade! — notou o filho — São 11 da noite: não me lembro de ver no verão meu pai a pé a tal hora! . Olha lá, primo Guilherme, devo fazer-te uma confidencia, antes que a saibas d'outra pessoa. Essas linhas que escreveste na carteira, e a que chamas versos magnanimamente, são obra da minha irman...

— Eu ja o sabia — resumiu Guilherme.

— Quem t'o disse? ella!? — interpellou o padre, descontente da revelação.

— Não; foi a pastora que m'o disse,

— Faltou ao que prometteu. A Cacilda, quando lhe ensinava as cantigas, impoz-lhe condição de que nunca diria quem lhe fez os versos. — E' que a pastora não intendeu os melindres da modestia da prima Cacilda. Deves perdoar-lhe. Dize-me ca: tua irman envergonha-se de fazer versos?

— E' esse o termo, exactamente: envergonha-se. Já sabes que fui eu quem a ensinou a ler e escrever, quando estudava latim. Uma tolice, ou pelo menos uma inutilidade... nem sempre innocente. Um dia, achei dentro de um *Flos sanctorum* do Ribadeneyra um papel com quadras ou coisa que o parecia por serem quatro as fileiras de palavras em cada pellotão que marchava pelo almaço abaixo e fasia um movimento de conversão pela segunda lauda. Li. Eram trovas mysticas, um dialogo entre o *Anjo da Guarda* e uma *Orfã* que chorava sobre a campa da mãe. Não podia chamar-se uma baboseira, nem talvez uma creancice. Alguns ver-

sos errados, outros prosaicos, e poucos aproveitaveis, mas a indole do poema era boa, tinha a uncção da fé, e mostrava a compaixão da menina de treze annos por uma rapariga que ahi ficava sem pae nem mãe — a tal Izabel que hoje ouviste cantar. O *Anjo da Guarda* respondia aos queixumes da *Orfan*, consolando-a com a promessa de nunca a desamparar. Lembra-me a ultima quadra:

Não chores, orfan, não chores!
Se te não valer alguem,
Levo-te ao ceo; vou deixar te
Nos braços de tua mãe.

Perguntei a minha irman de que livro copiara os versos. Respondeu sem biôcos de modestia que os tirara da sua cabeça, e queria saber se estavam muito errados. Não lh'os elogiei nem censurei; mas aconselhei-a a que se deixasse de versos, porque a sua vida tinha de ser a da lavradora pouco abastada roça e fuso,

tear, foicinha e sachola. Que esses divertimentos inuteis eram bons para fidalgas; e que nem assim a sociedade dava alguma importancia ás fidalgas poetisas, antes pelo contrario as escarnecia; que uma mulher d'aldeia sabendo costurar uma camisa e guizar um coelho era muito mais necessaria e proveitosa que uma auctora de poemas. A rapariga ouviu-me um tanto vexada, e prometteu, como Ovidio ao pai, *nunquam magis componere versos*. Mas eu, um dia, inconfidencialmente, quando ella assistia á Via-sacra, fui-lhe ao quarto, abri-lhe a arca, remexi a roupa branca e achei entre uns lenços dobrados uns quartos de papel com os taes pellotoens 4 a 4 e 5 a 5. Ja iam entrando nos dominios da quintilha; e marchavam a passo dobrado para a decima. Eram todos no mesmo genero ascetico; ou, quando muito, do parnaso profano apparecia apenas uma borboleta a queimar-se na luz; e a auctora a comparar a mariposa allucinada pela chamma aos imprudentes que se deslumbram

com o brilhantismo da felicidade d'este mundo, e se deixam queimar e devorar n'esse traiçoeiro fulgor. Isto provavelmente seria plagio de uns volumes desirmanados de versos que eu por ahi tenho, talvez do *Belmiro Pastor do Douro* ou do Malhão. Li, repuz o «autographo precioso» entre os lenços, e nada lhe disse. Limitei-me a vigial-a cuidadosamente, a espiar a influencia que a vocação poetica poderia ter nas suas inclinações. Nunca, porém, lhe descobri alguma a que podesse chamar-se passa-tempo...

Ouvia-se o tropel dos sócos do velho.

— Ahi vem meu pai... Mudemos de conversa. Olha que ficas ignorando tudo que eu te contei a respeito de versos. Nem uma palavra á pobre rapariga que sahiu d'aqui, ha pouco, n'uma intalação...

*

Entrou o Francisco Alves, sentou-se na cama do filho, esfregou deleitosamente os bra-

ços sedosos, arremangados, pruidos pela pojeira da palha, cossou depois a cabeça com as mãos ambas enconchadas, por fim esfregou-as rijamente como quem se afoita a fazer rosto a uma empreza ardua, e finalmente disse formalisado:

— O primo Guilherme é tratado como filho desta casa, ou não é?

— Quem duvida?! — perguntou o hospede, algum tanto sobresaltado pela solemnidade do interrogatorio.

— Bom. Aqui n'esta caza quem manda sou eu. Se recebi o snr. Guilherme como filho, deve respeitar-me como pai. E' assim ou não é?

— E' assim; e como pai o respeito.

— Fazer o que eu lhe mandar.

— Dê-me as suas ordens que hão de ser por força acceitaveis e obedecidas.

— Bom. Assim é que se responde — tornou com o rosto agraciado. — Fique então sabendo desde já que vae para Coimbra, no fim do mez que vem, continuar os seus estudos para doutor.

Já fiz as minhas contas. Vocemecê recebe todos os mezes moeda e meia até acabar a sua tarefa. Depois, poem-se a dar conselhos, ganha a sua vida, e, quando poder, paga-me o que me dever.

— Isso é o que os filhos não fasem — atalhou a gracejar, padre João.

— Estás enganado — retrucou o pai — Os máos filhos, caloteiros como tu, é que não pagam sem ser citados a estadulho; mas eu ca sei como hasde ir pagando com lingua de palmo. As contas eu t'as farei ... — E voltado para Guilherme: — Vocemecê tem alguma coisa a propor?

— Sim, snr. Tenho a dizer que se arrisca a perder o seu dinheiro; porque eu heide ser perseguido pelo crime dos meus appellidos, e em toda a parte heide esbarrar nos odios que estão a postos, como em Villa Real, para me inutilisarem. Se a minha formatura me não proporcionar lucros immediatos, de que me servirá o diploma de bacharel? Em que tempo poderei

eu contar com a generosidade ou com o esquecimento dos inimigos?

— Passados dois annos ja ninguem se lembra dos appellidos de teu pai — contraveio o padre João — Passados dois annos hão de estar os liberaes a matar-se uns aos outros, sem processo, e ja ninguem se lembrará dos juizes realistas que levantavam as forcas sobre o *Livro V das Ordenaçoens do reino.* Não sabes que o Passos Manuel ja, este anno, em côrtes, bradou contra as vinganças crueis dos vencedores sobre os vencidos inermes? Não tenhas mêdo ao futuro... Portugal vae tornar-se um lamaceiro em que todos poderemos patinhar á vontade. Por emquanto, ha hostilidades aos realistas por que ha ainda algum espolio a repartir entre os cafres; mas assim que a sanguesuga estiver repleta, verás que ella despega de per si e fica bebeda de sangue a impar de farta e a babar-se. Ora, como tu, Guilherme não tens arteria de oiro

por onde te sangrem, podes caminhar impavidamente para o futuro.

— E, se o perseguirem — reforçou o lavrador — torne para Mouçoz. Aqui está a sua cama, ali está a sua mêza, aqui estou eu, aqui está o padre. E acabou-se de palavriado por hoje. Vão dormir que estão cançados, que eu vou fazer o mesmo. Com bem passem a noute, e até logo se Deus Nosso Senhor quizer.

*

— Meu amigo — disse o padre ao Guilherme, jovialmente — não ha remedio. La vaes ao teu quarto anno... Bem sei que te custa. Cuidavas que esta vida calaceira de Mouçoz havia de durar sempre?.. Isso era bom, mas acabou-se. Vaes agora amargar os doces ocios virgilianos que mandreaste aqui debaixo dos castanheiros, meu Titero! *Deus nobis hæc otia fecit.* Qual Deus? Deus não faz ocios, faz trabalhos; quer

que trabalhemos, seu vadio! Salte-me para Coimbra, grande cabula, e venha de lá bem repleto de Pêgas e de Lobão.

Guilherme não parecia achar-lhe graça, e o outro extrahia do seu taciturno embezerramento motivos para nova rhetorica de apostrophes galhofeiras, quando o primo o interrompeu com uma pergunta grave e irreflectida:

— Vocês estarão fartos de mim?

— Essa pergunta é insensata — respondeu o outro egualmente serio — e, por honra tua, deves justifical-a, ou quando menos, honestal-a.

— Perdão. Nem tudo se explica satisfatoriamente. Estou teu hospede ha dois annos e meio. Nunca se pensou aqui na minha ida para Coimbra com recursos emprestados por teu pai...

— Pensei eu n'isso algumas vezes, e não t'o propuz para te não melindrar.

— E agora não receaste melindrar-me?

— O verbo está mal empregado na segunda pessoa. Eu não podia magoar os teus melindres,

sendo tão estranho á proposta que a surpreza foi a mesma para ambos nós. Quanto a meu pai, esse, coitado, nem por sombras lhe passou na sua ingenua alma a ideia de te offender os brios, contribuindo para uma obra que elle imagina ser-te util.

— Então, o alvitre foi espontaneo de teu pai?

— Ja te disse que me não consultou — respondeu evasivamente o padre, por que não queria mentir, nem revelar que a iniciativa era de Cacilda, como elle tinha rasão de suppor pela conversa que tiveram de manhan.

Passados minutos de silencio, padre João ressonava o seu regalado somno de caçador, em quanto Guilherme Rebello velava, não excitado pela esperança jucunda de formar-se, mas pela penosa intervenção que dera a Cacilda na sua pertinaz espertina. «Qual seria a magua da prima quando soubesse que elle ia para Coimbra!» Mortificava-o esta vaidade pungentemente generosa. Depois, corrigiu-a com outro sentimento

menos immodesto : « E que saudade não seria a d'elle? » Fazia então uma analyse retrospectiva das variantes do seu espirito influenciado pelas diversas impressoens que a prima lhe fizera, no lapso de dous annos e meio. Primeiro, indifferença ; depois uma estima quasi affectuosa ; seguira-se admiral-a pela sua bondade e virtude ; veio depois a gratidão a umas lagrimas de dó que lhe vira chorar ; mais tarde, scismando com aquellas lagrimas, aclarou-se-lhe o intendimento pela intuição de que era amado mysteriosamente por aquella creança, — creança não pela idade, mas pela innocencia.

Quando elle entrava na analyse da ultima phase do seu espirito, soava o toque das Ave-Marias, repontava a manhan, e batiam dois ligeiros toques de dedos na porta do quarto.

— Quem é ? — perguntou Guilherme.

O padre sentara-se estrouvinhado na cama, e a irman disia-lhe pelo orificio da fechadura que o snr. reitor lhe mandava pedir que levasse o Se-

nhor á tia Angelica da Venda que estava na agonia, e elle não podia ir por ter de levar o viatico a outro infermo de longe.

— Lá vou — respondeu o padre — e perguntou a Guilherme porque não adoptava o officio do sacerdocio que era bonito e descansado. E dava-lhe o exemplo: « Está um padre no seu primeiro somno, com os membros moidos e o cerebro estontecido; mas a essa hora, a tia Angelica da Venda quer preparar-se com a extrema uncção, para encostar a cabeça no travesseiro de terra e velhos ossos em que vai dormir o somno eterno. Aqui me levanto eu atordoado e ahi vou palmilhar meia-legua, a passo rapido, para que a justiça divina não apanhe aquella alma desapercebida, por causa da minha demora. Faze-te padre, Guilherme, que esta vida, como tu dizes, tem sublimidades arrebatadoras.

— E tem. Esse acto que vaes praticar, dado

mesmo que tivesse um lado fabuloso, ainda, mythologicamente, seria sublime.

— Pois, sim, vê se adormeces a pensar n'isso.

O padre era bom; tinha a maxima confiança no dogma da transubstanciação; acreditaria, talvez, que a Angela da Venda sem os extremos sacramentos cahiria perpendicularmente no inferno; mas a cabeça de clerigo melhor encerebrada de theologia, estontecida pelo somno, não seria capaz de discorrer mais orthodoxa.

Elle era assim azêdo somente em crises de somnolencia. Quando o estremunhavam no primeiro somno, tinha desorientaçoens calvinistas, seria capaz de duvidar da infallibilidade do Sancto Padre; logo, porém, que lavasse a cara, a sua alma, um pouco vadia pelo destricto dos nervos anarchicos, era reconduzida pela Fé á sua glandula domiciliaria no 3.º ventriculo, á posse normal e sádia da sua methaphysica. Padre João tinha a virtude olympica dos San-

ctos como Antão e Jeronimo. Suffocava as rebellioens da sua rasão, punha o calcanhar no colo da serpente do eden, e lá ia, serra escarpada acima, a pingar de somno, levar o sagrado viatico á Angelina da Venda. Isto é que são luctas heroicas. A Fé incondicional, nas almas nunca insurreccionadas, não é virtude: é uma emotividade passiva, um atavismo de temperamento, com habitos inconscientes como o instincto dos irracionaes.

Guilherme ficou a scismar nas ironias do padre e adormeceu, acalentado pelo chilrear das andorinhas que papeavam na cornija da casa.

A ramada suspensa em esteios de pedra formava o enfolhado docél do tanque. Pendiam ja dourados os enormes cachos de ferral. Alguma folha escarlate, outra amarellecida pelo queimar do sol, realçavam, variegando as cores, a abobada afestoada. Nos rebordos da bica rustica por onde a agua derivava, grogrolejando nas algas, verdejavam vegetaçoens filamentosas pen-

dentes como meadas de esmeraldas, e meniaturas de relvêdos, onde os insectos se pousavam n'um ruflar deleitoso de azas, no regalo da frescura, oscillando as antennas. Duas gallinhas com as suas ninhadas esgaravatavam na leiva humida, a cacarejarem a cada granulo ou insecto que bicavam, e deixavam cahir e retomavam de novo, com umas negaças, para ensinar os pintainhos que se disputavam a posse do cibato em corrimaças impetuosas azoratadas. De vez em quando, á tona d'agua, rente com o combro de cantaria afofado de musgos verdes, emergia a cabeça glauca de uma ran que pinchava para a alfombra, coaxava o seu dialogo interrompido com outra ran do beiral fronteiro, e ambas a um tempo, mergulhavam de pincho, quando Cacilda batia a roupa na pedra esconsa do lavadouro. Estava o sol a pino; mas pela densidade folhuda do parreiral apenas coavam umas lucilaçoens a laminarem tremulamente a agua ondulosa e escumada de sabão.

Guilherme, da janella do seu quarto, via a prima, ora ensaboando, ora estendendo sobre o hervaçal tozado a roupa a córar. D'antes, quando era um simples amigo da sua parenta ia para juncto d'ella com a naturalidade de um irmão; agora que outro sentimento mais energico o impulsionava para Cacilda, embaraçava-o um acanhamento de que elle mesmo se sentia envergonhado.

Tinha passado o dia seguinte á noite da proposta do velho sem estar a sós com ella: evitavam-se um ao outro reciprocamente. Ella sentia-se feliz e sanctamente vaidosa por ter movido o pae áquella deliberação; mas não lhe parecia bom de engulir o trago da saudade. E, como receasse dar a conhecer a sua dor ao primo quando fallassem da ida para Coimbra, fugia de encontral-o.

Pois não devia ser elle o primeiro a contar a Cacilda o beneficio que seu pai lhe fasia? Teria pejo da sua dependencia? Que tinha sido

elle até então, n'aquella casa, senão um hospede necessitado? Que mais importava receber ali o beneficio ou recebêl-o em Coimbra?

Estas perguntas era elle quem as fazia ao seu raciocinio; mas quem lhe respondia era o coração: «Bem sei. Tu amas tanto a Cacilda que ja te sentes mais cuidadoso d'ella que do teu futuro, mais dorído pela saudade que levas do que alegre pela habilitação que vaes buscar a Coimbra. Se tivesses uma mediania que te permitisse esposal-a e ficar aqui toda a vida em Mouçoz, á lareira de inverno, e á sombra dos castanhaes de verão, que farias? ficavas?— Ficava, respondeu a Poesia que devêra chamar-se o anjo da boa fé — Ficava, dizia elle comsigo, — nunca mais sahiria desta aldeia, por aqui me ficaria a colher modestas violetas nascidas no chão raso sobre a sepultura de esperanças ambiciosas de nome, de gloria e fortuna. Chegaria a esquecer-me de tudo o que tumultua para alem das montanhas que vejo. Não gasta-

riam a minha alma os attritos das decepçoens, das contrariedades; conservar-me-ia novo na velhice; os derradeiros annos seriam monotonos, socegados e serenos como os primeiros. Quando a morte viesse, encontrar-me-ia, talvez, com as illusoens da infancia, com a crença de que o meu destino ia continuar-se em outros mundos para os quaes ja senti uma aspiração que ja não sinto... »

As almas de 1837 tinham d'estes soliloquios.

Andando e meditando taes devaneios introespectivos, chegou á beira do tanque em que a prima ensaboava, com grandes intervalos de descanço, pendidos os braços sobre o lavadoiro, e os olhos absortos n'uma folha de vide que se baloiçava na agua ondulada. Ella estremeceu, surprendida, por que não o vira aproximar-se.

— Não a cança esse trabalho, prima Cacilda? — perguntou Guilherme, sentando-se no beiral

do tanque — E' a primeira vez que a vejo a lavar a roupa...

— Que remedio? as duas moças andam na eira a assolhar o milho, e neste tempo de sáfara não ha jornaleiras. Havia um montão de roupa, e era mister lavar-se. D'aqui a pouco o primo vae para Coimbra, e tem de levar toda a sua roupa branca .. Ja era eu quem arranjava a mala ao meu padre João quando elle ia para Braga. Estou affeita a tratar estudantes .. — e sorria, dando sabão á peça de linho que espremia entre ambas as mãos cobertas de espuma.

— Parece-lhe que vou contente para Coimbra, prima Cacilda?

— Não irá, não; não ha ninguem contente com a sua sorte; mas devia ir contente, primo... Eu fiquei bem alegre quando o mano padre me disse o que se passou com meu pai.

— Alegre? não lhe deixo saudades?

— Deixa muitas, Deus sabe que deixa; mas a gente deve olhar ao que é de rasão. O primo

não nasceu para esta vida. A aldeia so serve para quem nunca viu mundo. Depois que fôr doutor, vem ca ver-nos de vez em quando, pois não vem?

— Não mereço essa pergunta. Se eu sou como filho d'esta caza, e não tenho outra familia, para onde heide eu vir a não ser para aqui? Ja nas ferias do natal ca me tem para a conçoada; depois torno nas ferias de paschoa, e as ferias grandes, trez mezes, cá os venho passar. Ja vê, prima — disse elle, a sorrir — que, por mais que façam, não se podem ver livres do seu eterno hospede.

Ella ouvia-o com uma alegria expansiva, infantil que lhe espelhava nos olhos o alvoroço da alma. Fixava-o com um aspecto de ternura agradecida. Quizera abraçal-o como fazia a seu mano João; mas nem se quer atinava com duas palavras que mostrassem ao primo o bem que lhe fazia a promessa de vir no natal consoar a casa da sua unica familia. Esta promessa era um balsamo para a saudade que ja de longe se lhe figurava insuportavel.

— Trez mezes... — murmurou ella, como palavras soltas de um monologo.

— Trez mezes, disse a prima? — Perguntou Guilherme, não atinando logo com a rasão da conta.

— Sim... d'aqui a trez mezes .. torno a vêl-o. Outubro, novembro, dezembro. Depois, volta em abril... a paschoa é em abril...

As reticencias destes dizeres é que estavam revelando a Guilherme tudo quanto ella desejava que elle soubesse. Quantas phrases teria de encadear uma menina da alta vida para se fazer entender em semelhante conjunctura? E quantos scepticos encontraria ella que a não cressem como Guilherme acreditou Cacilda, cuja eloquencia do coração se limitou a uma especie de calendario das festas do anno?

Pouco mais disseram, por que tinham dito tudo.

(Segue.)

NOTAS CONSPICUAS

A PROPOSITO de um painel da capella da Relação, attribuido a Glama, a quase delida memoria deste insigne pintor tem sido ultimamente relembrada encomiasticamente na imprensa periodica do Porto. Quem escreveu que as pinturas de Glama devem ser mais do que se presume, nos templos desta cidade, tem a seu favor a opinião indeclinavel de

Murphy que conheceu em pessoa o tão benemerito quanto desprotegido artista. Escreve o celebre antiquario inglez: *Conheci n'esta cidade* (Porto) *um pintor chamado Glama que daria credito a qualquer eschola da Europa, se alguem o incitasse a exteriorisar as latentes faculdades que encerrava em si. Tinha nascido em Portugal e estudára muitos annos em Italia, onde adquiriu correcção de desenho e pureza de colorido, indicativos de talento não vulgar. Asseverou-me, porém, que difficilmente podia libertar-se da miseria, apesar de pintar quanto se lhe apresentava desde a taboleta até ao apostolo.*

Para nos dar uma idea do amor á pintura no Porto d'aquelle anno (1789), Murphy accrescenta: *Uma senhora que muitos annos, residiu no Porto, conta a seguinte anecdota de um negociante d'esta cidade que, tencionando ornamentar o seu domicilio com pinturas, dirigiu-se a Glama que possuia n'essa occasião quadros antigos para vender por moderado preço; mas o negociante que era me-*

lhor juiz em vinho de que em pinturas, ficou pasmado quando elle lhe pediu 20 moedas por um Corregio, e respondeu: «que pouco antes tinha comprado pela mesma quantia dois quadros novos e maiores.»

Este negociante parecia nosso contemporaneo.

*

Outro viajante, Emile Begin, auctor de uma *Voyage pittoresque*, faz uma referencia ao malogrado pintor nesta mixordia genuinamente franceza: *Que homem de genio n'este paiz* (Portugal) *se resolverá a seguir uma carreira de abnegação, para ser calumniado, perseguido, como o infante D. Henrique, para acabar miseravel como o almirante Pacheco, como Camoens, ou para vegetar esquecido como o pintor Glama, redusido a faser taboletas de tavernas, como o esculptor Machado de Castro, e como o fundidor Costa, auctores de uma estatua equestre de Joseph I, digna de rivalisar com as mais bellas obras do ultimo seculo?*

O infante D. Henrique, *calumniado e perse-*

guido, está bem historiado n'uma *Viagem pittoresca* d'um francez em Portugal. A patente de *almirante* dada a Duarte Pacheco, tambem é dadiva de mr. Begin. A perseguição feita a Camoens essa é uma tolice nacional; quanto a Machado de Castro e o fundidor esses morreram pouco endinheirados, mas não calumniados nem perseguidos.

*

A nota que segue devia entrar na historia da *Hygiene* portugueza, do meu amigo Ricardo Jorge. E' o citado Murphy que no'l-a relata ao desembarcar no Porto em Janeiro de 1789:

Depois da visita da alfandega, ficamos esperando a do medico, que por se achar adoentado mandou um substituto. Este filho bastardo de Esculapio ordenou que todas as pessoas de bordo subissem ao convez, e elle poz-se a examinal-as da praia fronteira, a distancia de umas duzentas jardas. Eu não

pude tambem deixar de o examinar d'alto a baixo, por que nunca meus olhos lobrigaram um tão exquisito figurão da classe medica! A julgar dos seus talentos pelo trajar (criterio hodierno do merecimento) pouco havia que esperar. Parecia menospresar os usuaes atavios da faculdade — o chapeo das grandes abas e o rabicho a pender da nuca etc. Vestia um gorro vermelho, jaqueta azul, esburacada nos cotovellos. Observou-nos alguns minutos, e proferiu as palavras seguintes: «Certifico que todos se acham de perfeita saude.» (*)

William Beckford (1787) tambem nos dá noticia da figura e illustração do medico do marquez de Penalva em Lisboa, e não é mais encomiastico com o padre Duarte da extincta companhia de Jesus. Os Penalvas tinham visitado o opulento inglez, e *traziam em sua companhia* (escreve Beckford) *um celebre jesuita padre Duarte*

(*) *Murphy's Travels in Portugal.*

que o marquez de Pombal julgou tão importante que por desoito annos esteve encarcerado, e vinha tambem um medico alto, de joelhos desengonçados e faceira rubicunda, vestido de uma andaina magnifica de setim lustroso, um dos mais desastrados e presumidos professores da arte de matar que eu tenho topado.

Entre o jesuita e o doutor não fiz pequeno esforço para manter-me commedido e serio; palraram incessantemente com pretençoens de mui implicita admiração por tudo quanto vinha de Inglaterra, quer em materia de moveis, quer de bellas-artes, e confundindo nomes, datas e individuos n'uma indigesta mixordia, perguntaram se não era Sir Peter Lely o actual presidente da nossa Academia real; e espraiaram-se em vivos encomios ao meu compatricio Hans Holbeim. Pedi licença para certificar a estes complacentes sabios que o ultimo dos mencionados artistas nascera em Basilea, e que Sir Peter Lely tinha morrido havia um seculo. Assombraram-se algum tanto com esta observação; apezar disso con-

tinuaram na cantilena á solta, disparando uma bateria de cumprimentos empolados á cerca do nosso progresso nacional em pintura, relojoaria, fabrico de meias, etc., a tempo que entrou o general Forbes, e operou uma diversão a meu favor...

O medico ignorava que Holbeim fosse suisso e que Sir Peter Lely, morto um seculo antes, não presidisse á academia real; mas sabia dançar a preceito, como se deprehende das ultimas linhas que o auctor do *Vatheh* lhe consagra:

.. O doutor alardeou a sua lugubre e esguia pessoa n'um arrebatado minuete anguloso que não tenho expressoens para descrevél-o.

Que diria Beckford se visse o medico a dançar a *fôfa*, o cancan nacional, cuja impudicicia alguns extrangeiros não ousaram descrever, respeitando a decencia devida aos leitores! O medico actual, se entra constrangido n'uma quadrilha, mantém a gravidade austera e esculptural da *Estatua do commendador* de Molière.

*

Os viajantes inglezes não nos desfiguram muito; mas tenho observado que os escriptores francezes inaltecidos por voto unanime da Europa ao coronal das lettras, se navegam ca para os nossos sitios, batem sempre em restinga que lhes parte o timão do bom senso. Por exemplo: Chateaubriand. Este homem que teve a alma de um seculo suspensa da sua penna, e levantou o espiritualismo christão sobre as ruinas da Encyclopedia, agradecendo ao padre Francisco Manoel do Nascimento a honra de lhe traduzir o seu poema dos *Martyres*, conclue a carta deste feitio: *Estou desde ja convencido que Eudoro e Cymodocea* (personagens do poema) *hão de parecer muito mais nobres e commoventes trajando os vestuarios de Gama e de Ignez*. Se Filinto Elisio quizesse fumigal-o com o mesmo cardamomo, devia replicar: «Não, mr. Chateaubriand! O Eudoro e a Cymodocea são mais nobres e commoventes trajando os vestuarios de Turenne e

Pompadour.» Seriam dois tolos á compíta; porém, como o nosso padre não redarguiu, ficou só um sem competidor.

Mas os trajos de Gama não eram, decerto, as grevas, os cuxotes, a cota, o broquel, o pellote e o elmo. Chateaubriand provavelmente não imaginou que Filinto vestisse assim o martyr Eudoro, nem envergasse n'um vestido golpeado, rufado, de cauda roçagante a martyr Cymodocea. As galas do descobridor da India e da *Colo de Garça* eram, ao que parece, os jambos heroicos do traductor, denticulados, triturantes e duros como as queixadas d'um troglodyta. Chateaubriand fez os *Martyres do Christianismo*; Francisco Manoel fez o martyrio dos leitores.

Outra inepcia mais grauda do auctor do *Genio do Christianismo*. Fallando dos *Lusiadas*, diz que *Luis de Camoens escrevêra n'um seculo barbaro*. «Seculo barbaro» o seculo de Sá de Miranda, de Antonio Ferreira, o implantador da tragedia antiga na Europa, dos Gouveas, profes-

sores em França, de Caminha, de Corte Real, de Jeronimo Ozorio, de Bernardin Ribeiro que escreveu a *Menina e Moça*, o prototypo do romance pastoril; de João de Barros o primeiro revelador da Asia e o chronista mais perfeito do seu tempo, sem rival no estrangeiro; de Quevedo, de Bernardes, de Camoens, emfim, o propulsor «da primeira tentativa feliz que se fez na Europa moderna para construir uma epopea moldada pelas antigas» *(Henri Hallam)*. «Seculo barbaro» o de D. Manoel e o da reforma universitaria de D. João III; seculo barbaro, em que Luiz de Camoens, no diser de Sismondi, «escreveu o seu poema no momento em que a gloria da sua patria tinha tocado o zenith — quando a face inteira do universo tinha sido mudada pelos portuguezes, e que as maiores proezas tinham sido operadas pela menor das naçoens!» *(De la litterature du Midi de l'Europe)*. «Seculo barbaro», segundo Chateaubriand, aquelle em que das alvoradas da escola nautica de Sa-

gres se fez pleno dia em 4500 leguas de costa maritima!

O visconde de Chateaubriand, a respeito de Portugal, conhecia apenas o seculo barbaro de Camoens, e mais o vestuario de Gama e de Ignez.

Quereria elle apodar Portugal de paiz barbarêsco em tempo de Camoens? Mas, se é isso, que diremos da França civilisada, contemporanea do nosso poeta?

Já o cantor do Gama levava dez annos dormidos do somno eterno, quando em Paris, (1590) ainda havia antropophagos como os cannibaes da Polynesia. Pierre de l'Estoile conta-nos o cannibalismo dos seus patricios durante o cêrco de Paris por Henri IV. Refere que uma dama abastada, a quem morreram dous filhos, mandou salgar-lhes os cadaveres, e comeu-os. Por essa occasião, nas ruas de Paris, os *lansquenets* fasiam caçada aos homens, e iam comêl'os assados no hotel Saint Dinis e no hotel Palaiseau.

Decorridos annos, como a civilisação franceza progredira, a canalha desenterrou o cadaver do marechal d'Ancre, no dia seguinte ao da sua morte violenta, arrancaram-lhe o coração, e comeram-o com molho de vinagre. Isto é relatado pelo insuspeito Legrain, nas *Decadas de Luiz* XIII, e o moderno professor Letourneau repete esses factos que não impugna, e acrescenta: *On le voit, nous aurions tort de trop nous enorgueillir de notre civilisation actuel.* (*) Em Portugal, n'esse tempo, os dominicanos tambem assavam homens e mulheres; mas não os comiam, limitavam-se a comer-lhes os bens, se os tinham; e, se os não tinham, fasiam-lhes a caridade de os queimar mais depressa.

Em França, as senhoras, *dames de haut parage*, que não eram antropophagas, não tinham menor apêgo á carne homana viva. Esses cos-

(*) *Sociologie*, pag. 203 e 204 ediç. de 1880,

tumes carnivoros deprehendem-se d'uma carta de Jeanne d'Albret, enviada de Blois a seu filho, principe de Béarn, quando se pactuava o casamento do principe com Margarida de Valois. Diz assim: *Madame Margaride est belle et bien avisée, et de bonne grâce, mais nourrie en la plus maudite et corrompue compagnie. Ce ne sont pas les hommes, ici, qui prient les femmes, ce sont les femmes qui prient les hommes. Si vous y etiez, vous n'en échapperiez jamais sans une grande grâce de Dieu.* (*) D'isto é que nuuca houve em Portugal.

(*) *Bulletin de la Société de l'Histoire de France*, t. II.

NOTAS ARCHEOLOGICAS

Memoria historica, genealogica e biographica da excellentissima casa de Abrantes. Porto, 1883. — Annotaçoens á Memoria historica, genealogica e biographica da excellentissima casa de Abrantes. Porto, 1885.

AUCTOR das duas obras, cujo frontispicio fica transcripto, é o snr. José Augusto Carneiro, residente no Porto. É, ao que parece, um dos raros cultores dos abandonados vergeis em que os nossos avós aspiravam fragrancias incomparaveis de flores transplantadas dos epitaphios, das chronicas e dos pergaminhos para os

in-folios das costaneiras heraldicas. E', por isso mesmo, um dos raros frequentadores de um ramo de sciencia que, se tem espinhos, tambem se desentranha em fructos de um sabor exquisitamente picante. Só esses poucos, de quem os muitos se riem com toda a franqueza alegre da sua ignorancia na materia sujeita, experimentam uma incomparavel alegria quando, no encalço de cinco ou dez ou vinte geraçoens, vão encontrar o sangue de um judeu, de uma formosa moura, de um calvinista foragido a infiltrar-se transfusivamente nas arterias de uma familia que se pavonea de puritana. Boa pirraça, pois não é?

Verdade seja que o snr. José Augusto Carneiro, se, como linhagista, já andou a esgaravatar, na poeira dos cartapacios, essas maculas das raças finas, não o manifestou nos dois livros que tenho á vista, nem talvez conseguisse descobrir enxertia de má casta no tronco venerando de Abrantes, um dos primaciaes do reino.

Acingindo-se a documentos impressos e talvez a codices de indisputavel auctoridade archivados no tombo da illustre familia, o prestante genealogista encadeou a estirpe d'aquella preeminente raça desde Payo Rodrigues de Sá, coevo d'el-rei D. Diniz, até o snr. D. João Maria da Piedade, Pedro, Paulo, Bento Francisco d'Assis, e Xavier, Ignacio de Loyolla, Luiz Gonzaga, Antonio Bras, Paulo Eremita, Verissimo dos Sanctos Innocentes. Ás pessoas menos versadas em onomastica heraldica, devo observar que todos aquelles nomes pertencem baptismalmente a uma so pessoa.

Seu tio-avô D. Pedro tinha muitos mais nomes, e d'ambos os sexos: chamava-se tambem *Julia* e *Thereza*. Mas em outros districtos da fidalguia conhecemos nós grandes homens bi-sexuaes quanto ao nome; por exemplo os que tem *Marias* acolchetadas em si e que hãode ir com ellas á posteridade — taes são o snr. Antonio *Maria* de Fontes, o snr. José *Maria* Latino Coe-

lho, etc. Que importa chamar-se *Julia*, *Thereza* ou *Maria?* Qualquer das nomenclaturas adoptadas é um galanteio ao bello sexo, uma fineza, que as senhoras agradecem e retribuem chamando-se hermaphroditamente Marias *Josés*, e por isso se encazacam, encartolam e engravatisam varonilmente.

Como quer que seja, o actual fidalgo que possue aquelles nomes, se transigisse com as formulas do governo representativo que regem a familia portuguesa, seria tambem o 7.º marquez d'Abrantes, o 9.º marquez de Fontes, o 10.º conde de Figueiró, o 12.º conde de Villa Nova de Portimão e o 15.º conde de Sortelha. Pois o nobre representante de cinco casas titulares de primeira linha, assigna-se hoje singelamente *D. João de Lencastre e Tavora*, — que assim o insinuara o seu illustre pai em vida.

Os livros do snr. José Augusto Carneiro vieram recordar-me saudosamente o immediato antecessor e pai do fidalgo a quem dedica as suas

Memorias. Conheci o snr. D. José Maria da Piedade, em 1849. N'aquelle anno, por occasião da Semana sancta, collaboramos em um hebdomadario creado por escriptores legitimistas—*A Semana*. O snr. D. José Abrantes escreveu duas optimas poesias, distinctas entre as melhores que então se fasiam, d'uma profunda sentimentalidade christan e correcção esmeradissima. N'esta familia era hereditaria uma acrisolada devoção piedosa. O 3.º marquez de Abrantes, avô do snr. D. José da Piedade, tinha a devoção de acompanhar a toda hora o Santissimo Sacramento, com opa, tangendo a campainha, e fasia isto na flor dos annos. William Beckford, o auctor de *The history of the caliph Vathek* («roman fantastique et piussant» lhe chama Taine) em uma carta de 14 de julho de 1787 recorda, com estranheza de protestante, essa notavel prova de humildade christan. Eis as palavras do douto Nababo inglez: «De caminho para nossa casa encontramos o Viatico, acompanhado de vividas luzes,

levado em procissão a fazer a algum enfermo a visita da despedida; o esperançoso fidalgo, moço conde de Villa Nova (depois marquez d'Abrantes), precedia a umbella, de capa encarnada, e tangendo uma campainha de prata. Nunca falha a estes acompanhamentos, e passa a flor da mocidade n'este singular beaterio; ainda não houve amante mais cioso da sua namorada de que este ingenuo mancebo o é da sua campainha; não lhe soffre o animo que as vibraçoens d'esta sejam obra d'outra pessoa; os mezarios parochiaes do extenso e populoso bairro onde está situado o seu palacio consentem n'este capricho por attenção ao seu nascimento e opulencia, e decerto não podiam escolher mais assiduo porta-campainha. A toda a hora e faça o tempo que fizer, está prompto a desempenhar este bento ministerio; e nas trevas da alta noute, no mais intenso calor do dia, ou subindo ou descendo, quer a uma espelunca, quer a um sotão, la vai onde se requer um auxilio espiritual

d'esta natureza. Por vezes se tem observado que taes cousas não se hão de levar á conta de manias; cada pessoa tem a sua tineta que segue como pode e que prefere a tudo. As delicias do velho marquez de Marialva consistem em jantar entre os seus dois aparadores de prata; as do marquez seu filho em esperar muito tempo pela rainha, e as do Conde de Villa Nova em annunciar com a sua campainha a todos os fieis crentes a aproximação da celeste magestade.» (*)

*

Foi o snr. D. Jose da Piedade quem por occasião dos Officios da semana Sancta, celebrados

(*) As 21 deliciosas *Cartas* de Beckford, traduzidas por Meira e Rebello da Silva, encontram-se reunidas na notavel e preciosa obra do snr. M. Bernardes Branco *Portugal e os Estrangeiros*, editada pelo snr. A. Maria Pereira.

na capella do snr. conde de Redondo, me apresentou á senhora infanta D. Anna de Jesus. Beijei a mão da senhora duqueza de Loulé que ainda era então uma dama esvelta, de agilidade primaveril, um grande ar um tanto irrequieto, mas consentaneo com a sua gerarchia; timbre de voz de sonoridade argentina, precipitando as palavras com uma graça hespanhola que a tornava encantadoramente distincta entre as dezenas de fidalgas que murmuravam ciciosamente os threnos dos seus ripansos com o recolhimento mystico que a tragica funcção pedia. A senhora infanta não parava quieta cinco minutos. Dirigia-se a varias senhoras que faziam mesura ao responder-lhe, e deteve-se largo espaço a dialogar vivamente com o doutor Bruschy, com o doutor Gomes d'Abreu, e com D. Jose da Piedade a quem chamava *Abrantes*. Tambem estava na capella a senhora com quem elle se desposou em outubro d'esse mesmo anno. Era extremamente magro, pallido, e triste no sem-

blante como nas poesias que podem ler-se dispersas em varios periodicos litterarios. As necrologias que lhe celebraram a honrada memoria foram omissas na commemoração do talento do douto fidalgo para quem o estudo seria a mais grata, senão unica, das suas diversoens, quando a nostalgia da esplendida vida de seus avós o defrontasse com o voluntario ostracismo em que se obscurecia, restringido aos contentamentos da vida domestica. Mas era adoravel na sua melancolica hombridade e no seu desprendimento da ostentação de cinco titulos regeitados. Por isso, o livro do snr. Carneiro me veio trazer rebates de saudade do mavioso poeta que nunca mais tornei a ver.

*

Nas *Memorias da .. casa de Abrantes* encontro uns lapsos que devem ser provavelmente erros de imprensa. A pag. 18 diz o genealogista

que o 3.º marquez de Abrantes, D. Pedro de Lencastre, (o da campainha) nascêra em 1775. Se assim fosse, quando tangia a campainha, teria doze annos; e, se tivesse tão verde idade, Breckford não diria *que elle passava a flor da mocidade n'esse singular beaterio.* Seria, apenas, uma rapasice; mas não; elle nasceu bons dez annos antes da data que o snr. Carneiro lhe assigna. Mais abaixo nos diz que lhe nasceu um filho em 1784. Se assim foi, o devoto da campainha foi nubil e pai aos nove annos. Não pode ser, dado mesmo que a mystica podesse alterar as leis physiologicas; e tambem não se admitte que esse filho *lhe succedesse,* como o snr. Carneiro expoz; por quanto, morrendo o pai em 1828 e o filho em 1827, quem succedeu foi o pai ao filho e não o filho ao pai. O snr. Carneiro deve restaurar aquelles algarismos em ulteriores ediçoens das suas *Memorias.*

Outra emenda. Nas *Annotações,* pag. 70, quando expende a linhagem da casa d'Assêca, diz que a

varonia d'esta casa é *Corrêas de Farelaens*. Logo veremos que essa varonia é controvertivel. Depois, diz que *Gonçalo Correia de Sá era filho de Ruy Vaz Corrêa, neto de Duarte Vaz Correia e bisneto de Tristão Vaz Correia, que foi terceiro avô do referido Salvador Correia de Sá . . . e de sua mulher . . . de quem foi filho Salvador Correia de Sá e Benevides*. Por esta redacção, intende-se que um Salvador Correia foi pai d'outro Salvador Correia. Não é exacto. Foi um descuido do snr. Carneiro ao trasladar as *Memorias historicas e genealogicas* de D. Antonio Caetano de Sousa. Nas duas linhas que involuntariamente elidiu diz o padre Sousa que do primeiro Salvador Correia foi filho *Martim Correia de Sá*, e este é que foi o pai do famoso Salvador Correia de Sá e *Benevides*, por sua mãe a hespanhola D. Maria de Mendoça e Benevides. Noto que o seu principal mentor é D. Antonio Caetano de Sousa. Não ha muito que fiar n'este linhagista que fez muitos volumes, onde armazenou fazendas

avariadas de varias procedencias, com pouquissimo criterio e diminuto geito para taes averiguaçoens. Todavia, não duvido da procedencia dos *Correias de Farelaens*, posto que Montarroyo, o mais luminoso dos genealogicos, a tal respeito escreva o seguinte: CORREAS SÁS — *Gonçalo Correa viveu na sua quinta de Penaboa* (1) *junto a Famelicão. Dizem seus descendentes que era filho de Ruy Vaz Correia, dos de Farelães; mas é certo que elle era filho de Gonçalo Annes da Costa, e que teve um irmão chamado Braz da Costa. Casou com Filippa de Sá, filha de Martim de Sá e de uma N. que era filha de Diogo Ramires. Tambem dizem os seus descendentes que Martim de Sá era irmão de Gonçalo Mendes de Sá, filho de Mem de Sá, governador do Brasil.*

---

(1) Na freguezia de Outiz, termo antigo de Barcellos.

Se isto fosse verdade, a arvore dos viscondes da Assêca ameaçava seccar-se pela raiz; mas, repito, não duvido da genuina prosapia dos *Correias* e dos *Sás*, quando leio que o governador do Brasil Mem de Sá declarara em seu testamento que Salvador Correia era seu parente. Com effeito era. O mais velho era neto, por bastardia, de D. Filippa de Sá, e o mais novo era bisneto: por consequencia, sobrinho. (2)

(2) Mem de Sá, desembargador dos aggravos e governador do Brasil, era filho do padre Gonçalo Mendes de Sá, conego na sé de Coimbra, e de mãe desconhecida. Por seu pai, era terceiro neto de João Rodrigues de Sá, *o das Galés*. Era irmão do celebre poeta Francisco de Sá de Miranda, e filho da mesma mãe, a qual ainda fructificou do mesmo pae Gonçalo outro conego chamado Henrique de Sá, um Gaspar que morreu na India, um Fernão que foi mampusteiro dos captivos, e o prior de Nogueira Manoel de Sá. Consultem-se as genealogias manuscriptas dos *Sás de Coimbra*.

*

A pag. 27 das *Memorias*, quando tracta do condado de Villa Nova de Portimão, incluso na casa de Abrantes, diz que D. Gregorio Thaumaturgo Castello Branco, 3.º conde, casara trez vezes: primeiro com sua sobrinha D. Branca de Vilhena; depois com D. Guiomar de Castro, e por ultimo com D. Marianna de Lencastre. Este D. Gregorio Thaumaturgo foi um Othello triplicado, por que matou a primeira mulher no incerro de um convento austero, quando soube que a sobrinha o tratava como tio a elle e como maridos aos outros. Logo que enviuvou, casou com D. Guiomar. Não foi mais feliz quanto a fidelidade: acabou-a com veneno. Depois, a ultima, D. Marianna de Lencastre, amante de D. João IV, de D. Francisco Manoel de Mello, e d'outros, morreu tambem com peçonha; e o pobre poeta da *Viola de Thalia* e o moralista da

Carta de Guia de Casados esteve por causa d'esses amores preso doze annos. (1)

Mas estas irregularidades nos bons costumes da fidalguia d'estes reinos nada implicam com a casa de Abrantes, nem ha caso algum atavico que nos permitta investigaçoens de hereditariedade.

*

Quanto a Salvador Correia de Sá Benevides, desejara eu que o snr. Carneiro visse um tecto da casa da quinta de Ruivães, que antigamente se chamou *do Roborêdo*, e que hoje pertence á senhora marqueza de Monfalim. Esta casa está situada a dois kilometros da aldeia em que vivo.

---

(1) Hade ser amplamente referida esta historia na *Bohemia do espirito*, livro que está no prelo.

Visitei-a, ha quinze annos, para ver as reliquias de um tronco de carvalho a cuja sombra se sentara chrismando o arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres. Depois, visitei um dos torreoens angulares da casa, e fiquei maravilhado. Era uma especie de capella, ornamentada de obra de talha com primorosos arabescos e lavores doirados. No tecto, repartido em muitos paineis, viam-se pintadas as façanhas de Salvador Correia de Sá, em guerra contra os holandezes antes e depois da restauração de 1640. O genealogico Manoel de Souza da Silva diz que as pinturas foram mandadas fazer por Manoel Correia de Lacerda que succedeu na casa e senhorio de Farelaens e aqui morreu em 13 de novembro de 1695. Manoel de Souza começou a escrever o seu nobiliario em 1680; e pelo modo como encarece os paineis, demonstra que os viu no acto em que eram feitos. Ao cabo de dusentos annos, conservam-se por estarem d'alto, onde não podem chegar os apalpoens dos admi-

radores. O sobrado da salêta estava juncado de aboboras e espigas de milho. Nos columnelos de rôscas doiradas havia pregos em que os caseiros penduravam as crossas e as jaquetas. Perguntei se o marquez de Monfalim alguma vez alli tinha ido. Responderam-me que ha muitos annos ninguem da familia dona da quinta ali fôra. N'esta casa viveu e morreu no reinado de D. João IV Gonçalo Correia de Lacerda; e alguns seus descendentes ahi permaneceram até que estes bens de Ruivães passaram para outros Correias. (*)

(*) Os *Correias de Lacerda* entraram na posse da quinta de Ruivães pelo casamento de Antonio Correia da Cunha, filho illegitimo de Gonçalo Correia da Cunha, senhor da Honra de Farelaens, com D. Joanna de Mesquita, filha de Lourenço de Carvalho, capitão de Minas. A ultima pessoa d'esta familia enterrada na capella da casa foi D. Maria Correia que endoudeceu de afflicção quando a mãe lhe morreu em 1798. Manoel Correia de

*

É natural que o leitor saltasse por cima de algumas paginas para ver como remata o aranzel estafador. O aranzel conclue por duas palavras mais verdadeiras e authenticas que o geral das genealogias. É um sincero agradecimento á fineza com que o snr. Carneiro satisfez o meu desejo de ver os seus trabalhos, que reputo muito bem feitos, e excellente incentivo para que escreva outros, não para vaidades de raças; mas para auxiliares da historia. Nem eu vejo na genealogia outra utilidade.

Fevereiro, 22, de 86.

Lacerda abandonou a casa, e nunca mais, no transcurso de 90 annos, ali voltou algum dos possuidores. Os actuaes senhores de Farelaens tambem o são de Ruivães por uma intrusão iniquissima praticada no seculo passado. Os legitimos descendentes de Farelaens acabaram miseravelmente na India.

VISITA A UM AZILO

DE

CRIMINOSOS ALIENADOS (*)

(CONCLUSÃO)

ABRIU o doutor a grade e entramos no pateo. Seriam quarenta os presos que ahi estavam com muitos guardas em uniforme.

Aqui, não pude duvidar que estava em meio de doudos da mais perigosa especie. Era uma verdadeira Babel.

(*) Veja o n.º anterior.

Logo que entramos, dois robustos guardas vieram collocar-se ao meu lado para me defenderem de algum subito ataque. Muitos avançaram para mim, com ar ameaçador. Alguns apostropharam o medico em termos ultrajantes; mas elle recebia os insultos com a maior serenidade. Outros, fallavam-lhe cortezmente; mas de um modo tão incoherente que não havia duvidar da demencia. Quando nos apartamos d'elles um pouco, disse-me o doutor:

—Temos aqui os exemplares mais importantes, e os maiores patifes da Europa; pelo menos, sêl-o-iam, se não estivessem doudos. Quando o snr. estiver de pachorra, estudaremos esta questão muito controvertida entre a sua profissão e a minha: —se ha uma insania moral.

—E parece-lhe que haja? — perguntei.

—Penso que sim, e persuado-me que o snr. pode agora mesmo ajuisar directamente. Vê este homem de aspecto carregado no fim do pateo? Tem os olhos cravados em nós, e descon-

fio que vem fallar-nos como faz a todas as pessoas estranhas. Se elle vier, responda-lhe.

Eil-o que veio para nós com um ar provocante; mas sem signal de demencia. Perguntou-me se eu era magistrado. Respondi que não.

— Tem relaçoens com o governo?

— Nenhumas.

— Não está aparentado com algum funccionario? Se está, rogo-lhe que me patrocine, porque sou tratado do modo mais infame, e não estou mais doudo que o senhor; mas o medico tem-me aqui agarrado para me explorar.

— O snr. bem sabe, disse-lhe o doutor, que está prezo, e eu nada tenho com isso. A justiça mandou-o para aqui; — bem sabe que eu não posso soltal-o sem que a justiça o mande.

O doudo replicou:

— Mas o snr. sabe que eu sahirei logo que o snr. declarar a verdade de que eu não estou doudo.

— Está enganado; mandal-o-iam d'aqui para

a prisão. Alem d'isso, o snr. ja requereu ao commissario, e o seu requerimento foi indeferido.

— O commissario está feito com o snr.

— Está bem — tornou o medico. — Este snr. que eu não conheço e que é formado em direito pode encarregar-se da sua causa, se quizer.

— O' snr.! isso seria uma obra de caridade, porque não imagina que horrivel coisa é um homem de juiso passar a vida com estes medonhos doudos que aqui estão!

— Conte o seu caso a este snr., e elle que decida — disse o medico.

— Vou contar-lhe tudo, e serei verdadeiro como um evangelho, porque eu não temo contar o que fiz. Eu era um honrado commerciante do norte de Inglaterra. Um dia, um recebedor de impostos chamou-me e disse-me que eu devia 12 shillings. Perguntei-lhe de quê? Respondeu que eu tendo um cão, não o declarára. Isto era verdade. — Deve o imposto — teimou elle. — Pois não o pago; por que ninguem deve ser

tributado por ter um cão. — Seja prudente, tornou elle, pague, por que pode pagar; se não, serei obrigado a cital-o, o que realmente me custa. — Aconselho-lhe que o não faça — respondi eu. — Não terei remedio — disse elle E de feito, passados dias, citou-me, e eu matei-o ás cutiladas.

— O snr. praticou uma acção infame! — disse eu, assombrado com tal exposição — Não ha muito que um homem foi enforcado por ter assassinado um negociante que lhe penhorara os bens, e não vejo grande differença entre o caso d'elle e o seu.

— Oh! esse merecia ser enforcado; mas eu era citado por causa de um cão.

— Tanto faz. O snr. é tão obrigado a pagar o imposto do cão como o da casa.

— Então o seu parecer é esse? bradou elle muito exaltado.

— E'.

— Pois bem... eu fico-o conhecendo; e

quando sahir d'aqui, heide estripal-o como fiz ao recebedor.

Eu fiz votos sinceros para que elle fosse solto o mais tarde possivel.

Quando iamos sahir do pateo, disse o doutor que decerto aquelle espectaculo devia cauzar-me tristeza; e todavia, acrescentou, aqui ha exemplos de gratidão não muito vulgares entre pessoas de juizo. Repare n'esse guarda que ahi está — disse elle apontando-me um homem agigantado — distingue-se pela sua brandura e bondade, a ponto de ser muito estimado pelos doentes. Não obstante, aqui ha tempos, um d'elles, imaginando que o guarda o offendera, afiou um ferro, encravou-o n'um pedaço de páo que servisse de punho; e, ageitada a occasião, atirou-se ao guarda, e fez-lhe um fundo golpe no pescoço. Felizmente não feriu a carotida; mas, ainda assim, o golpe era gravissimo. Foi preciso que elle e mais dous inter-

viessem para que os outros doidos não matassem o seu companheiro.

A' saida do pateo, o doutor fez-me notar as plantas e flores que o circuitavam, n'um estado de perfeita jardinagem. «Logo lhe direi os disvelos que os doentes empregam n'isto» disse elle.

Depois, andamos por outras sallas de homens que estavam juntos ou separados conforme a intensidade da sua demencia; mas em parte alguma os encontrei tão furiosos como os primeiros.

— Agora vamos visitar o azilo das mulheres.

Subimos ao primeiro andar de um largo edificio. A camara estava tão escrupulosamente aceada como a dos homens. Havia ahi uma duzia de mulheres com duas guardas. Ao entrarmos, ouvi vociferar furiosamente; e, reparando na doida que gritava, reconheci a senhora já idosa que, na vespera, acompanhava ao piano a

romança do medico. Assim que me avistou, desprendeu contra mim toda a sua raiva. Apastrophou-me do modo mais violento, e parecia tão furiosa que o proprio medico se espantou, e perguntou o que a exaltara tanto.

— Ella observou — responderam — que este snr. hontem, em quanto ella tocava, esteve conversando, e isso embravece-a sempre. Desde então que está diabolica, e o melhor seria o snr. retirar-se, ou a gente vai ver-se atrapalhada com ella.

Eu preparava-me para lhe dar uma satisfação, quando a catadura da velhota me retrahiu. Não se imagina o furor que flammejava no seu aspecto! Era uma mulheraça robusta, e para inimiga não convinha muito; por isso resolvemos aceitar o conselho da guarda e sahir. Quando desciamos a escada, encontramos uma mulher d'uns trinta annos, boa apparencia, a quem o dr. fallou muito agraciado. Depois que ella passou, contou-me o medico que a velha do

piano estava no azilo havia mais de 25 annos; que, no primeiro tempo, quando o tractamento era menos efficaz que hoje, o seu caracter era tão bravio e tão perigosas as suas propensoens, que se fazia preciso vestir-lhe constantemente o colete de força; mas que, ultimamente, com a brandura se havia conseguido muito. Era ainda perigosa; mas muito menos que d'antes.

— E quem era a mulher de semblante tão afavel que encontramos na escada?

— É mulher de um sargento. Matou uma irman em Kingston n'um accesso de loucura.

Entramos então no terraço das mais perigosas.

— Peço-lhe que note, observou-me o medico, as flores e plantas do terraço dos homens que viu e os cuidados que elles prestam á jardinagem. Olhe agora em redor e verá que não acha uma flor. Por mais esforços que eu empregue para que ellas as cultivem, é tudo inutil, por

que as mulheres, mal uma planta sahe da terra, cortam-na.

—A que se deverá isso? As mulheres em geral gostam de flores.

—É difficil de explicar; provavelmente deve-se ao reviramento das tendencias naturaes produsido habitualmente pela demencia.

Bateu-se então na porta; a guarda foi abrir.

Era o meu amigo X que me tinha apresentado. Vinha visitar um doente pensionista confiado aos cuidados do dr. Perguntou-me se a visita me fôra proveitosa. Respondi-lhe que vira tudo com muito interesse; mas que, respectivamente ao gráo de conhecimentos que adquirira, isso estava ainda por decidir.

—Seja como fôr, disse X, no que já deve ter assentado é que entre a demencia e o crime ha mais afinidade do que geralmente se cuida.

—Concordo; a esse respeito ha muito que aprender.

— Eu avanço mais, disse X. Defendo que ha

uma grande afinidade entre a loucura e o máo caracter.

— O snr. decerto não quer defender seriamente semelhante theoria...

— Creia que defendo. O doutor não pode mostrar-nos um exemplo deste caso? — e apontava para uma forte mulher que estava em pé no meio do terraço.

O doutor riu-se, e disse-me: — Note que eu não sou arbitro em tal questão. Vou apresentar-lhe a doente, e depois lhe contarei a historia d'ella.

Conduziu-nos á doente que nos recebeu graciosamente. Quando sahimos do terraço, perguntou-me o dr. se eu tinha lido as *Memorias de uma parteira de carcere*. Respondi que sim.

— Lembra-se da pintura que ahi se faz da mulher K..? É essa a quem agora se fallou. Pintam-na acertadamente como uma hiena, tanto pela indole como pela força. Quando tinha um ataque, chamavam-se muitos guardas para a se-

gurar. A descripção que fez a parteira é exactissima. O castigo não a emocionava, nem a indulgencia a demovia. A passagem para o carcere, onde frequentemente a levavam, era assignalada pelos frangalhos da roupa dos guardas que ella lhes arrancava do corpo; e logo que a aferrolhavam divertia-se a despedaçar o taboado da cellula. A final, as autoridades, capitulando-a de douda, enviaram-m'a. Confesso, que, ao principio, não lhe divisei signal algum de insania. Durante alguns dias portou-se optimamente; mas, a final, teve um accesso de furor. Seguimos aqui um systema inteiramente diverso do adoptado nas prisoens. Escolhi tres guardas dos mais possantes; sentavam-a em uma cadeira; e seguravam-lhe as mãos, não a deixando levantar-se. A impaciencia sobreexcitava-a. Expedia contra os guardas torrentes de insultos. Ás vezes, calava-se, e fixava-os espantada da differença de repressão tão diversa da outra a que estava affeita. Elles nem a ameaçavam nem tentavam

applacal-a; mas conservavam-se ao lado d'ella tranquillamente, sem signal de colera, n'uma apparente indifferença. A raiva continuava, até que em fim se apasiguava, e elles então, sem dar palavra, entregavam-a ás guardas. Quando voltava a si, parecia muito envergonhada, e custava-lhe a comprehender que a não castigassem nem reprehendessem. Está hoje melhor; mas ainda é perigosa. Vigiando-a de perto, descobri que os accessos de furia eram invariavelmente precedidos de duas ou trez horas de amuo, durante as quaes murmurava ameaças contra qualquer ente imaginario. Resolvi então outro tratamento, e, quando chegavam os taes arrufos, excitava-a, mediante algum medicamento, a sentir ligeiros enjoos, e prolongava-se o tratamento o tempo bastante para que passasse o periodo do accesso furioso. Actualmente está muito socegada; mas carece de ser vigiada.

Entramos, em seguida, no recinto de uma das casas destinadas aos doentes particulares,

na qual estava o doente por quem X se interessava. A mobilia da casa não so era elegante, mas tambem luxuosa. No locotorio estava uma rapariga bem parecida que punha a meza para o segundo almoço. Disse eu ao medico que o felicitava por ter uma moça tão donosa a servir de creada n'um azilo de doidos. « É uma preza, disse elle, que está aqui por ter matado um filho. Mas o seu caso é tão desgraçado que faz compaixão a toda a gente. Estava com certeza louca de desesperação quando praticou o crime.

— Mas estes criminosos, quando recobram os sentidos, não se arrependem do crime commettido?

— Nunca. E' um facto singular e, a meu ver, muito significativo; por que a natureza com isso parece traçar uma linha divisoria entre o crime e o infortunio. Nunca encontrei um caso em que se desse arrependimento sincero em pessoa que, n'um accesso de demencia, praticasse um assassinio. Decerto se lembra da his-

toria de Celestine Sommers que matou a filha da maneira mais barbara. Ella parecia de um natural dulcissimo e affligia-se muito se magoava alguem; mas nunca mostrou o minimo pezar de ter matado a filha.

Mais notavel é o caso d'aquelle homem que acolá trabalha com o jardineiro.

Tinha assassinado uma mulher. Como não podia duvidar-se da sua demencia, o jury não o condemnou. A sua loucura durou ainda alguns mezes, ao fim dos quaes voltou á rasão tão inopinadamente como cahira na demencia. Quando lhe disseram o crime que praticára ficou aturdido.

Como era muito religioso, ensaiou actos de contrição; mas nada conseguiu. Forceja por chegar ao arrependimento, mas de balde. Comtudo vive muito triste, e não quer assistir aos bailes. E' digno de notar que ao par desta insensibilidade pelos crimes proprios tem grande horror aos mesmos crimes praticados pelos ou-

tros. No inverno passado, para os recrear, assoldadei um homem para lhes fazer leituras dramaticas. Teve elle a imprudencia de ler a scena do assassinio na tragedia *Hamlet*. Todo o auditorio se interessou vivamente e em primeiro logar os assassinos, que exprimiam o seu horror com grandes phrases. E o que mostrava mais repulsão era um que tinha degollado o seu medico, e fizera com a cabeça d'elle no seu jardim um jogo da bola.

O doutor abriu depois a porta de uma formosa capella que me mostrou. Perguntando-lhe eu como se portavam os doidos na egreja, e o que pensavam da religião, disse-me que as cerimonias religiosas os impressionavam fortemente, e que, em geral, o seu comportamento, ainda nos mais exaltados, era excellente.

Tratei de me despedir do medico, mas elle teimou em me acompanhar até ao portão. Encontramos no caminho um homem notavelmente gentil e de finas maneiras, que se adiantou para o doutor.

— Esperava-o, disse elle, para me despedir, e agradecer-lhe as suas bondades.

— Então está completamente bom?

— Completamente, e não receio a recahida.

— Muito bem. O que eu desejo é não tornar a vêl-o como medico; mas, n'outra qualidade, terei muito prazer.

Quando elle se afastou, perguntei:

— Com certeza, o snr. não o deixa sahir por que elle se julga curado...

— Deixo, disse o medico. A sua doença é uma dipsomania—a mania de beber. Quando o accesso se manifesta, vem elle voluntariamente aqui encerrar-se até que a mania lhe passe. E' provavel que ande por lá muitos mezes sem cá apparecer.

— Mas que utilidade tem elle em vir para aqui?

— Utilisa em lhe não darem bebidas alcoolicas por mais que elle as peça. Ora agora, diga-me cá, acredita o snr., como advogado, que diz

a verdade quando sustenta que a embriaguez augmenta a gravidade do crime em vez de atenual-a?

Sem responder á pergunta, despedi-me do digno medico. É de crer que esta visita nada accrescentasse ás minhas noções scientificas; mas cheguei conscientemente á conclusão de que todos os presos que vi estavam judiciosamente privados da liberdade e que as censuras feitas aos governos pela protecção sympatica concedida aos criminosos, são soberanamente injustas.

ERRATAS DO N.º IV

Pagina	17 —	linha	10 —	*bi-semanal*,	leia,	*bi-sexual*.
"	21 —	"	2 —	*deriginda-se*,	"	*dirigindo se*.
"	24 —	"	9 —	*envergatura*,	"	*envergadura*,

AGENCIA

COMMERCIAL PORTUGUEZA

DE

Lourenço Marquez d'Almeida

40 - RUA DO CARMO — 1.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

Todos os pedidos devem ser feitos a esta casa, unica representante no Imperio

DA

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DO

PORTO.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Serões de S. Miguel de Seide

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA

VI

CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

da COSTA SANTOS
EDITOR

VI

SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEROENS

DE

S. MIGUEL DE SEIDE

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSA,
CRITICA SUAVE DOS MÁOS LIVROS E DOS MÁOS COSTUMES

PORTO
Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos—Editor
RUA DE SANTO ILDEFONSO, 4 A 6

1886

SUMMARIO

—

A Velhice do Padre Eterno. — Goethe ridiculo. — Quem era a mulher de Caim? — As creanças indigentes. — Amores serôdios.

TYPOGRAPHIA DE ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO
Largo de S. Domingos, 57 — n.º telephonico 131

A VELHICE DO PADRE ETERNO

Desde que o nervoso poeta iconoclasta Guerra Junqueiro atirou ás ventanias tempestuosas da opinião publica vinte e oito satyras com o rotulo de *Velhice do Padre Eterno*, as taes ventanias, irrompendo dos odres, começaram a rugir que o poeta é... *atheu!* Que o dissesse a cleresia, não havia que estranhar á sua boa fé nem á sua intelligencia; mas que o digam, com gestos escandalisados, uns

leigos — leigos em duplicado — criticos ineditos, mas mexeriqueiros esclarecidos de leituras teutonicas, isso é que me impelle a defender, sem procuração, o poeta da calumnia de atheista.

Que é ser *atheu*? É negar a existencia de Deus. E ser *deista* que é? É reconhecer um Deus, confessal-o, sentil-o como alma do universo.

Guerra Junqueiro reconhece Deus tão explicitamente quanto seria necessario para impugnar os que o negam.

Na *Velhice do Padre Eterno* realçam os seguintes trêchos de profissão de fé racionalmente deista:

Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal,(1)

. . . . . .

(1) Pag. 13.

Sim, creio que depois do derradeiro somno
Hade haver uma treva e hade haver uma luz
Para o vicio que morre avante sobre um throno,
Para o santo que expira inerme n'uma cruz. [1]

. . . . . .

O meu coração, puro, immaculado e santo
Ia ao throno de Deus pedir, como ainda vae,
Para toda a nudez um pano do seu manto,
Para toda a miseria o orvalho do seu pranto,
E para todo o crime o seu perdão de Pai. [2]

A sciencia devastou-lhe muitas crenças infantis; mas o seu coração ainda se eleva supplicante ao throno de Deus:

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
N'um Deus que hade guardar por sua propria mão
N'uma jaula de ferro a alma de Lucusta,
N'um relicario d'ouro a alma de Platão. [3]

---

(1) Pag. 13.
(2) Pag. 12.
(3) Pag. 14

Apostrophando o nuncio Mazella, define o seu Deus:

Esse Deus immortal, unico, bom, clemente,
O Deus de quem tu es o herege e eu sou o crente. (1)

Considera Jesus Christo uma lusentissima e humana emanação da Divindade:

. . . . . .
O semi-Deus que está, como um farol de gloria,
No topo da montanha escalvada da historia,
Contemplando o infinito e illuminando a terra,
Essa alma que a flor da alma humana encerra.

A pag. 210 (*Nota*), referindo-se ao *Prometheu libertado*, poema que hade seguir a *Morte do Padre Eterno*, escreve:

«Terei os annos de vida necessarios pará

(1) Pag. 110.

escrever esse livro? Não sei; no entanto rogo a Deus do fundo da minha alma que me deixe terminar com um hymno de esperança e de harmonia uma batalha de coleras e sarcasmos.»

Aqui temos, pois, um *atheu* que crê em Deus e na immortalidade da alma; crê na bemaventurança para os bons e nas penas eternas para os máos; pede a Deus a sua divina compaixão para os que padecem e para os que delinquiram; um *atheu*, finalmente, que recorre do fundo da sua alma a Deus pedindo-lhe vida para concluir a sua obra. Eu, realmente, não sei que mais podia reclamar o criterio espiritualista! Quereriam talvez que o poeta escrevesse umas glossas metricas aos *Versos de S. Gregorio!*

*

Guerra Junqueiro crê em Deus como Voltaire.

— Pois o impio Voltaire cria em Deus? — exclamam o italiano Mazella e todos os *mazellas* indigenas.

Elles sabem, quando muito, que Voltaire não podia dispensar um relojoeiro no relogio da fabrica do mundo. Não obstante, alcunham-o de *impio*. Pois o deista Voltaire escreveu alguma coisa mais significativa da sua religiosidade: «Parece-me absurdo — disse elle — fazer depender a existencia de Deus de A+B dividido por Z. Que seria do genero humano, se fosse preciso estudar a dynamica e a astronomia para conhecer o Ente supremo? Para ver o dia bastam os olhos: não se faz mister a algebra.» (1) No *Diccionario philosophico*, art. *Religião*, escreve Voltaire: «Meditava eu esta noite, absorto na contemplação da natureza, e ad-

(1) Correspond. t. IV, pag. 463.

mirava a immensidade, a rotação, as relaçoens d'esses globos infinitos; e assombrava-me superiormente a intelligencia que preside a esses vastos maquinismos. Disia eu comigo: E' forçoso ser cego para não sentir o deslumbramento d'este espectaculo; é preciso ser estupido para lhe não reconhecer um creador; é preciso ser sandeu para o não adorar. Que preito de adoração devo eu prestar-lhe? Esse preito não será o mesmo em toda a extensão do espaço, visto que é o mesmo o supremo poder que egualmente impera n'essa immensidade? Um ser pensante que habitasse uma estrella na Vialactea não lhe deve homenagem identica á do ente pensante d'esta espherasinha em que habitamos? Se a luz é uniforme para o astro de Sirius e para nós, a moral deve ser uniforme. Se um animal sensivel e pensante em Sirius nasceu de pae e mãe que se empenharam na sua felicidade, deve-lhes tanto

amor como nós aqui devemos a nossos paes. Se alguem na Via-lactea encontra um indigente, e, podendo valer-lhe, o não soccorre, delinquiu perante todos os globos.»

Voltaire não poderia comprehender o Ente supremo que adorava; mas teve a mais vasta comprehensão da caridade. Como testemunho da sua crença em um só Deus, mandou erigir uma egreja, com a seguinte inscripção: A DEUS CONSAGROU VOLTAIRE.

DEO
EREXIT
VOLTAIRE

Aqui está um atheu como Guerra Junqueiro... sem egreja.

Quanto á esthesia do titulo *A Velhice do Padre Eterno*, offerecem-se-me alguns

reparos de indole caturra e bastantemente academica. Se o *Padre é eterno*, a eternidade do organismo consiste nos seus predicados refractarios á acção desorganisadora do tempo que degenera o vitalismo da fibra. *Eternidade* e *velhice* são incompativeis, inconciliaveis. Esta é a doutrina que me parece mais correntia em todas as Havanezas e em todos os gabinetes de leitura nacionaes. Ora agora, se os preconceitos que Guerra Junqueiro satyrisa pertencessem ao passado, e estivessem actualmente abolidos, poderia admittir-se allegoricamente que o Padre Eterno, a cuja sombra medraram esses preconceitos, envelhecesse; mas o eminente poeta satyrisa-os porque vigoram e subsistem: logo, o Padre Eterno está robusto e muito vivedoiro.

A velhice é doença ou não é? Se não é, por que nos ensinaram transcendentalmente o *senectus est morbus?* Se é, pode-

mos conjecturar da juvenil saude de Jehovah no ceo, pelas medranças saluberrimas da Estupidez na terra. Cá em baixo, com o oleo dos máos figados da hypocrisia dá-se ao espirito a robustez que o oleo dos figados bons de bacalháo instilla nos tecidos adyposos.

*

O Padre Eterno, á vista de certas coisas e de certos sujeitos que o desacreditam, talvez desejasse envelhecer e morrer; mas não pode. Hade viver eternameute como a *Calypso* de Fénelon que *ne pouvait se consoler etc.*

O livro do snr. Guerra Junqueiro tem paginas que sobreviveriam ao Padre Eterno, se elle podesse morrer. A *Circular* é a satyra mais original, mais risonha e perfeita do livro. As outras suggerem reminiscencias de catapultas da antiga fabrica jogadas ao

baluarte do Vaticano. A *Circular* tem uma espontaneidade humoristica, genial e preeminente que não pode ser confrontada; por que é unica, estreme, e tecida de irrisorios elementos da vida moderna. Mais adiante vem uma pagina magnifica. É o exordio da *Sesta do snr. abbade* que ressona em uma povoação assolada pela peste.

Como o livro de Guerra Junqueiro tem sido para a imprensa nacional e brazileira uma «roupa de francezes», tambem eu, filiado na illustre malta de presadissimos ladroens e distinctos collegas, trasladarei a primorosa pagina para o meu livrinho:

O meio dia bateu já na torre da Egreja.
A aldeia é silenciosa e triste. O sol flameja.
Entre o surdo murmurio abrasador da luz,
Como n'um grande forno, os grandes montes nus
Recosem-se, espirrando as urzes d'entre as fragas.

Um mendigo demente e coberto de chagas
Dorme estirado ao sol n'uma modorra espessa;
E o mosqueiro febril nas lepras da cabeça
Enterra-lhe zumbindo o caustico das lanças.

Andam só pela rua os porcos e as creanças.
Fome, desolação, luto, viuvez, miseria
Na aldeia morta. A terra esqualida e funerea
Em logar das canções da abundancia e do amor,
Do trigo verde a rir dentro da sebe em flor,
Calcinada e cruel cospe violentamente
Só o cardo torcido, epileptico, ardente,
Rompendo duro e hostil, como a praga blasfema
D'um assassino quando um carcereiro o algema.
Secaram-se de todo as fontes e os regatos.
As cobras na aridez crepitante dos matos
Silvam. O ar carbonisa as arvores sequiosas
N'uma rutila poeira intensa de ventosas.
Dos montes nus além nas seccas epidermes
Os rebanhos são como um pulular de vermes.
E a abobada do céo, concha de zinco em braza,
Onde não passa a nodoa aerea d'uma aza,
Implacavel contempla a terra solitaria,
Como um sultão fitando a carcassa d'um paria!

Isto é bom de lei.

N'este livro, escrinio de pedraria preciosa, ha umas joias fulvas de scintillações ferinas como pupilas de feras assanhadas; ha outras rubras como grumos de sangue a esvurmar de feridas insanaveis no peito dos netos de Caim, filho de nosso avô Adão; ha os reflexos glaucos esmeraldinos que verdejam como as escoriações dos esphacêlos putredineos; mas esses versos que trasladei e outros que o leitor sabe de cór, são punhados de lympidos diamantes sem as jaças da ironia, do odio ou do sarcasmo. O grande artista, por veses, esqueceu-se da sua tarefa de demolidor.

GOETHE RIDICULO

INHA vinte e trez annos, e estudava jurisprudencia, em Wetzlar, o Jupiter Olympico tudesco, Wolfgang Goethe. Alistara-se na *Cavallaria da Tavola-redonda*, uma caricatura com que os seus condiscipulos apimentavam a insipidez da faculdade juridica. Cada cavalleiro usava um nome celebrado na idade media. Goethe era *Goetz de Berlichingen*. Enfastiou-se logo d'essa rapazice

um pouco tola. Refugiava-se nas solidoens a meditar, sentia no coração um vacuo. «Achava-me n'aquella crize moral em que uma inclinação, manifestando-se disfarçadamente, pode assaltar-nos de improviso e destruir as nossas melhores resoluçoens.» (1) Uma tarde, scismava elle n'isso, deitado na relva, de papo acima, debaixo de uma arvore, na aldeia de Garbenhein. Ahi o encontrou um rapaz chamado Kestner, namorado e noivo promettido de Carlota Buff. Ligados repentinamente por uma violenta sympathia, desde esse encontro, nunca mais se apartaram.

A fina sociedade de Wetzlar reuniu-se n'um baile campestre. Goethe foi convidado, e tomou logar no mesmo carro que conduzia

(1) GOETHE, *Verdade e Poesia.*

Carlota. A noiva do seu amigo impressionou-o, encantou-o. Ella ou não o percebeu, ou fingiu-se desintendida. Era menina de juiso e seriamente devotada a Kestner

No dia seguinte, foi visital-a. Encontrou-a a repartir a merenda pelos seus irmãos pequenos. As creanças gostaram do adventicio, familiarisaram-se com as suas caricias; era como da familia, festejado e bem-vindo como Kestner.

O noivo de Carlota percebeu a paixão mal rebuçada do seu amigo. Não se offendeu: tal era a confiança na honra do seu confidente e na virtude da sua amada. Quanto á virtude de Carlota, o proprio Goethe a evidenciara, feitas certas reservas, no romance *Werther*; mas pelo que respeita á honra d'elle, nada mais problematico e até controvertivel como vai ver-se.

Kestner forma este juiso do seu amigo: «Comquanto elle devesse renunciar, como

de facto renunciou a qualquer esperança em Carlota, apezar de muito philosopho e naturalmente orgulhoso, não pôde vencer, dominar a sua paixão. Elle tem predicados que o podem fazer perigoso para uma mulher sentimental e de fino gosto; porém, Carlota houve-se de modo que lhe não deixasse germinar a minima esperança; e antes o forçou a admiral-a mais. Goethe perdeu o socego. Testemunhei scenas singulares, em que Carlota afervorou o meu affecto, e elle mesmo redobrou o seu por ella; mas espantei-me das extravagantes mudanças que o amor póde operar nos mais fortes e independentes homens. Muitas vezes, compadeci-me d'elle, e soffri intimas luctas; por quanto, se eu me julgava valer menos que elle, tambem não podia supportar a idea de a perder. Quanto a Carlota, nunca pude descubrir-lhe sombra de pensamentos analogos, comparaçoens. Em summa,

bastaram poucos meses para que elle julgasse preciso ao seu repouso retirar-se. N'um impeto de resolução, sem despedir-se, foi-se embora, tendo ja feito outras tentativas baldadas de fuga.» (1)

Um bom homem este Kestner. Nascéra no paiz da philosophia. Em Portugal, em casos d'esta natureza, entraria menos philosophia e mais beingala. Expediente duro dos paizes atrasados.

Goethe deixou, ao retirar-se, dois bilhetes, um para o amigo, e outro incluso para elle entregar a Carlota. «Entrega a Carlota o bilhete incluso» — dizia o caro amigo. E entregou-lh'o com estes dizeres: «Espero tornar; mas Deus sabe quando, Carlota! Como as suas palavras me desorientavam!

(1) A. KESTNER. *Goethe e Werther*. 1855.

Eu sabia que a não tornava a ver. A ultima vez, não, porque eu parto ámanhan. Sim! *elle* partiu!... Quando me permittiu exprimir tudo o que eu sentia, era da minha vida presente que se tractava e da sua mão que eu beijava pela derradeira vez. Nunca mais entrarei n'essa salla!... E o querido pai que me acompanhava... Agora estou só: posso chorar. Deixo-os felizes; mas ficarei nos seus coraçoens. Tornarei a vêl-os... mas não se ver a gente ámanhan é nunca mais tornar a ver-se. Diga ás creanças: elle foi-se embora. Não posso continuar.»

Ha no bilhete phrases escuras que prendem com a conversação que o commovera e deliberara a partir. E' natural que o portador do bilhete pedisse explicaçoens a Carlota.

Goethe, por uma fresca manhan de setembro, seguiu a margem do Rheno. Sentiu-se refrigerado. As bellezas da paysagem

disputaram o poeta e o artista á saudade de Carlota. Entrou a scismar o que melhor quadraria ao seu engenho — se a poesia, se a pintura. Occorreu-lhe então um alvitre para sondar o destino. Como tivesse na mão um canivete, e ouvisse uma voz mysteriosa que o aconselhava a tomal-o como oraculo, fez comsigo este juizo: «atiro o canivete ao rio; se elle á minha vista se afundar, serei pintor; se o arvoredo da margem me esconder a queda do canivete na agua, serei poeta.» Atirou: viu chofrar a agua; mas não viu cahir o canivete. Logo: «o destino não queria ainda manifestar-se» concluiu elle em vista da ambiguidade do oraculo. Ridiculo até á consternação!

Dias depois, estava em Coblence hospedado em casa do conselheiro Laroche. O conselheiro tinha uma filha. Esteve a pique de se apaixonar por Maximiliana o hospede — *porque ella tinha os mais negros olhos e*

a mais fresca epiderme que imaginar se pode. (1)

Como ia de passagem para Francfort, a curta demora em Coblence não lhe permittiu justificar a sua admiração para dentro da epiderme da filha do conselheiro. Todavia, parecia esquecer-se da noiva do seu amigo intimo.

Em Francfort inquietaram-no rebates de saudade de Carlota, por que n'aquella velha cidade não havia paysagens nem murmuras correntes onde consultasse o oraculo do canivete. Reatou, por tanto, a correspondencia com o amigo Kestner. Uma vez, mandou-lhe um bilhete assim redigido: «Caro Kestner, dize a Carlota que eu, ás vezes, imagino poder esquecêl-a; mas, de repente, recaio n'um estado peor que d'antes.» Não se pode ser

(1) *Goethe, Verdade e Poesia. Liv.* XIII.

mais franco; e, quanto a sinceridade, só lhe ganha o amigo, entregando fielmente o bilhete á noiva.

Depois, encarrega-se de comprar em Francfort o enxoval de Carlota, os anneis nupciaes, e diz que, na vespera do casamento, inutilisará um retrato que possue da noiva do seu amigo. Kestner diz-lhe que não, que conserve o retrato. Goethe agradece-lhe a concessão n'estes termos: «Obrigado!.. A minha tenção era de, na sexta-feira da paixão, fazer um sancto-sepulcro e sepultar o retrato de Carlota. Mas, já agora, ficará pendente na parede em quanto eu viver.» Que dois idiotas, o noivo e elle!

Carlota casou; e Goethe, de dia para dia, sentiu crescer o desgosto, o tedio da vida. Teve então um pensamento soberbo, d'um romantismo acabado: *O espectaculo da vida infinita é para mim um tumulo perpetuamente aberto.* Entrou a pensar no suicidio,

e no modo de se matar, sem consultar o canivete no caso unico em que podia ser-lhe bastante prestavel. Queria matar-se de modo que não podesse arrepender-se, nem dar visgo ás facecias do mundo. E então que fez? O' coragem socratica! Escolheu um lindo punhal cizelado na panoplia do pai, e collocou-o de noite á cabeceira da cama. A's vezes, pegava do punhal e apontava-o ao peito; e, assim que fazia uma arranhadura na pelle, arrumava o punhal, e reconciliava-se com a vida. O mais incruento e patarata dos suicidas.

Para não continuar a matar-se tão truculentamente, deitou-se á poesia, fez muitos versos. N'este comenos, o marido de Carlota conta-lhe que um sujeito chamado Jerusalem, litterato e membro da legação de Brunswick, se apaixonara pela esposa de um secretario de embaixada. O secretario, que não era do excellente temperamento de

Kestner, poz o Jerusalem na rua provavelmente com a promessa de o fazer saltar pela janella, se voltasse. O expulso escreveu a Kestner pedindo-lhe emprestada uma pistola, e matou-se.

Estava arranjado o enredo de *Werther*. Havia uma *Carlota*, um marido, um intruso apaixonado, uma pistola, um suicidio — estava alinhavado o romance. Mãos á obra.

O Jerusalem suicidou-se em novembro de 1772; e quinze mezes depois saiu a lume o *Werther*. N'este intervalo escrevia aos seus amigos, martellando muito na idea do suicidio do outro; quanto a si, disia: «por emquanto, não tenho desejo de me matar.» Parecia *ferro;* e tanto era que a fermentação do romance dá a suppor que se fez ao calor de uma vingança que seria infame, se não fosse ridicula.

A verdadeira Carlota conserva o nome no romance, e é copiada fielmente do natu-

ral. O marido chama-se *Alberto*, um homem positivo, chato, quase irrisorio, e até antipathico. O galan, *Werther*, é Goethe, descripto espiritual e corporalmente, muito esvelto e intelligente, uma alma incomprehendida, anjo despenhado por quem os anjos choram. Dos tres caracteres é elle o unico adoravel pela paixão com que ama e pela coragem com que se anniquilla, deixando livre o goso ao marido — um palerma sem ideal; mas não tão palerma que lhe não empreste a pistola suicida. Para que não houvesse duvida, Goethe, no romance, traslada quase litteralmente o bilhete em que Jerusalem pedia a pistola ao marido de Carlota.

Publicado o romance, o auctor remetteu um dos primeiros exemplares aos seus amigos. Carlota e o marido reconheceram-se logo. Kestner agradeceu-lh'o deste theor: «O teu *Werther* poderia dar-me algum prazer, recordando-me scenas interessantes;

mas, tal qual é, a certos respeitos, impressionou-me desagradavelmente. Tu sabes que sou franco. Verdade é que mesclaste um elemento estranho em cada personagem, ou fundiste muitos personagens em um só. Não é isso que eu reprovo; mas, se no arranjo e na miscellanea, consultasses o teu coração, as pessoas vivas, cujos traços desenhaste, não se achariam assim *prostituidas*. Quizeste pintar do natural para ser verdadeiro; mas amalgamaste tantas coisas contradictorias, que erraste o fito. Embora se agaste o auctor, dir-lhe-ei, em nome da verdade e da realidade, que a pintura é mentirosa. A verdadeira Carlota, se se parecesse com a que tu descreveste, envergonhar-se-ia. Sei bem que é um retrato composto de dois modêlos; mas madame H., (1) o segundo dos teus mo-

(1) Diz o nome da mulher por quem se matou Jerusalem.

dêlos, não seria capaz de proceder como a tua heroina. Não carecias de desperdiçar tanta fantasia para attingir o alvo, ultrapassando o natural e o verdadeiro; por quanto, para Jerusalem fazer voar os miolos não carecia que uma mulher se comportasse como a tua heroina — comportamento sempre deshonroso para a mais ordinaria pessoa do seu sexo. A verdadeira Carlota de quem tu presumes ser amigo é na tua pintura — que contem o bastante para que seja reconhecida — é... não direi o que... só de o pensar me afflige. E seu marido, que tu chamas amigo (e Deus sabe quanto o era!..) o tal *Alberto*, que miseravel creatura! Retrato ficticio, desnatural... quero acredital-o; mas contem feiçoens que lembram certo modêlo que farte para que o verdadeiro Alberto se adivinhe. A semelhança é toda exterior, bem sei, graças a Deus! Mas seria necessario imaginal-o um *bajoujo?* Não cuidarias tu por esse

modo sobresahir, e ostentar-te aos olhos do mundo, exclamando: «Reparem em mim que sou um *portento!*» (1)

Divulgada a novella como um escandalo, toda a gente queria conhecer a Carlota e o marido. O pobre homem viu-se em calças pardas para esclarecer os amigos que lhe perguntavam se a coisa era com elle. «Ha no livro passagens (escrevia elle a um dos curiosos) que affligem minha mulher e a mim, e o exito do romance duplicadamente nos afflige... Na primeira parte da novella, *Werther* é Goethe; *Carlota* e *Alberto* sou eu e minha mulher. Na segunda parte, para motivar a morte de *Werther*, introduziu circumstancias que nos são estranhas. Por exemplo: Carlota nunca teve com Goethe nem com ninguem as relaçoens descriptas no ro-

(1) *Goethe e Werther*. n.º 106.

mance. N'isso, é que elle nos offende; porque certos traços accessorios são de mais verdadeiros e sabidos para que se não pensasse em nós. Goethe está pesaroso; mas que importa? E' certo que elle estimava muito minha mulher; mas devia saber que ella tem alma tão levantada que nunca lhe consentiria as liberdades que permitte a *Werther*... Na segunda parte, *Werther* é o Jerusalem, *Alberto* é o secretario da legação palatina, e *Carlota* é a mulher do ultimo... E elle cuidou que fizera maravilhas, enviando-nos um exemplar!... Peço-lhe que queime esta carta; porque, se ella se perder, teremos nova edição annotada. D'hora ávante heide acautelar-me, e nunca escrever a um auctor coisas que todo mundo não deva saber.»

Desfez-se Goethe em satisfaçoens, promettendo aspar em nova edição as passagens mais expostas. Dizia elle então ao amigo

com a mais velhaca das canduras ou com a mais acrisolada pieguice: «Se podesses sentir o que *Werther* é para milhares de coraçoens, não regeitarias o quinhão que te cabe!... Dize a Carlota que o seu nome repetido com veneração por mil labios piedosos é uma farta compensação a pequenos dissabores n'esta vida exposta a tantas bisbilhotices...»

Nunca mais se congraçaram na antiga cordialidade. Kestner morreu em 1800; e Carlota, na volta dos sessenta annos, em 1816, encontrou Goethe em Weimar. Que encontro! Como aquelles dois espelhos de desenganos se defrontariam! Carlota, velha, pobre e rodeada de filhos. Elle, quatro annos mais velho que ella, e ainda ridiculo com mulheres. Ate ahi, as suas amadas conhecidas, ja no ideal, ja no carnal, chama-

vam-se Bettina Brentano, Margarida, Annete Schoenkopf, Frederica Biron, Lila de Ziegler, Carlota Buff, madame de Stein, Christiana Neumar. O que se não sabe é o nome da creada que lhe deu um filho, e a mão de esposa. Algumas d'essas mulheres morreram de paixão pelo Lovelace, *sans la rouerie*, diz Blaze. Ainda em 1807, aos cincoenta e sete annos, sonetava a uma Mina Herzlieb, filha adoptiva de um livreiro de Iena. Disia elle n'um pedaço de soneto: *Sexta-feira sancta era um dia assignalado com lettras de fogo no coração de Petrarcha. Para mim, no anno de 1807, foi egual esse dia. Não comecei então, mas continuei a amar aquella que desde muito abrigava em meu peito, e que depois discretamente repulsára do meu espirito, para quem me sinto de novo atrahido.*

O deabo do velho! credo!

Elle mal dirigido por João Jacques

Rousseau na educação do *Emilio*, teve uma mocidade enfezada; depois, mudou de systema.

Tanto elle como o nosso Castilho, debilitado pela alimentação vegetal, atiraram-se o portuguez á carne vaccum, e o allemão á carne femeal, como quem se desforra de privaçoens passadas, e espigaram a olhos vistos.

Já depois dos setenta annos, ainda desdenhava os amores idiotas da *Lili*, quando a sua identidade philogenica pedia meças com um preparado de muzeu, um Saint-Preux empalhado.

E esta divindade egoista evolou-se aos oitenta e dous annos de idade, suavemente asphixiado pelos incensos da idolatria universal. E foi tão feliz que, tendo um filho quase cretino, sobreviveu ao presumptivo herdeiro do seu nome para que o geta lhe

não manchasse as refulgencias da sua immortal auréola.

Finalmente, os gigantes de genio da corporatura de Goethe possuem uma mola de segredo. Se a gente acerta com ella e carrega no botão, o gigante pega de baixar, de decrescer, de mingar, e fica redusido á estatura mediana de qualquer imbecil sem grammatica. Os talentos superiores sabem tudo, menos a Arte de não serem ridiculos.

30-1-86.

QUEM ERA A MULHER DE CAIM?

Dois homens instruidos fizeram-me esta pergunta, á queima roupa, aqui ha dias. Respondi que o *Genesis* não lhe dava nome. Estava presente uma senhora que havia lido um livro esquecido ou desconhecido para nós. Affirmou que a mulher de Caim tinha um nome qualquer; mas, como lhe não lembrou de prompto o livro em que lêra esse nome,

permanecemos na persuasão de que a mulher do assassino de Abel era anonyma.

Passadas algumas horas, a senhora foi á sua estante buscar um livrinho em formato diamante, impresso ha 106 annos, com deliciosas gravuras, de Marillieu e de Launay, intitulado *Œuvres complettes de Mr. Gesner. (sic)* LA MORT D'ABEL, *poeme.* Abriu a paginas 10, e leu: *Méhala, l'epouse de Cain, avoit suivi jusqu'au berceau les traces de sa mère*, etc. Depois, mostrou-me tambem que a mulher d'Abel se chamava *Thyrza.*

De quem eram filhas Méhala e Thyrza? Nem Moisés nem Gessner o inventaram. Como quer que fosse, a authoridade do poeta allemão nada decide á vista do silencio do Pentateuco. Ignora-se, por tanto, o nome da mulher de Caim.

Meditemos.

Adão e Eva tiveram dois filhos, Caim e Abel. Com quem casaram estes sujeitos, se

na terra não havia outra familia? Com as irmans? Não tinham irmans. Adão e Eva tiveram filhas; mas sim depois que Abel foi assassinado pelo irmão. Antes d'essas filhas anonymas, Eva deu á luz um filho que chamou Seth. «O Senhor me deu outro filho em logar de Abel que Caim matou» disse Adão. (*Gen.* cap. IV, v. 25).

Caim, quando matou o irmão, era já cazado?

A Biblia não o declara. Sabe-se, porém, que elle, amaldiçoado, repulso e vagabundo, parou no paiz que demorava ao nascente do Eden, e ahi gerou em sua mulher um filho que se chamou Henoch.

Admittido que elle foi cazar a Nod, ao nascente do Eden, claro é que havia familias em Nod, e o genero humano não estava circumscripto ao cazal expulso do Paraizo.

Que gente seria essa que demorava ao nascente do Eden? Alexandre Dumas Ju-

nior, a proposito das adulteras, diz que Caim cazara n'uma familia de macacos, cuja tribu se chama *Catarhina*, no paiz de Nod; e roborisa a sua opinião genealogica nas auctoridades de Lamarck, Milne-Edwards, etc. Eu não me fio em Dumas nem nas suas auctoridades, em quanto elle não se abonar com a opinião de um Sancto Padre, pelo menos.

A Biblia é o meu oraculo. Moisés, ou Esdras, dá-me noticia de duas origens, pelo menos duas, da especie humana. *Gen*, c. VI, v. 2: *Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que d'entre ellas lhes agradaram mais.*

Aqui temos duas geraçoens: *filhos de Deus* e *filhos dos homens.*

Podem argumentar contra isto os que professam a crença de um só tronco do genero humano? Podem; mas não convencem.

Dizem que essa distincção de filhos de Deus e filhos dos homens vem assignalada no *Genesis* depois que os homens se multiplicaram. Não convencem, repito, e contesto.

Quando Caim matou Abel, quem havia na terra? Seu pai, sua mãe, e talvez sua cunhada, se Abel era cazado. Mais ninguem. Seth, ja fica dito, nasceu muito depois. Então de quem é que se temia Caim, quando disse ao Creador: *Eis ahi me lanças tu hoje da face da terra, e eu me irei esconder da tua face, e andarei vagabundo e fugitivo na terra: todo o que pois me achar matar-me-ha!*

E' evidente que o pavido Caim receava ser assassinado n'essas terras por onde ia vagamundear. Seria uma fantasia terrorista do seu remorso de fratricida? Não. O Senhor acudiu ás suas covardes previsoens, disendo-lhe: *Não será assim: antes o que matar a Caim será castigado sete vezes*

mais. E a fim de lhe caucionar a inviolabilidade da sua pessoa, poz-lhe o Senhor um signal para que o não matasse quem quer que o encontrasse.» (*Gen.* cap. IV, v. 14 e 15). O Senhor sabia que elle havia de encontrar-se com muita gente, e essa gente, que poderia matal-o, não era decerto o pai nem a mãe. Era por força a outra casta de gente que o auctor do *Genesis* chama «filhos dos homens». Aqui estão duas correntes da humanidade bem definidas nos Livros Sagrados, se a hermeneutica mais accessivel me não engana. Caim era dos filhos de Deus.

Os que professam a crença de que derivamos todos de Adão e Eva, os monogenistas, destoam da lettra fundamental da sua fé; os poligenistas, isto é, os que fasem proceder o genero humano de tantos casaes quantas são as raças, estão em harmonia com o texto biblico.

Recapitulando: «Quando Caim matou o irmão, se existissem no globo apenas os pais, elle erraria sosinho nas terras despovoadas, onde não havia quem o matasse; mas o homicida temia ser morto, e Jehovah marcou-o para que ninguem lhe pozesse mão homicida: logo, os paizes, que elle precorreu, estavam povoados, e em tanta copia que Caim fundou immediatamente uma cidade, chamada Henoch. Não é de suppor que elle com a mulher e com o filho simplesmente fundasse uma cidade. Depois, no cap. VI do *Genesis*, falla-se do casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens. E' manifesto, em face do livro por excellencia, inspirado por Deus, que as correntes da humanidade, pelo menos, eram duas.

Mais um reparo, e concluo. O signal que Deus poz em Caim preservou-o de ser assassinado? Se dermos pêso a Alexandre Duma Senior, não preservou. Este esplendido

imaginario romanceou um *Judeu errante* que, em 1419, quinta-feira sancta, era em Roma um dos trese peregrinos a quem o sancto Padre Paulo 2.° havia de lavar os pés.

—Não sou digno de que me toqueis! — diz o peregrino ao pontifice.

Paulo 2.° recua aterrado e ouve-o de confissão. Pergunta-lhe quem é. Ashaverus mostra-lhe na fronte o igneo estygma dos malditos. Pergunta-lhe o papa se é Caim.

—Prouvera a Deus que eu fosse ou tivesse sido Caim—responde o precíto—Caim não era immortal; foi morto por seu sobrinho Lamech... Bemaventurados os que podem morrer!

Se isto é verdade, se Caim foi assassinado por seu sobrinho Lamech, o Creador reconsiderou o salvo-conducto que dera ao fratricida. Mas não é exacto, nem o *Genesis* permitte a hypothese. Caim não teve sobrinho algum chamado *Lamech*.

Lamech era seu quarto neto, por ser filho de Mathusael, neto de Maviavel, bisneto de Irad, trineto de Henoch, que era filho de Caim.

Provavelmente, Dumas Senior equivocou-se com o v. 23 do cap. IV do *Gen.* Lamech, pai de *Tabalcain que foi official de martello e artifice em toda a qualidade de obras de cobre e de ferro* (1), chamou as suas duas mulheres Ada e Sella, e disse-lhes: *Escutai as minhas palavras: Eu matei um homem com uma ferida que lhe fiz, e um rapaz com uma pancada que lhe dei. De Caim tomar-se-ha vingança sete vezes; mas de Lamech setenta veses sete.*

Isto não quer dizer que elle houvesse

(1) Aqui temos, contra a opinião dos prehistoricos modernos, as edades do cobre e do ferro contemporaneas.

matado o seu quarto avô. E' mais curial suppor-se que Lamech, duas vezes assassino, e receoso de que as duas mulheres quizessem dar-lhe cabo da casta, tractasse de se impor invulneravel não só sete vezes como Caim, mas setenta e sete vezes inaccessivel á pena de Talião. Elle não conhecia, com certesa, a formula romana *Talião;* mas conhecia a raça das mulheres com quem bigamisava -- duas florescencias oriundas do tronco de Caim.

Por aqui me cerro com esta massada para me não julgarem da mesma familia alguns Abeis que me lerem.

AS CREANÇAS INDIGENTES

Um grande estylista francez da ultima florecencia de talentos mais em voga nos «boulevards», Huysmans, escreveu, ha poucos mezes, que a creche é um alfôbre de infelizes creados e fortalecidos para luctarem com a miseria — lucta em que hão de cair vencidos. Elle invectiva contra S. Vicente de Paulo e contra os amparadores das crean-

ças geradas e nascidas na indigencia; e, com firmesa de logica implacavel, allega que melhor serviço faria a esses desgraçados quem os deixasse morrer sem terem sentido na carne e no espirito a garra da penuria.

Cuidar-se-ha que Huysmans não tem um auditorio que o applauda? Tem. Sobeja-lhe um sequito de admiradores que lhe dão palmas, calcando aos pés a sentimentalidade que se revolta, a piedade romantica impropria de philosophos positivos.

Pois eu creio que Huysmans e mais os seus excentricos adeptos, se encontrassem no asphalto uma creancinha chorando, a tomariam nos braços e iriam leval-a ao aconchêgo da creche, e dariam para a alimentação d'aquelle pobresinho sanctificado pela innocencia o que um editor lhes houvesse liberalisado pelos seus livros absurdos e attentatorios da piedade humana.

Mas ha alvitristas muito peores, quanto ás creanças indigentes.

No principio do seculo passado, um irlandez e padre protestante, Jonathan Swift não disse que deixassem morrer as creanças: aconselhou que as matassem e as comessem, como excellente iguaria que eram.

O leitor não se aterre. Prepare-se para ler com um sorriso intelligente a mais tragica ironia que ainda se deflagrou de uma alma afogada em lagrimas. Swift era testemunha das calamidades da Irlanda; via ranchos de creanças andrajosas arrepanhadas pela fome e pelo frio; não esperava remedio das leis de Inglaterra nem da caridade dos abastados. Que fez elle então? Voltou-se para os ricos, e disse-lhes: «matai essas creanças, e devorai-as nos vossos banquetes, por que um menino tenro é um prato delicioso.»

Mas o que é de pasmar e quase incrivel é

que um critico como Taine acusasse de canibalismo Swift por que expectorara um pamphleto alardeando o infanticidio e a antropophagia! Só uma crise intellectual, mais desculpavel que a má fé, pode absolver o grande esthetico, historiador da litteratura inglesa, de tão grave injustiça (1). É certo

(1) Taine sob-põe ao seu lance de vista civilisado as manifestações das civilisaçoens passadas para as julgar, e nem sempre é juiz integro. A Italia foi um dos paises mais inexoravelmente tratados pela corrupção dos seus vicios. Philarète Chasles. com bastante graça em máos versos, asseteou-o com uma novena d'elles. *Il me semble*, diz o professor nas suas *Mémoires*, *que M. Taine n'a observé dans le pays des orangers*, que

Toujours le nud, rien que le nud,
L'homme animal et bis-cornu!
C'est trop facile et trop connu,
Trop brutal et trop incongru.
Cher Taine, vous êtes trop cru,
Trop matériel et trop dru,
Trop athlétique et trop charnu:
Ah! Taine, pour être mieux vu,
Montrez un peu moins votre c...!

O leitor sabe que o *l* não se pronuncia. A rima é exacta. Nunca ninguem tratou mais frescamente um escriptor encyclopedico!

que mal se pode levar ao cabo sem estremecimentos e repugnancias a leitura d'essas paginas; mas, conhecido o caracter ironico de Swift, é a compaixão, não é a crueldade que transluz d'esse espectaculo negro de miseria que elle manda remover, illiminando-o pelo morticinio das creanças rotas e famintas.[1]

Eis aqui o essencial do pamphleto, intitulado *Proposição modesta para impedir que os filhos dos pobres em Irlanda não sejam pesados a seus pais ou ao seu paiz, de modo a tornal-os uteis ao publico:*

---

(1) N'isto de dar vasão ás creanças indigentes, em Portugal, por 1801, usou-se um processo que não estava em grande discordancia com o alvitre de Swift. "Ao longo da raia, as Misericordias negociavam com os engeitados das rodas dos expostos, vendendo-os aos hespanhoes, a moeda de ouro por cabeça, para crias." (Oliveira Martins, *Hist. de Portugal*, T. 2.º, p. 193, 2.ª ed.) Não ha a certeza de que os hespanhoes comessem as crias assadas; mas eram capazes d'isso; e não seria máo nem pouco rhetorico dizel-o na proxima inauguração do monumento de 1640.

«E' um espectaculo triste para quem passa n'esta grande cidade, ou jornadeia nas aldeias, ver as ruas, as estradas e as portas das choupanas cheias de mendigos com trez, quatro e seis filhos, todos andrajosos, importunando quem passa para que lhes dê uma esmola...

«Penso eu que todos os partidos concordam em que esse prodigioso numero de creanças é actualmente, no deploravel estado d'este reino, um pesadissimo encargo. Por tanto, quem descobrir um meio honesto, facil e pouco dispendioso de transformar estas creanças em membros uteis da communidade, prestará grande serviço ao publico, e merecerá uma estatua como salvador da nação. Vou, pois, humildemente propor a minha idea que espero não encontrará a menor objecção.

«Affirmou-me um americano meu conhecido, em Londres, homem capacissimo, que

uma creança sadia, bem gordinha, quando tem um anno, é um petisco deliciosissimo, são e nutriente, quer cosido, quer assado, estufado, ou de forno; e eu acho que tambem pode ser almondegado ou de fricassé.

«Solicito, pois, reverentemente o publico para considerar que de cento e vinte mil creanças poderiam reservar-se vinte mil para a reproducção da especie, a quarta parte do sexo masculino, e as outras cem mil vender-se-iam, quando tivessem um anno, ás pessoas ricas de todo o reino, tendo as mães sido previamente avisadas para as amamentarem abundantemente no ultimo mez a fim de as tornar cheias e gordas para as mezas lautas. Uma creança daria para dous pratos n'um jantar d'amigos; e n'um jantar de familia, o quarto dianteiro ou o trazeiro daria um prato muito rasoavel; depois de salgado ou apimentado, seria muito

bom, cosido, passados quatro dias, principalmente em tempo fresco.

«Tenho calculado que, termo medio, uma creança, pesando ao nascer nove arrateis, pode, dentro de um anno, se for bem alimentada, pesar vinte arrateis e dez onças. Calculei que as despezas alimentares para o filho de um mendigo (e n'esta lista inscrevo todos os jornaleiros, horteloens e quatro quintas partes dos abegoens) regula por 400 reis por anno, inclusivé os farrapos, e me persuado que nenhum *gentleman* recusaria dar 2$ reis pelo corpo de um menino gordo que lhe fornecerá pelo menos quatro pratos variados de uma iguaria substancial.

«Quem fôr economico (e confesso que os tempos correm bicudos) poderá esfolar a creança e com a pelle convenientemente curtida fazer luvas admiraveis para as damas, e calçado de verão para os *gentlemen* elegantes.

«Na nossa cidade de Dublin, abrir-se-hão matadoiros nos logares mais ageitados; quanto a megarefes creio que hão de abundar; todavia, aconselho que se comprem as creanças vivas, e que se amanhe a carne ainda tepida como fazemos aos leitoens assados.

«Persuado-me que são numerosas e palpitantes, e da maxima importancia, as vantagens d'este projecto. Primeiramente, diminuirá muito o numero dos papistas que todos os annos nos sobrecarregam, visto que são elles os principaes productores da nação.

«Em segundo logar, como a creação de cem mil creanças de dous annos e mais não pode ser computada em menos de 28 reis por cabeça annualmente, a riqueza da nação augmentaria 225 contos por anno, afóra o proveito de um novo manjar introduzido na mêza de todos os *gentlemen* ricos e de gosto fino; e o dinheiro circularia entre nós—pro-

ducto exclusivamente da nossa lavra e das nossas manufacturas. Em terceiro logar, promoveriamos os casamentos, que todas as naçoens sisudas fomentam por meio de recompensas, e protegem com as leis penaes. Isso augmentaria o cuidado e ternura das mães pelos filhos, quando tivessem a certeza de poderem accommodar os pobresitos, e garantir-lhes um destino de certo modo instituido pelo publico. Outras muitas vantagens poderia eu explanar, por exemplo a addição de alguns milhares de costaes á nossa exportação de boi embarricado, á outra mais copiosa de carne de porco, e aos aperfeiçoamentos na arte de curar bons prezuntos; mas omitto isso, e muito mais, para ser breve.

«Algumas pessoas de espirito merencorio apoquentam-se com o grande numero de proletarios velhos, infermos, estropeados, e pedem-me que reflexione no sentido de

topar um expediente para desafrontar a nação de tão penoso fardo; mas eu, a tal respeito, não me inquieto grandemente, porque sei a fundo que elles morrem todos os dias, e apodrecem de frio, de fome, de immundice, de vermes, tão depressa quanto rasoavelmente lh'o desejo. E, pelo que respeita aos proletarios ainda môços, podem contar com o mesmo fim: como não acham que fazer, enfraquecem á mingua de sustento, de modo que se alguma vez se alquilam como operarios, nem força tem para acabar a empreitada. De modo que, tanto o paiz como elles, estão resgatados das porvindouras desgraças.

«Com toda a sinceridade do meu coração, declaro que não tenho o minimo interesse pessoal na execução d'esta obra salutar: levo só em mira o bem publico da minha terra. Não tenho filhos de que possa tirar uma de X com tal expediente. O meu

filho mais novo tem nove annos, e minha mulher já não pode conceber.»

*

O leitor leu, horrorisou-se, sorriu, e teve até vontade de chorar. Deus sabe se Swift chorava quando escrevia essas sinistras ironias. Uma alma inferma que pôde zombeteiramente fantasiar á necessidade de vender as creanças pobres como alimento dos ricos, formou do mundo que o rodeava e do meio em que vivia o peor conceito que algum pessimista ainda não concebeu. Se havia um fundo de lagrimas n'essa zombaria, Swift devera inlouquecer; e, com effeito, pouco tempo depois que escreveu essas paginas, inlouqueceu. Taine descreve assim a queda d'esse grande espirito:

«O excesso do trabalho e as commoçoens haviam-no adoentado desde o vigor da idade.

Tinha vertigens, não percebia nada. Conheceu desde muito fugir-lhe a rasão. Um dia parou em frente de um olmo com as grimpas sêccas, contemplou-o por largo espaço, e disse: — Serei como este olmo: começarei a morrer pela cabeça. — Fugia-lhe a memoria, recebia com desprazer as attençoens dos outros, e ás vezes com furor. Vivia só, cabisbaixo, não podia ler. Dizem que passara um anno sem proferir palavra; horrorisava-o a figura humana, andava dez horas por dia; primeiro maniaco, depois idiota. Appareceu-lhe um furunculo sobre um olho que o não deixou dormir um mez, e foram precisas seis pessoas para que não arrancasse o olho com as unhas. As suas ultimas palavras foram: «Estou doudo». Aberto o seu testamento, viu-se que elle deixava todos os seus haveres para a edificação de um hospital de doudos.»

AMORES SERODIOS

O INFANTE D. Luiz, irmão de D. João III, quando ja contava cincoenta annos, apaixonou-se por sua sobrinha, a infanta D. Maria. Tinha o exemplo d'el-rei D. Manoel, seu pae, que, aos 50 annos, tendo nove filhos, cazou em terceiras nupcias com a malfadada Leonor d'Austria, irman de Carlos V.

Havia na corte quem lhe desse outro

exemplo de paixão mais fora de proposito. Era D. Jorge, duque de Coimbra, filho bastardo de D. João II. Este duque, quando ja excedia setenta annos, apaixonara-se tambem por uma dama da rainha, muito na flor da donzellice, D. Maria Manuel, filha do Senhor de Castro d'Ayre. Os filhos contraminaram o cazamento estulto do pai, e conseguiram que a rainha D. Catharina o expulsasse da corte e mandasse sahir de Lisboa.

Não foi a rainha hespanhola mais condescendente com os amores de seu cunhado a sua filha D. Maria. Assim que receou a possibilidade de tal casamento por vontade do marido, manejou diplomaticamente o consorcio da filha com seu sobrinho Filippe II, removeu todas as resistencias dos conselheiros de D. João III, e nomeadamente as de D. Luiz e do cardeal D. Henrique. A solicitação amorosa de D. Luiz é mais uma

prova a evidenciar que elle não tinha casado clandestinamente com Violante Gomes, mãe de D. Antonio, prior do Crato.

As rasoens politicas, com que D. Luiz disfarçava a sua paixão, eram muito discretas. D. João III tinha só um filho varão, enfermiço, para pouca vida. Se elle morresse antes de se propagar, o futuro successor na corôa seria o filho ou filha de D. Maria e de Filippe II. O infante não morreu solteiro; mas com o casamento appressou a morte, no esfalfamento matrimonial que a medicina do tempo chamou *doença habetica*. O ente que se gerou d'esta compleição nevrotica foi aquelle doido que levou o reino e a independencia ao affrontoso cadafalso de Alcacer-el-Kibir. Da satyriasis morbida do pai adviera-lhe um cerêbello rudimentar, depauperado de materia philogenetica. Era aos quatorze annos gonorrhaico, e d'aqui até morrer foi sempre inimigo de mulheres. Era

um castrado genial. Quiz fazer votos de castidade perpetua; mas impediram-no os conselheiros; e, constando-lhe que se dizia que uma esvelta D. Joanna de Castro o havia desvirginisado, o rei imbecil deu-se pressa em declarar ao embaixador de Castella que era calumniado quanto á abdicação da sua pudicicia. (1)

*

(1) O ministro de França em Espanha, *De Fourquevaulx*, escrevia a Catharina de Medicis, a respeito de D. Sebastião: *Davantage suis averti que tous ses médecins jugent et les astrologues judiciaires qu'il ne sera point long homme et une partie des dits médecins conseille le fant marier de bonne heure afin de remédier à une secrete maladie qu'on appelle gonorrhée à laquelle il est sujet... L'autre bande défend de le marier, car ce sera lui avancer sa fin; et tous, d'un sentiment, le condamnent à vivre peu d'années.* (Documento citado e trasladado pelo snr. conde de S. Mamede no seu interessantissimo livro *Don Sebastien et Philippe II)* Cezare Cantù, votando pela incapacidade organica do infeliz rapaz, pinta-o *aborrendo le donne, mai non volle moglio.* (Storia universale, t. v.)

A infanta D. Maria, ida para Castella, foi a primeira das quatro mulheres de Filippe II. Morreu de parto d'aquelle principe D. Carlos que pereceu da peçonha que seu pai mandou propinar-lhe. Alexandre Herculano, muito acautellado nos seus juisos, capitulou de filicida o pai de D. Carlos.

O infante D. Luiz poucos annos sobreviveu ao casamento de sua amada sobrinha; mas desabafou o doloroso despeito em uma poesia que, pela primeira vez, decorridos mais de trez seculos, vem a lume. Os seus biographos inculcaram-no como poeta, e até o indicam como auctor encuberto de uma ou duas das composiçoens attribuidas a Gil Vicente; mas nenhum documentou com versos cathegoricamente a capacidade do infante. Como prosador, são conhecidas as suas cartas a D. João de Castro, vice-rei da India, e por ellas podemos consideral-o um dos regulares escriptores do seu tempo. Não o abona me-

nos a educação que deu a seu filho D. Antonio, toda clerical, é verdade; mas era essa a mais primorosa d'aquella epoca.

A poesia, que pela primeira vez sahe estampada, encontrei-a em uma collecção de documentos coevos do seculo XVI que pertenceu ao conde d'Azevedo, e hoje deve estar na Bibliotheca Publica do Porto. Não são do codice as notas que lhe ajuntei onde me pareceu conveniente esclarecer as escuridades do poeta. Tive duvida na genuinidade de alguns termos; porém, não tinha outro exemplar para conferencias e illucidaçoens.

Segue a poesia fielmente trasladada:

TROVAS QUE SE FIZERAM QUANDO EL-REI D. JOÃO III CASOU A INFANTA D. MARIA SUA FILHA COM FILIPPE, FILHO DO IMPERADOR CARLOS V, REI DE ESPANHA, E DISEM QUE AS FEZ O INFANTE D. LUIZ SEU IRMÃO

Ya se te viene llegando
aquel tiempo, hermano mio,
de todo tu señorio
perderes, burla burlando,
en verdad.
Como sea tu bondad
de innocencia ceñnida,
no sentiste la maldad
en tus consejos texida.

Los que por amigos tienes
mas que a tus hermanos,
fueram sus consejos sanos
a provecho de sus bienes,
y estos tales

sus pensamientos caudales
son como podiam ser,
muy grandes cosas haser
fuera de las leys mentales.

En caso tão varonil,
y aun para peor ser,
trocaste tu parecer
por un loco feminil. (1)
Si supieras,
en tus passados pudieras,
ver quanto mal ordenó
una muger que quedó
la qual Dios quitó deveras. (2)

---

(1) Allude a sua cunhada D. Catharina, promotora do casamento da infanta com Philippe II.

(2) Refere-se a D. Leonor de Aragão, mulher de el-rei D. Duarte. Foi ella quem moveu o marido a consentir a infeliz tentativa de Africa — em que ficou captivo o infante D. Fernando—pelo odio que tinha aos cunhados, e particularmente a D. Pedro duque de Coimbra, contra quem moveu a guerra civil que mais tarde teve o seu tragico desfecho em Alfarrobeira.

Casos que no son dudosos,
mas verdaderos consejos
allarás en hombres viegos
que no son codiciosos;
que amicicia
no consiste en codicicia,
por que el viego codicioso
ya mas se vió piedoso,
ni de Dios temer justicia.

Si muchos hijos barones
tuvieras, podera ser
que los consejos de ayer
fueran dinos de perdones;
pero cata
que, se Dios un solo mata,
lo que no está muy lexos,
que tus gemidos ni quexos
no valdran oro ni plata. (1)

(1) D. Luiz, fallecido em 1555, ainda viu morrer seu sobrinho em 2 de janeiro de 1554.

Y aquel deseado amigo
que a nuestras cuestas procuras
no te engane las pinturas
dulces que tras consigo;
que su fuero
es llegar como cordero
hasta donde puede hallar
tiempo de poder tragar
como lobo carne e cuero. (1)

Si por caso no me engaño,
entonces verás abiertos
los thesouros descobiertos
causadores de tu daño;
y comprado
lo que poco ha custado,
a quien lo quisiste dar,
no dexaram de burlar
de como te han burlado.

---

(1) Prefigurou-se-lhe propheticamente a indole de Filippe II.

A tus hermanos carnales
devieras crer ya por cierto
que lumbreros tan reales
te daran seguro puerto;
y tal par
Dios te los quiso dexar
por quitarte de contiendas;
y si a otros te encommendas
mal tras mal has de hallar.

Dexa taes opiniones
de la religeon christiana,
y sè christiano a la llana;
no te cures de invenciones.
Mira el clero
que te aclara sin duelo;
no dexes levar la manta
a los que sob color santa
te quieren poner por suelo.

Y de quanto te aqui digo
quasi a son de prophecia
a Deos tomo por testigo
que el es que mi lengua guia,
y podera ser

que el que lo pensou haser
a tencion de su provecho
que se buelva en despecho
su retorcido saber.

ERRATAS DO N.º V

Pag.	15 —	linha	3 —	*destemidez*,	emenda.	*destimidez.*
"	22 —	"	19 —	*de que.*	"	*do que.*
"	41 —	"	1 —	*meniatura,*	"	*miniatura.*
"	96 —	"	15 —	*cerimonias,*	"	*ceremonias.*

CAMILLO CASTELLO BRANCO

VULCOENS DE LAMA

ROMANCE

Um elegante volume de cerca de 300 paginas.

Preço 700 reis, pelo correio 730.

A' venda na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso 4 e 6 — Porto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE

WILLIAM SHAKESPEARE

TRAGEDIA EM CINCO ACTOS, TRADUSIDA PARA PORTUGUEZ

POR

D. LUIZ DE BRAGANÇA

1 vol. 300 reis.

Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6 — Porto.

AGENCIA

COMMERCIAL PORTUGUEZA

DE

Lourenço Marques d'Almeida

40 — RUA DO CARMO — 1.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

Todos os pedidos devem ser feitos a esta casa, unica representante no Imperio

DA

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DO

PORTO.

PQ
9261
C3S47

Castello Branco, Camillo
Seroens de S. Miguel de
Seide

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 05 07 024 7